



Como resposta à "cimeira" de Moscovo

CRESCCE O ATAQUE À CIDADE CHAVE



Peter Kreisky de 28 anos, filho do primeiro-ministro austríaco, também tomou parte nas manifestações hostis a Nixon em Salzburgo.

(Telimprensa/UPI/DL)

DE HUÉ

Pelo segundo dia consecutivo, forças da FNL e norte-vietnamitas intensificaram os seus ataques à antiga capital imperial de Hué, numa acção de resposta à visita de Nixon a Moscovo, que começou hoje. Os atacantes, acompanhados de tanques, furaram esta manhã as defesas externas de Hué e forçaram os defensores sul-vietnamitas a recuar numa extensão de 3200 metros. Os atacantes encontram-se agora a 32 km de Hué, cuja queda, segundo os observadores, deixaria em situação extremamente delicada o regime de Saigão.

Também continuam os violentos combates nas imediações de Kontum, onde os defensores, em inferioridade numérica, só conseguem resistir devido ao apoio da força aérea americana, que tem utilizado, em vagas maciças, os gigantes B-52.

Em Singapura, o comandante do navio soviético «Zeya», que partiu de Haiphong três dias depois de o bloqueio ter começado, afirmou que a descarga de mercadorias se fizera normalmente apesar dos violentos bombardeamentos. (Mais notícias no interior).

O Brasil quer mais comércio com Angola

O ministro Delfim Netto, que é titular da Fazenda no Governo brasileiro, mas tem literalmente o «status» de primeiro-ministro, está em Lisboa, etapa final de uma viagem à Europa em que negociou financiamentos para o aeroporto super-sónico do Rio de Janeiro e prosseguiu conversações sobre ligação ao Mercado Comum em Londres e Paris. Vem assistir à abertura em Lisboa da 16.ª agência do Banco do Brasil no exterior. A visita é informal, mas tem o objectivo declarado de intensificar, de alargar relações, de instalar uma «corrente comercial», particularmente em Angola.

O CASO DA "HERANÇA SOBRINHO"

Os irmãos Miranda ter-se-iam apoderado de 14 mil contos

(Reportagem na últ. pág.)

O HOMEM QUE MUTILOU A "PIETÀ"



Laszlo Toth, o homem que ontem mutilou a Pietà de Miguel Angelo, na Basílica de S. Pedro, em Roma, foi entregue às autoridades italianas, pesando sobre ele uma dupla acusação: a de ter danificado um monumento público e a de ofensa à religião e profanação de um objecto de culto. Além disso, vai ser submetido a um exame psiquiátrico. «Faço hoje 33 anos, a idade que Cristo tinha quando foi morto. Foi por isso que danifiquei a Pietà» — foram as primeiras palavras de Toth ao ser preso. Apesar da sua origem húngara, possui a nacionalidade australiana. A restauração da estátua vai ser tentada pelos especialistas.

O DISCURSO DE SANTARÉM

A burguesia tem tendências acomodatícias», afirmou o prof. Marcello Caetano no plenário da ANP de Santarém, ao apontar o «duplo papel de colaboração com o Governo» da associação a cuja Comissão Central preside. Na luta de ideias, respondendo à propaganda do adversário e na resistência à revolução, se resume esse papel, segundo o Presidente do Conselho, que criticou os burgueses que, «iludidos», subsidiam desde os grupos contestatários até à Imprensa revolucionária». (Pág. 2)



O Presidente do Conselho discursando em Santarém

DL /VIDA NACIONAL

MARCELLO CAETANO:

“Burgueses subsidiam grupos contestatários”



Marcello Caetano em Castelo Branco

Críticas à «tendência acomodaticia» da burguesia foram ontem proferidas por Marcello Caetano que, sem ser comunicado, compareceu ao encerramento do plenário da A. N. P. de Santarém. O presidente do Conselho estivera na noite anterior em Monfortinho, após o que, em Castelo Branco participou na manhã de domingo nas comemorações do bicentenário da cidade. Depois do almoço no Governo Civil da capital da Beira Baixa dirigiu-se, de automóvel, para Santarém.

O Presidente do Conselho congratulou-se no seu discurso com as reuniões locais da

Ação Nacional Popular, que são, disse «da maior utilidade». Criticou depois a concepção da política como luta pelo Poder, à qual declarou ter a sua geração preferido a «a política que tivesse exclusivamente em vista equacionar e resolver os problemas».

«A verdade, porém» — acrescentou — «tem de vir à tona. Cada época apresenta os seus problemas. E os problemas das décadas de 30 a 60 foram sobretudo, os de dotar o País das infraestruturas básicas que completamente lhe faltavam. Percorra-se o País de lés-a-lés: pergunte-se quando foi construída ou renovada a estrada ou a ponte, de quando data o porto, quando foram edificadas as escolas, os museus e os hospitais, quando se ergueu a barragem e se electrificou a região, a idade do abastecimento das águas ou da rede de esgotos, da renovação urbana, dos melhoramentos rurais, da introdução do regadio por aproveitamento hidroagrícola, dos bairros de casas económicas... que sei eu?... e ver-se-á que na maioria esmagadora dos casos a resposta virá com um ano situado entre 1930 e a actualidade.

«Entretanto, chegou a hora da industrialização. E também nesse período não faltou a acção

promotora e estimulante do Governo para o lançamento das indústrias básicas e para o fomento das que deveriam ser o seu complemento».

Depois de ter defendido uma vez mais a sua política de renovação na continuidade, Marcello Caetano deteve-se na análise da ofensiva anti-governamental e no duplo «duplo papel de colaboração com o Governo» que cabe à A. N. P. na luta de ideias e na resistência à revolução.

«A burguesia tem tendência acomodaticia», disse o Presidente do Conselho ao criticar a tendência para «transigir com todas as exigências».

«Como na fábula célebre», prosseguiu há muitos burgueses que ao embarcar na carroça da contestação julgam que os levam ao mercado... E nessa perigosa ilusão aplaudem, acolitam e... subsidiam. Subsidiam desde os grupos contestatários até à imprensa revolucionária. Que iludidos estão! Deus nos livre, Deus os livre a eles que a revolução social se produzisse. Eles seriam as primeiras vítimas».

E a concluir, Marcello Caetano afirmou que todos deveriam caminhar «na companhia de governantes que tenham da política um conceito nobre... e não a deixem alvitar!».



companhia nacional de navegação

Sede: Rua do Comércio, 85 — Lisboa

AUMENTO DE CAPITAL DE 250 000 PARA 575 000 CONTOS

Por portaria de 8 de Maio de 1972, publicada no «Diário do Governo», III Série, n.º 112, de 12 de Maio de 1972, foi autorizada a elevação do Capital Social mediante a

EMIÇÃO DE 325 000 ACÇÕES DE ESC. 1000\$00 CADA

nas seguintes condições

1 — 250 000 acções POR INCORPORAÇÃO DE RESERVAS

Os actuais accionistas terão direito a receber uma nova acção por cada uma que possuírem, da mesma espécie, contra o pagamento de Esc. 50\$00 de imposto de mais-valias. Este direito será exercido pela apresentação dos títulos, para serem carimbados.

2 — 45 000 acções nominativas COM RESERVA DE PREFERENCIA PARA OS ACCIONISTAS

Os actuais accionistas terão o direito à subscrição das novas acções na proporção das que já possuírem (18 %), ao preço de emissão de Esc. 2500\$00 acrescido de Esc. 127\$00 para imposto de mais-valias. Este direito será exercido pela apresentação dos títulos, para serem carimbados.

As acções não subscritas serão rateadas pelos accionistas que, no Boletim de Subscrição, tenham declarado estar interessados nesse rateio.

3 — 30 000 acções ao portador PARA O PÚBLICO EM GERAL

As acções serão emitidas ao preço de Esc. 3500\$00, e a subscrição sujeita a rateio nas condições a fixar oportunamente.

PAGAMENTO

A realização das subscrições referidas em 2 e 3 será feita em duas prestações iguais, a primeira no acto da subscrição acrescida da totalidade do imposto de mais-valias e a segunda de 20 a 24 de Novembro p. f. As importâncias relativas a acções subscritas e não atribuídas serão devolvidas após o rateio, em data a anunciar, nos balcões dos estabelecimentos de crédito onde as subscrições forem efectuadas.

DIVIDENDOS

As acções a emitir terão direito ao dividendo que vier eventualmente a ser votado para o exercício de 1972, na totalidade as referidas em 1 e 50 % as mencionadas em 2 e 3.

LOCAIS E DATA DA SUBSCRIÇÃO

A subscrição terá lugar de 22 a 25 de Maio de 1972 nas instituições de crédito seguintes que tomaram firme a emissão: Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, Banco de Fomento Nacional, Banco da Agricultura, Banco do Alentejo, Banco de Angola, Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Banco Fonsecas & Burnay, Banco Intercontinental Português, Banco Nacional Ultramarino, Banco Pinto de Magalhães, Banco Pinto & Sotto Mayor, Banco Português do Atlântico, Banco Totta & Açores, Bank of London & South America, Crédit Franco-Portugais, Crédito Predial Português e Montepio Geral.

Só poderão subscrever as acções nominativas reservadas aos accionistas os que sejam possuidores de acções ao portador ou titulares de acções nominativas com o pertence averbado a seu favor.

O prospecto, publicado nos termos da Portaria n.º 103/72, pode ser obtido nos locais de subscrição e na Sede da Empresa.

A entrega dos títulos definitivos prevê-se venha a ser efectuada durante o primeiro trimestre de 1973.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO



PROFESSOR DOUTOR

CARLOS DAS NEVES TAVARES

MISSA DO 7.º DIA

Sua família participa que será celebrada missa pelo seu eterno descanso, amanhã, terça-feira, às 18 horas na Igreja de S. João de Brito.

CIGARROS DESNICOTINIZADOS

SANO

Fabricados com 100% de tabaco puro
sem misturas

SANO

Recomendado aos fumadores sensíveis
à nicotina

SANO

Recomendado aos fumadores sensíveis
ao alcatrão

SANO

É tabaco — satisfaz todo o fumador.
Os cigarros SANO e o tabaco para
cachimbo SANO, somente se vendem
nas Boas Tabacarias do País



Opinião

AVISO À EDUCAÇÃO

O formato grande, o peso, a distribuição limitada do boletim informativo do Gabinete de Estudos e Planeamento da Acção Educativa, constituem certamente obstáculos à sua difusão e à divulgação das matérias que contém, em muitos casos do mais alto interesse. Temas como o do artigo «Educação Permanente — Mudanças que Implica», publicado no volume de Outubro de 1971, deveriam ser moeda de consumo corrente, objecto de discussão contínua, porquanto das orientações que neste particular venham a tomar-se dependerá em grande parte o futuro da sociedade portuguesa.

Fácilmente se ajuizará do valor do texto por algumas passagens nele colhidas, como esta: «A educação, antigamente limitada à formação técnica (ofício, acção especializada), tende a orientar-se para uma formação geral. Com efeito, a participação activa numa sociedade em devir exige, antes de mais, uma aptidão para a modificação e necessita de um apuramento das capacidades de inteligência e de sensibilidade. Pretendendo ser mais eficaz esta formação geral ultrapassa o tempo normal de trabalho e invade o dos lazeres, tornando-se este o momento privilegiado para uma revisão, em vista a uma permanente mutação da cultura».

Citando George Friedman, recorda-se que «todo o planeta tende para aumentar os valores e os conhecimentos da civilização técnica que parece tornar-se universal, quaisquer que sejam as tradições específicas de cada país». Os resultados desta civilização «suscitam, pouco a pouco, a constituição de um sistema educativo muito mais extenso que o da escola, tanto no tempo como no espaço, e que se revela cada vez mais necessário para defender o indivíduo contra todos os novos perigos de poder absoluto, de «manipulação» e alienação culturais.» Sob reserva de que os perigos referidos não são tão novos como isso, a verificação é perfeita...

Mais adiante, afirma-se: «A inovação, que no plano do conhecimento se traduz em actos, constituía outrora um domínio reservado aos especialistas da ciência, da técnica ou da arte. Actualmente tende a penetrar na actividade quotidiana de cada indivíduo levando a contínuas modificações, à criação e recriação constantes do modo de vida pessoal, familiar, profissional ou político». E focando um aspecto que talvez tenha sido demasiado esquecido: «(A educação de adultos) arriscar-se-ia no entanto a ser pouco eficaz sem uma preparação pela educação escolar e universitária. A investigação demonstrou que os sistemas de educação de adultos não são geralmente usados por aqueles que mais carecem de educação escolar e universitária, mas pelos outros, aqueles que têm o mais alto nível de instrução».

Referindo-se à influência determinante que têm actualmente os peritos na sociedade moderna, lembra que esse facto «obriga os cidadãos a instruírem-se sem cessar para não serem esquecidos, manejados, alienados. Nestas condições, é possível que as primeiras formas de educação de adultos, centradas na liberdade de escolha dos indivíduos face às novas situações, sejam o germe de uma remodelação de todo o sistema escolar e universitário de amanhã». E acrescenta-se esta frase, que consideramos extremamente rica de consequências: «O outrora, a renovação pedagógica começou na escola infantil; é possível que amanhã tenha a sua base na inovação da educação de adultos».

Sem outra intenção que não seja a de chamar a atenção do público para questões que tão de perto lhe tocam, fechamos este comentário que o não chegou a ser... Porque não diríamos melhor.

Animais e vegetais

«Algumas espécies animais em vias de desaparecimento. A civilização ameaça a natureza. «Este título de jornal é suficientemente explícito, põe-nos de sobreaviso contra a ameaça que a nossa sociedade faz pesar sobre a natureza. A industrialização em perpétuo desenvolvimento e o aumento do nível de vida das populações são, entre outros, os principais agentes de destruição da nossa biosfera, isto é, elementos naturais como a terra, a água, o ar, a fauna e a flora.

Um exame ordenado pelo Comité Federal para a Protecção da Natureza (Alemanha Federal) revelou que numerosas espécies animais e vegetais ameaçavam desaparecer. Assim, no decurso dos últimos quatro séculos, 130 espécies animais desapareceram para sempre, enquanto 550 outras espécies se rareficeram ou estão em vias de extinção. As cegonhas, as aves dos pântanos e as aves aquáticas, os salmões e os caranguejos são em número muito limitado na Alemanha Federal. Apenas se encontram nas reservas naturais. Quanto às aves canoras, a sua vida também está em perigo, por causa dos produtos químicos lançados nos campos e nas florestas para combater os parasitas. Durante este século, o seu número diminuiu de 90 por cento, o que é lamentável, se nos lembrarmos de que estas aves tomam parte activa na destruição dos insectos. Muitos animais selvagens desaparecem igualmente. O lince, o lobo e o urso deixaram de existir na Alemanha Federal. Ainda se encontram alguns gatos bravos nas montanhas de pouca altitude.

O caçador de hoje tem um novo papel. Em vez de dizimar os animais, protege-os e contribui assim para a conservação das espécies e sua reprodução. A lei alemã relativa à caça é o instrumento desta reforma. O seu objectivo é conciliar os interesses dos caçadores e os da natureza. O mundo vegetal também atraiu a atenção das autoridades competentes alemãs. Assim, o Comité Federal para a Protecção da Natureza verificou que só na região de Estugarda 6 por cento das espécies vegetais tinham desaparecido no espaço de um século. Em Berlim, a proporção é de 12 por cento e em Francoforte 17 por cento.

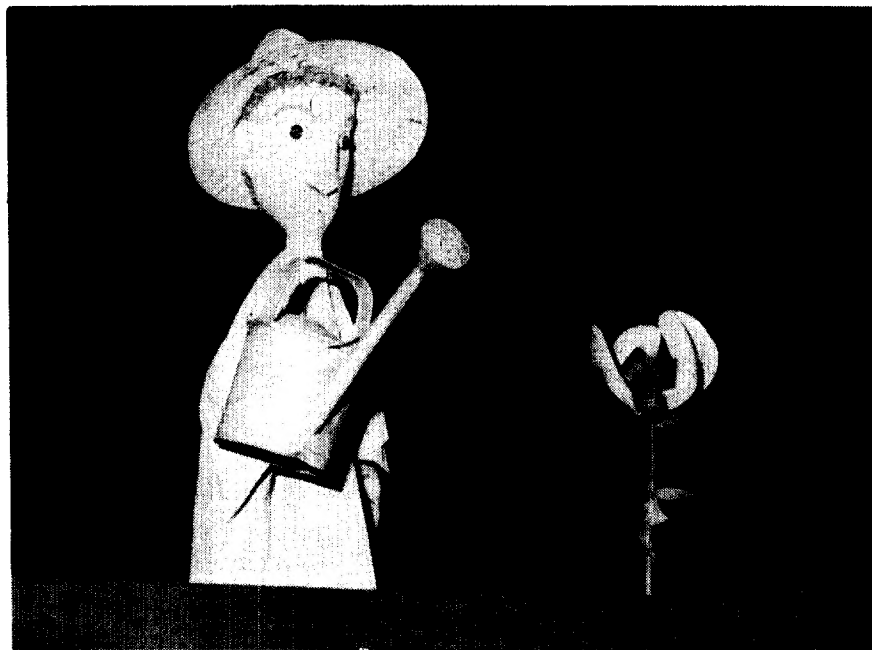
O exemplo seguinte põe em evidência as consequências desastrosas que viria a ter uma extinção do mundo vegetal. Assim, se a Floresta Negra viesse a desaparecer um dia, uma grande parte da Europa Central sofreria ao mesmo tempo de um calor excepcional e de um vento glacial, enquanto o solo perderia progressivamente a sua fertilidade.

Referindo-se a estes factos, o chanceler Willy Brandt declarou recentemente perante o parlamento: «O governo alemão está consciente dos perigos que ameaçam a natureza e da necessidade de proteger o mundo vegetal e animal.»

A opinião de Camões

Qual roxa sanguessuga se veria/ Nos beijos da alimária (que, imprudente, / Bebendo a recolheu na fonte fria) Fartar co sangue alheio a sede ardente; / Chupando, mais e mais se engrossa e cria, / Ali se enche e se alarga grandemente; / Tal a grande coluna, enchendo, aumenta / A si e a nuvem negra que sustenta.

OS LUSÍADAS Canto 5, Est. 21



URBANO TAVARES RODRIGUES

UMA NOVA VIA PARA O TEATRO

A crise iniludível do teatro, o descrédito do teatro, salas desertas, a espessa maré do desinteresse, com bolhas de riso grosso e digestivo (dos retardados) para o que resta da comédia de boulevard... É a perspectiva teatral deste Maio 72, quanto à relação teatro-público. Urge, sem dúvida, fazer inquéritos junto de diversos grupos sociais — técnicos, operários, estudantes, empregados, médicos, advogados, comerciantes, camponeses, e até junto das marginais, inquéritos sobre o que o teatro significa para essas pessoas, o que dele esperam, se aceitam ou se lhes repugna o género de teatro que as salas de espectáculos nos propõem.

Receio bem, no entanto, que mesmo esses inquéritos não nos sejam já, neste momento, de grande ajuda, tal a gravidade da anquilose que se detecta no corpo do público. Será que no trânsito do terceiro para o último quartel do nosso século não basta já o actor descartar-se de certos meios exteriores de expressão, nem o texto orientar-se para uma comunicação mais directa e, ao mesmo tempo, mais profunda, fora dos rendilhados da psicologia lapidária ou das convenções do drama? Será necessário, para ressuscitar o teatro, um diálogo terrível entre os ocupantes do espaço cénico e o público? Será preciso pôr (ou repor) em causa, nos espectáculos de teatro, não só o *statu* como a *mimesis* vital a religião do homem à terra?! Deverá o teatro, na era da poluição, da avalanche dos computadores, da massificação da cultura, funcionar como um antídoto?! Sim, o teatro pode, precisamente hoje, em 1972, mau grado o justo incremento e o prestígio do cinema (e até a concorrência da televisão) provocar reacções fortes. Pode e deve desmistificar, demitificar. Pode e deve incorporar a dança e a música, o atletismo e a acrobacia, a concentração mental e a tensão erótica. Tem de exigir do actor a amplificação do «eu» e a sua transmissão. Tem de criar uma linguagem nova, capaz de comunicar conteúdos ricos e de o fazer de uma forma particularmente impressionante, que sintonize a capacidade perceptiva dos diversos estamentos da sociedade portuguesa e se torne a viva imagem das suas contradições, aspirações e negações, o espectro do seu presente, o projecto do seu futuro, o alarme, o grito, a raiva da impotência, se impotência houver. Será esse o teatro de que precisamos? Será esse, ressalvadas as devidas proporções (ou seja, a diferença entre a senda dos primeiros passos e o caminho franco das marchas ardentes), será esse o rumo dos grupos «Os Bonecreiros» e «A Comuna»? Note-se que até este último nome é, em si mesmo, alusivo a uma realidade colectiva, à necessidade de o teatro se tornar, para além de espectáculo, uma forma embrionária de relação humana, comunitária, um meio de libertar o mundo.

Não estou aqui vaticinando seja o que for acerca destes agrupamentos, sequer apostando neles, sem reservas, para um futuro próximo. Estou, sim, chamando-vos a atenção para a abertura de uma possível nova via, a que ainda não há muito me referi, em artigo publicado no «Diário de Lisboa»: a da deslocação do espectáculo teatral para a escola, para a socie-

dade recreativa, para a rua, para a empresa, para a fábrica, para o campo; a experiência da encenação colectiva, até à do texto colectivo, eminentemente político (considerando-se que político será tudo o que respeita à *polis*, à cidade). Julgo ter sido dos primeiros, ou o primeiro, no regresso de uma das minhas viagens ao Brasil, a falar entre nós em *teatro jornal*, depois de haver verificado o partido que o «Arena» de São Paulo tirava dessas montagens, já praticadas, em 1967, pelo «Teatro de la Tribu», de Buenos Aires: denúncia do racismo, de toda a espécie de segregação, inclusive a da mulher, da tecnocracia, do belicismo, reivindicação de liberdade cívica, social, profissional, económica, afectiva.

O teatro vivo é a recusa do sistema, é um espaço «livre». Como consegui-lo entre nós? Uma hipótese: será rendoso, do ponto de vista pragmático, da eficácia, o sacrifício da palavra, cujas conotações mais facilmente se evidenciam? E que perda de efeito e de choque daí poderá eventualmente resultar?! É até que ponto as conotações de um teatro predominantemente gestual terão claro impacto? Mas será mesmo preciso «entender» (segundo o código do espectador ainda preso a um teatro académico) tudo o que no subconsciente forma uma imagem, molda um comportamento, motiva um arranque? Não estará essa penetração ao alcance do teatro-espectáculo de expressão corporal, de mimica, de som selvagem, animado só com o verbo possível?

Já pensaram na força do canto na escuridão (de que o *Living Theatre* tem retirado tão boas provas?), na explosão dos hinos do corpo humano liberto, na progressão do indivíduo angustiado para a comunidade solidária, na riqueza dialéctica da simples oposição da rigidez à plétora do movimento e do ritmo?...

Volto a um ponto que me parece fundamental: o da importância da manutenção e da recuperação de uma tradição cultural muito importante.

A um autêntico Teatro Nacional Popular que, entre nós houvesse caberia bem a função de transmitir às novas gerações (através de encenações actuais) os grandes clássicos. Luzia Maria Martins mostrou-nos já, por mais de uma vez, que diligências nesse sentido são viáveis. O didactismo situar-se-ia ainda numa outra esfera, mais próximo daquilo que para a França representa (ou representou com Barrault) o *Théâtre de L'Odéon*. Mas desviei-me, com este paréntesis, das propostas anteriores acerca de uma via de ressurreição do teatro com público, com um vasto público novo. É um campo imenso de estudo, de aventura, de indagação que entre nós se abre e de que não devemos arredar-nos, sejam quais forem as dificuldades. E nem me parece (parece é o que mais se pode adiantar neste terreno tão flutuante), nem me parece que os quadros vivos, os coros, a invenção individual do som e do gesto sejam incompatíveis com o desmascaramento (total ou parcial) da realidade pelo *slogan*, pelo debate, pela notícia, pelo texto singular ou colectivo, satírico, épico, cómico, pelo poema, tudo concorrendo para a alegria intensa ou para o frenesim, para o exaspero da festa pura.

DL/DESPORTOS

AUTOMOBILISMO/MOTONÁUTICA

ONTEM NO TEJO:

"Show" de Alves Barbosa

O Tejo foi mais uma vez o cenário da maior prova de motonáutica que entre nós se realiza.

O «Grande Prémio» é já uma prova largamente conhecida em toda a Europa, estando incluída no número das mais célebres. Não é de admirar, portanto, que, para esta sua 4.ª edição estivessem inscritos alguns dos mais conhecidos pilotos do Mundo, como é o caso do Inglês Thomas Percival, do Belga Dierckx, do francês Michel Escudé e do italiano Pippo Calcaterra, além de outros que não puderam comparecer à última hora, casos dos italianos Taschetti e Corti.

foi a vez do francês Jacques Delpeuche tomar o seu comando e mantê-lo até final sem grande dificuldade.

A «TE» não teve praticamente história. Conceição Ramada — que é habitualmente a vencedora desta classe — loga a 2.ª volta e quando era «leader» destacada da classe e andava nos primeiros lugares da geral, sofreu uma avaria no carburador do seu motor, pelo que foi obrigada a desistir. Na 2.ª mão também apenas fez 3 voltas pelo mesmo motivo.

O vencedor da prova foi Figueiroa Rego que obteve o 2.º lugar na 1.ª mão e venceu a segunda, batendo Almeida Ferro e José Leal. Na «TD» venceu, muito à vontade, Luis Nunes dos Santos que na 1.ª mão ganhou 6 voltas a Cruz Quintal e na 2.ª bateu o mesmo adversário com 2 voltas de avanço.

Para a classe «SD» esperava-se uma boa luta entre os portugueses Fernando Nunes dos Santos, Miguel Centeno Fragoso e Antero Santos e Nunes da Silva e o espanhol Pardo de Andrade.

A expectativa acabou por ser um pouco iludida, uma vez que Nunes dos Santos, que entrou em prova depois do seu início, apareceu pouco depois a reboque e Enrique Pardo de Andrade, que venceu a 1.ª mão, não alinhou na 2.ª, acabando Nunes da Silva por vencer a prova.

As classificações finais ficaram assim estabelecidas: «SE» 1.º Jacques Delpeuche, 800 pontos; 2.º Jean Kaiser, 427 pontos; 3.º Lopez Ucha, 395 pontos. «SD»: 1.º Nunes da Silva, 700 pontos; 2.º Miguel C. Fragoso, 469 pontos; 3.º Pardo de Andrade, 400 pontos. «TD»: 1.º Luis N. Santos, 800 pontos; 2.º Cruz Quintal 600 pontos «TE» 1.º Figueiroa Rego 700 pontos, 2.º Almeida Ferro, 569 pontos, 3.º José Leal, 525 pontos.

IV GRANDE PRÉMIO INTERNACIONAL MERCADO DA PRIMAVERA O Grande Prémio era natu-

ralmente o prato forte da jornada, já que nele estavam incluídos os barcos mais rápidos. Nele estavam inscritos 38 concorrentes, embora nem todos tivessem alinhado à partida. A prova foi disputada em 2 mãos de 1 hora cada, tendo a primeira início às 15h. 30m.

Manuel Alves Barbosa e Manuel Martinho travaram durante muito tempo uma luta empolgante, ultrapassando-se sucessivamente, disputando palmo a palmo o primeiro lugar, que veio a pertencer definitivamente a Manuel Barbosa quando Manuel Martinho e Percival foram obrigados a desistir por avarias.

Em 2.º lugar, com duas voltas de atraso, ficou Alfredo Baptista Rodrigues e em 3.º Percival com 22 voltas.

Na classe «OI» apenas alinharam 3 concorrentes, Mário Gonzaga Ribeiro foi o primeiro a desistir por o seu barco ter sofrido um rombo no casco, afundando-se.

Ruy de Noronha que, como de costume, se apresentou em prova mal preparado limitou-se a fazer número.

CLASSIFICAÇÕES

«ON» 1.º Alfredo B. Rodrigues, 64 voltas; 2.º Manuel Alves Barbosa, 63 voltas; 3.º Thomas Percival 50 voltas. «OI» 1.º Dierckx 55 voltas; 2.º Mário Gonzaga Ribeiro 21 voltas. «SE» 1.º Carlos Mendes, 51 voltas; 2.º Amílcar Lopes Moreira, 47 voltas; 3.º António Fuentes, 46 voltas. «SF» 1.º Aurélio Castelo Branco, 55 voltas 2.º Ramon Ninõ, 54 voltas. «SI» 1.º Michel Taphanel, 36 voltas.

SÉRGIO RIBEIRO TELLES

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Francisco Airoso Borges. «Café Restaurante Borges» — TIRES



A equipa vencedora durante a sexta Prova de Classificação no Florestal de Santa Luzia.

21.º RALLYE DA MONTANHA

Êxito de Carlos Oliveira (DATSUN 240-Z)

António Carlos de Oliveira mostrou-se imbatível não deixando dúvidas acerca da sua boa forma actual e da completa adaptação ao Datsun 240-Z. Ganhou os doze troços cronometrados deste «Rallye» da Montanha e António Borges, o melhor depois de António Carlos, somente no terceiro troço conseguiu terminar com o mesmo tempo do vencedor, tendo sido segundo em dez provas de classificação e terceiro noutra. Luis Netto venceu o Grupo 1 e Jorge Nascimento, como já vem sendo hábito, foi «dono» do Grupo 2.

Este 21.º «Rallye» da Montanha decorria na região de Viana do Castelo. Os concorrentes partiam do Monte de S.ta Luzia, iniciando a primeira etapa que os levava às Florestais de Ponte de Saim, Nogueira, Serra D'Arca, Castelo, Portela, Orbacém e Santa Luzia.

António Carlos de Oliveira, o «ponta-de-lança» do «Team Kendall-Datsun», fez uma prova excelente, não tendo tido adversário capaz de pôr em perigo a sua posição de primeiro, conseguida logo na prova de classificação de Ponte de Saim com

que abria a prova. António Borges, que tem sido o seu grande adversário desde o princípio da época, confessou-se incapaz de aguentar o ritmo que António Carlos manteve ao longo de toda esta prova. No final, quase três minutos separavam os dois primeiros, o que atesta bem a «facilidade» com que o vencedor defendeu o seu lugar. Apesar de tudo, António Borges mantém-se à frente do Campeonato Nacional de «Rallyes» no agrupamento 3/4/5.

No Grupo 2, Jorge Nascimento ganhou ainda mais facilmente, o que já é uma tradição dos «rallyes» deste ano e Raposo Magalhães foi, mais uma vez também, segundo.

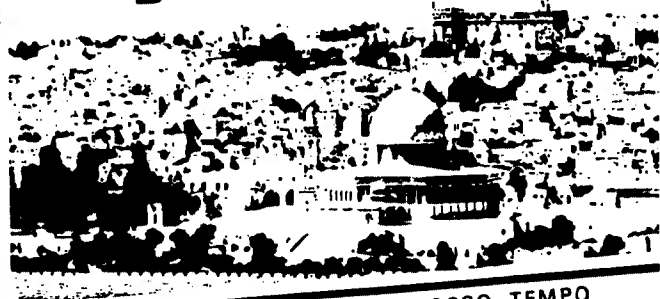
Classificação geral:

1.º António Carlos Oliveira-«Barata» (Datsun 240-Z), 2 h. 07 m. 21 s; 2.º António Borges-Pedro Garcia (Porsche 911-S), 2.10.19; 3.º Américo Nunes-Fernando Fonseca (Porsche 911-S), 2.16.27; 4.º Luis Netto-«Scorpius» (Fiat 125-S), 2.16.51; 5.º Conde do Botelho-Manuel Coentro (Citroën DS 21), 2.19.34; 6.º Mário Figueiredo-Carlos Barata (Fiat

125-S), 2.19.37; 7.º Jorge Nascimento-Jorge Alves (BMW 2002), 2.20.14; 8.º Carpinteiro Albino-Assis Santos (Fiat 125-S), 2.23.22; 9.º Raposo Magalhães-Luis Pedreira (Datsun 1200), 2.25.14; 10.º «Vidigueira»-«Alcaria» (Opel 1604-SR), 2.29.56; 11.º David Cabral-Dinis Mota (Datsun 1600 SSS), 2.30.30; 12.º António Teixeira-José Teixeira (Toyota Corolla SL), 2.32.04; 13.º Rogério Beatriz-António Pinheiro (Vauxhall Firenza), 2.36.02; 14.º Rui Souto-Eduardo Cid (Datsun 2000), 2.39.16; 15.º Jaime Benitez-Pedro Roriz (Datsun 1600 SSS), 2.41.02; 16.º Teresa Torres-Luís Salazar (Datsun 1600 SSS), 2.43.32; 17.º António Bastos-Manuel Romão (Alpine-Renault 1600), 2.45.26; 18.º M. Martins Teixeira-Ant. Magalhães (Austin Cooper-S), 3.07.12; Grupo 1 — 1.º Luis Netto; Grupo 2 — 1.º Jorge Nascimento; Grupo 3/4/5 — 1.º A. C. Oliveira; taça das senhoras — Teresa Torres.

MIGUEL BARROS

oh pelos mesmos autores de
"PARIS JÁ ESTÁ A ARDER?"
DOMINIQUE LAPIERRE
e LARRY COLLINS
jerusalém



NO CORAÇÃO DO NOSSO TEMPO
UMA FORMIDÁVEL NARRATIVA HISTÓRICA.
AVENTURA, DRAMA, HEROÍSMO
E SEGREDO REVELADOS.

uma edição VOLUME ILUSTRADO — 145\$00
LIVRARIA BERTRAND
APARTADO 37 - AMADORA

L I C A R

AV. CASAL RIBEIRO, 48-A

OPEL REKORD II

EM EXPOSIÇÃO NOS DIAS 22 E 23 DAS 19 ÀS 24 HORAS

"DL"/ESPECTÁCULOS

TV / DISCOS

«COM SEU ARQUINHO E BALÃO», POIS ENTÃO!

Há sempre quem vela por nós. Alguém que deseja espantar para bem longe, as nossas mágoas. Obrigadinho, obrigadinho. Encontra-se no número desses tais Leopoldo Nunes, a quem todos (incluindo os toiros) muito devem. Ele é perfeitamente incansável. Quando se trata de festejos, bairros populares, sardinha assada, etc., o seu nome logo aparece. Mal sabes, Lisboa ingrata, quanto lhe deves! Pode a tristeza lançar-nos o seu harpão, pode a melancolia guitarrar-nos aos ouvidos - de balde: Leopoldo Nunes, sentinela camarária vigilante, não desiste da sua nobre missão de:

E sabem vocês onde ele se vai pôr nestas alturas? Vocês sabem onde se coloca ele quando lhe vem a vontade dos festejos, em Junho? Nem mais nem menos: no Castelo de S. Jorge. Para quê? Não esqueçamos que se trata de uma alma de poeta e que os poetas preferem as grandes alturas! Ouçamo-lo:

«Aqui, do alto do Castelo de S. Jorge é que melhor se compreende como é linda esta cidade de Lisboa. E como ela merece todo o nosso carinho, todo o nosso encanto. Venho aqui às vezes, principalmente durante este período das festas, para melhor compreender o conjunto das realizações que vão fazer-se para alegrar este povo que bem precisa de alegria».

Nunca me perdoaria a mim próprio, se deixasse perder na onda fugidia da TV este autêntico poema de meditação e adoração por Lisboa. Que lindo! Leopoldo Nunes procura a companhia das vestustas ameias, acolhe-se à sombra gloriosa da pedra antepassada, para meditar nas realizações. Estamos a vê-lo, na companhia do grande Afonso e seu fiel Ramires, a discutir as cantigas do Bairro Alto, as marcações da Bica, os figurinos de Alcântara. Imaginamo-lo a dar uma pancadinha nas Costas do Martim Moniz e ouvimo-lo murmurar a guisa de

consolação: «Eu sei, meu filho, eu sei que sofreste muito. Foi uma entaladação! Mas deixa lá: Temos o Alto do Pina, temos a marcha de Alfama. Isto é um povo triste. Temos de fazer alguma coisa por ele, temos de o alegrar. Se quiseres, também te arranjo lugar, com arquinho e balão...»

Claro, claro, alegria e siga a marcha!

UMA CERTEZA: NÃO PODEMOS CONTINUAR A CHAFURDAR

Na semana passada esteve na TV Rural o major médico Mira Godinho a dizer-nos que Portugal não pode continuar a ser só Lisboa, que o que fica além de Lisboa não pode ser apenas... paisagem.

Ontem, e a propósito de Tomar e seus termos, continuámos a ouvir coisas importantes e valiosas. Ouvimos: que, com o calor, as moscas e os mosquitos proliferam; e que «houve uma época em que havia a preocupação de fazer coisas que se vissem. A preocupação de mostrar obra feita levava muitas das entidades cá por baixo a dedicarem-se a assuntos que passavam muito longe da água e dos esgotos. Agora, uma mudança de psicologia mostra que têm de ser encarados, que têm de ser construídos e que realmente são fundamentais para o saneamento».

A propósito, fala connosco o médico Manuel Bento, também vereador da Câmara. Refere-se à urgência na resolução dos problemas da água e dos esgotos.

Diz-nos o médico: «Sucedepelo País todo. Na época em que vamos entrar é frequente o aparecimento de doenças, que tomam por vezes carácter endémico - febres tifóides e paratífóides e uma doença muito na berra: a cólera. Urge resolver o problema da água».

E conta. Conta dos casos acontecidos há um ano. Casos graves, motivados pela poluição de poços e fontes. Às vezes, está em jogo a edu-



Por MARIO CASTRIM

cação sanitária das populações: as autoridades fecham uma fonte de chafurdo, as populações abrem logo outra...

O eng.º Sousa Veloso, dirige-se à povoação de Porto Mendo. Rodeado de mulhães, ouve-lhes as queixas, tempera-

das de risos e optimismo. Muita doença ali houve, caramba! (Veloso: não houve nenhum falecimento? Mulher: Graças a Deus...) Outra santa também relata o seu mal: — Eu cá estive pior. Se calhar foi por beber mais água.

Tenho a barriga maior...

As rizadas explodem. Alegria contagiante. O boca-aberta propaga-se à pequena multidão. Nem o tifo pode matar o sentido de humor do povo. Ainda há quem diga que precisamos de alegria!

Galinhas morreram keu sei lá. Mais de mil. Por causa da água, sim senhor. Mas agora a Cambra manda dar água à gente, num camião. Há outras

povações sem água potável? Oh, oh, se há! Alvito, Casas Velhas, Póvoa, Vale do Poço, Fetal de Baixo, Fetal de Cima...

TV Rural, em colaboração com a Direcção-Geral de Saúde, toca a rebate pela televisão. Mas, meus senhores, não nos digam que é preciso fazer: façam. Não digam que é urgente: cumpram. Ou garantam. Ou comprometam-se. Diga, num camião. Há outras

Continua na pág. 7

O ÉXITO DE PATXI

Patxi Andion é neste momento um dos cantores mais vendidos em Espanha. Em Portugal ocupa também um dos melho-

res lugares nas tabelas de vendas. Tivemo-lo há algum tempo entre nós a gravar um «Pop 25» que a RTP, por sinal, continua sem transmitir.



No tempo e na hora da praia, do sol, do mar, Timex «subaquático» está presente. Presente nos seus oito excepcionais modelos «Subaquático-Sport», todos eles testados e garantidos até à profundidade de 25 metros. É ainda o subaquático da famosa linha «Precisão Eléctrica».

Ao comprar o seu Timex «Subaquático» exija o respectivo Cartão de Garantia. A Garantia Timex é total, por um ano, e contra todos os riscos.

Em todo o mundo, centenas de milhões de homens, de mulheres, de jovens, usam Timex e confiam em Timex. Exija Timex, o seu relógio de hoje e para muitos anos.

À venda na sua ourivesaria/relojoaria

Preços desde 245\$00



TIMEX®

o relógio mais vendido no mundo

Veja, na Televisão os duros testes de resistência Timex

YBARRA & C.ª, S.A. SEVILHA

PARA:		
AMÉRICA DO SUL		
CABO SAN VICENTE	9 de Junho	TENERIFE BAHIA RIO DE JANEIRO SANTOS MONTEVIDEO BUENOS AIRES
PARA:		
NORTE DE ESPANHA		
CABO SAN ROQUE	29 de Junho	VIGO BILBAO
PARA:		
MEDITERRÂNEO		
CABO SAN VICENTE	8 de Julho	VIGO ALGECIRAS BARCELONA

OS AGENTES

Em Lisboa:	No Porto:
AGENCIA MARITIMA TRANSATLANTICA, LDA. Rua do Alecrim, 20-C Telefone 32 43 51	KENDALL, PINTO BASTO & C.ª LDA. Rua Nova da Alfândega, 12 Telefone 2 84 21

DL / ESPECTÁCULOS

CINEMA



A Hail Company Production. Original story and screenplay by Larry Spiegel and Phil Dusenberry. Directed by Fred Levinson.

O descomunal Fellini

CANNES — Para os que não viram a «Roma» de Fellini, a palavra que mais depressa ocorre é a de «obra-prima», embora o seu significado esteja gasto e nunca tenha sido da minha especial simpatia.

Mas como definir um filme que é talvez o mais impotente que este cineasta descomunal jamais realizou? Se é certo que «A Estrada» e «Oito e Meio» marcaram datas na história do cinema, «Roma» é o auge de uma prática cinematográfica única, decisivamente ligada ao conceito de imaginário com que Fellini aborda os assuntos aparentemente mais realistas. Constituído por sequências alternadas de Roma em 1939 tal como a recorda Fellini, que tinha então dezoito anos, e por sequências em que o cineasta imagina a Roma actual, o filme revela constantemente o seu carácter subjectivo, muitas vezes recorrendo mesmo à encenação do seu processo de fabricação, isto é, pondo em campo o próprio Fellini e todo o arsenal técnico com que o cineasta reconstitui e filma a sua Roma particular. Não se trata, portanto, de um documentário sobre Roma, mas da visão dantesca de um artista que não hesita em confessar as suas obsessões, em projectar na cidade dita eterna as suas frustrações, a memória duma juven-



tude vivida entre o terror da guerra e do fascismo de Mussolini e, finalmente, a ambição dos muitos filmes que não chegou a concretizar e de que «Roma» é a síntese desejada.

JANCÓS

De Miklós Jancsó, porventura o mais celebrado realizador húngaro da actualidade, inteiramente inédito em Portugal, foram apresentados dois filmes, um na Quinzena dos Realizadores e outro na secção competitiva, respectivamente «Átila: A técnica e o rito» e «Salmo Vermelho». O primeiro, produzido pela televisão italiana, é por assim dizer o balão de ensaio do segundo e só a este nível revela algum interesse. De facto, se «A técnica e o rito» é o pior filme de Jancsó, credor de algumas experiências não conseguidas ou

totalmente em desacordo com o carácter do filme, «Salmo Vermelho» é um modelo do processo de Jancsó, uma espécie de índice remissivo de todas as suas películas anteriores.

HUSTON

Duas produções norte-americanas, a primeira a concurso, a segunda a título de homenagem ao seu realizador, mostram o que é hoje o mais académico e fastidioso cinema de Hollywood e como os veteranos da época áurea de Hollywood conseguem manter ainda a sua vitalidade. Refiro-me a «To find a man», de Buzz Kulik, antigo director das séries televisivas do «Dr. Kildare», e «Fat City», último filme de John Huston.

De «To find a man» nada há a dizer, a não ser, talvez, que a sua inclusão no Festival se deve à ousadia aparente do tema, durante muitos anos banido dos estúdios americanos:

Quanto a «Fat City» muito haveria a dizer se não fosse o carácter forçosamente breve destes apontamentos. Abordando o mundo do boxe, tantas vezes procurado por outros cineastas americanos, John Huston faz, a seu gosto, uma fábula sobre a condição social e humana do trabalhador de província que chega ao boxe por meras questões de sobrevivência. Os personagens de Huston não são, como geralmente acontece neste género de filmes, campeões arri-vistas à procura de glória, dinheiro ou amantes, mas homens explorados ou famintos que vêem no boxe uma profissão mais rendosa, apesar de nunca deixarem de ser sacos de ringue.

Homens que fazem a maior parte dos profissionais de boxe nas pequenas cidades americanas. «Fat City» é a cidade da abundância que jamais alcançará. A cidade em que, por enquanto e para sempre, vivem, é um esgoto camuflado que Huston, com um sentido de atmosfera impecável, define sem as condescendências da estética miserabilista.

«HAIL»

Ainda de origem norte-americana, vista na Quinzena dos Realizadores, é a produção «Hail» que assinala a estreia no cinema de Fred Levinson, antigo caricaturista e publicista da televisão. A fama com que o filme vinha precedido dos Estados Unidos fez com que a sessão, na presença do realizador, fosse das mais concorridas do Festival. Fama que é fácil de justificar, uma vez que «Hail» constitui certamente um dos ataques mais violentos feitos no cinema contra o presidente dos Estados Unidos da América. Excluímos o filme de Emile de Antonio, «Richard Milhouse Nixon, a white comedy», podemos considerar «Hail» uma comédia sem precedentes na história do cinema americano.

BANGLA DESH

Fora do concurso, mas com toda a gala, foi apresentada a produção do ex-Beatle George Harrison, «Concert for the Bangla Desh», dirigido por Saul Swimmers. É o menos interessante de todos os filmes comerciais até agora votados ao registo da pop música. Realizado em 1 de Agosto de 1971 no Madison Square Garden de New York, o concerto dedicava-se a angariar dinheiro para as vítimas da guerra no Bangla Desh. Na entrevista que inicia o filme, George Harrison confessa modestamente não se ocupar de política e ignorar o que se passa ao certo no Bangla Desh. O que é de lamentar, porque o espectáculo e o filme produzidos constituem um acto político. É de lamentar particularmente, no caso do filme, porque, para além das razões concretas que levaram à guerra, a obra revela-se, de princípio, demagógica e reaccionária, apesar das intenções. Participaram no espectáculo filmado, excluindo as 40 000 pessoas que renderam à UNICEF mais de 250 000 dólares, os nomes de George Harrison, Ringo Starr, Bob Dylan, Eric Clapton, Billy Preston, Leon Russell, Ravi Shankar, Klaus Woorman, o grupo de guitarras acústicas «Badfinger», Jesse Davis, Jim Horn, Jim Keltner, Claudia Linnear e Carl Rodde.

No âmbito do festival deste ano foi prestada homenagem a Groucho Marx, presente e bem disposto, com a projecção de «Uma Noite na Ópera», um dos mais fabulosos filmes dos irmãos Marx.

A terminar a sessão, Groucho foi oficialmente condecorado pelo ministro da Cultura francês. Os espectadores mais atentos repararam que, pouco antes do ministro chegar à cadeira em que Groucho estava sentado, o actor tinha os pés em cima do corrimão da frente, e respondia em voz alta às solicitações do público. Eis um «gag» extra filmico bastante aplaudido.

NOVO CASINO ESTORIL

SLOT MACHINES
ACESSO LIVRE
MAIORES DE 21 ANOS

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15
AS 3 HORAS

EMOTION
Vedetas da Rádio e da TV Inglesa

RUDI HORN
FAMOSA ATRACÇÃO MUNDIAL

LIDIA RIBEIRO
COM RAUL SILVA NOBRE COSTA

FASCINATION REVUE
PRODUÇÃO DE JOSÉ MONTES

“NUEVOS AMIGOS” “OS MOZAMBEAT'S”
FERRER TRINDADE E SUA ORQUESTRA
DUNYA DI BORA SÓ NO WONDER BAR

Por se encontrar reservado o Grande Salão Restaurante, onde decorre o Congresso da General Electric, os clientes habituais do Casino têm à sua disposição o Wonder Bar, onde os espectáculos são apresentados às 23 e 30 e à 1 e 15 horas.

ANDAR-CHIADO

ALUGA-SE, RUA GARRETT, 61-4.º, DRT., 11 SALAS, BOM PARA ESCRITÓRIOS, CONSULTÓRIOS, ETC. — MOSTRA O PORTEIRO NO LOCAL — INFORMAÇÕES NO LARGO DO CORPO SANTO, 13-5. LISBOA



COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES



EMISSION DE 130 000 OBRIGAÇÕES DE 6%, 1972

RATEIO

Tendo a Subscrição Pública atingido o total de 152 684 Obrigações, houve que proceder a rateio, o qual deu o seguinte resultado:

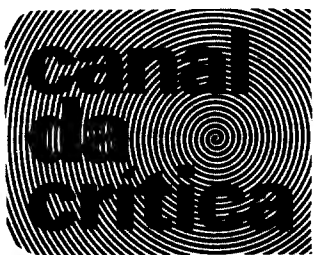
OBRIGAÇÕES	
SUBSCRITAS	ATRIBUIDAS
Até 150	Todas
de 151 a 200	150
» 201 a 300	200
» 301 a 400	250
» 401 a 500	300
» 501 a 600	400
» 601 a 700	500
» 701 a 800	600
» 801 a 900	700

OBRIGAÇÕES	
SUBSCRITAS	ATRIBUIDAS
de 901 a 1000	800
» 1001 a 1250	900
» 1251 a 1500	1000
» 1501 a 1750	1250
» 1751 a 2000	1500
» 2001 a 2500	1750
» 2501 a 3000	2000
» 3001 a 4000	2500
» 4001 a 5000	3500
acima de 5000	4000

As importâncias relativas às obrigações não atribuídas serão reembolsadas, a partir do dia 22 de Maio de 1972, nos Estabelecimentos de Crédito onde foram efectuadas as respectivas subscrições.

MELHOR SOM
MAIS LUZ
PILHAS
GATO BRANCO

DL / ESPECTÁCULOS



Continuação da pág. 5

gam: em tantos de tal vamos ter água potável em todo o lado. Até lá, façam isto e aquilo. E então utilizem a televisão para ensinar a fazer isto e aquilo, enquanto a potabilidade não vem.

De qualquer modo, esconder os problemas não. Para quê? Os problemas ficam, acabam por se meter pelos olhos dentro... Como se viu agora.

«SERENATA» DE COIMBRA: TUDO NEGRO, NEGRO, NEGRO.

Coimbra. Coimbra voltou. Mas o Coimbra, eras tu mesma? Tu eras aquelas capas negras, aqueles violas de cara baixa, aqueles cançonetistas amarfanhados pela dor e pelo lugar-comum? Fadinhos daqueles, o Coimbra? Obrigadinho. Prefiro umas arrufadas.

Cantaram Mário Veiga e José Adelino Leitão. Chamaram àquilo *Serenata* - e aqui temos nós mais uma palavra sem sentido.

Não, evidentemente, que as letras não contivessem um grande poder poético. Possuam, além disso, uma forte qualidade: a de nos dar fielmente toda uma circunstancialidade, todo um projecto de vivências capaz de enunciar toda a complexidade de uma estrutura.

Quero eu dizer na minha: daqui a uns anos, quando esta rubrica voltar a ser vista, terão os estudiosos matéria vasta para lances de envergadura sociológica.

Vou, já agora, chamar a atenção para aquele poema interpretado genialmente por Mário Veiga. Temos, logo de início, uma queixa de grande alívio que se casa às mil maravilhas com a nossa tradição galaico-portuguesa, demonstrada nas cantigas de amigo:

Ó minha mãe, minha mãe,
ó minha mãe, minha amada:
quem tem uma mãe tem tudo,
quem não tem mãe, não tem nada.

Logo a seguir, porém, o lirismo toma nova feição, desvia-se para aquela penumbra que Freud investigou:

Quem tem uma mãe tem tudo,
quem a perde é pobrezinho:
ó minha mãe, minha mãe,
onde estás, que eu estou sozinho?

O estudante, isolado, queixa-se, revolta-se, cria-se um clima de solidão a que poderíamos chamar «o complexo do Calhabé»: isolado, perdido no mundo, o cançonetista sonha com o impossível regresso ao ventre materno. Oxalá, para todos nós, pudesse cumprir o seu desejo.

Finalmente, dá-se a grande viagem, a grande decisão: o poema resolve arrastar com a solidão, mandá-la às urtigas, conquistar carta de alforria:

Estou sozinho no mar largo
sem medo à noite cerrada...

Mar largo é exagero evidente. Nesta época, o Mondego é uma gota de água rodeada de areia por todos os lados menos pela ponte. Mas o exagero denuncia uma intenção. Intenção que, no entanto, se dissolve. O medo regressa. O cantor está só, cada vez mais só. Mais só e tramado. A solução é gritar pela mãe:

Ó minha mãe, minha mãe
ó minha mãe, minha amada.

Este poema, pela sua modernidade e genealidade, merecia uma leitura mais atenta. Hoje, porém, é impossível.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Luiz Pinto, «Café Sena» CEIA

COMO COMEÇA O REUMATISMO?

O reumatismo assume muitas formas mas há características invariavelmente comuns - uma pontada aqui, e ali, menor facilidade de movimentos, endurecimento gradual das articulações, etc.

A progressiva acumulação de toxinas no sangue é um dos grandes responsáveis pelo reumatismo que, por fim, ataca as articulações. Os SAIS KRUSCHEN ajudam à eliminação das toxinas, através de uma combinação equilibrada de seis sais minerais e de uma dupla acção: diurética e laxativa.

Tomando regularmente os SAIS KRUSCHEN - uma colher de chá num copo de água tépida, todas as manhãs, em jejum - poderá contribuir para o desaparecimento dos primeiros sintomas de reumatismo.

Não consinta num reumatismo crónico - consulte o seu médico se não experimentar quaisquer melhoras.



O seu corpo estará preparado para vestir o seu fato de banho ou vestidos próprios para a temporada? Num tempo «record» ele retomará o aspecto juvenil pelo mais moderno processo de emagrecimento: A GINÁSTICA ELECTRÓNICA. Tratamentos ao domicílio pelas nossas «visitadoras de beleza» especializadas. Marcação e info. EURODINAMICA, LDA. T. 534208

E ENTREPOSTO

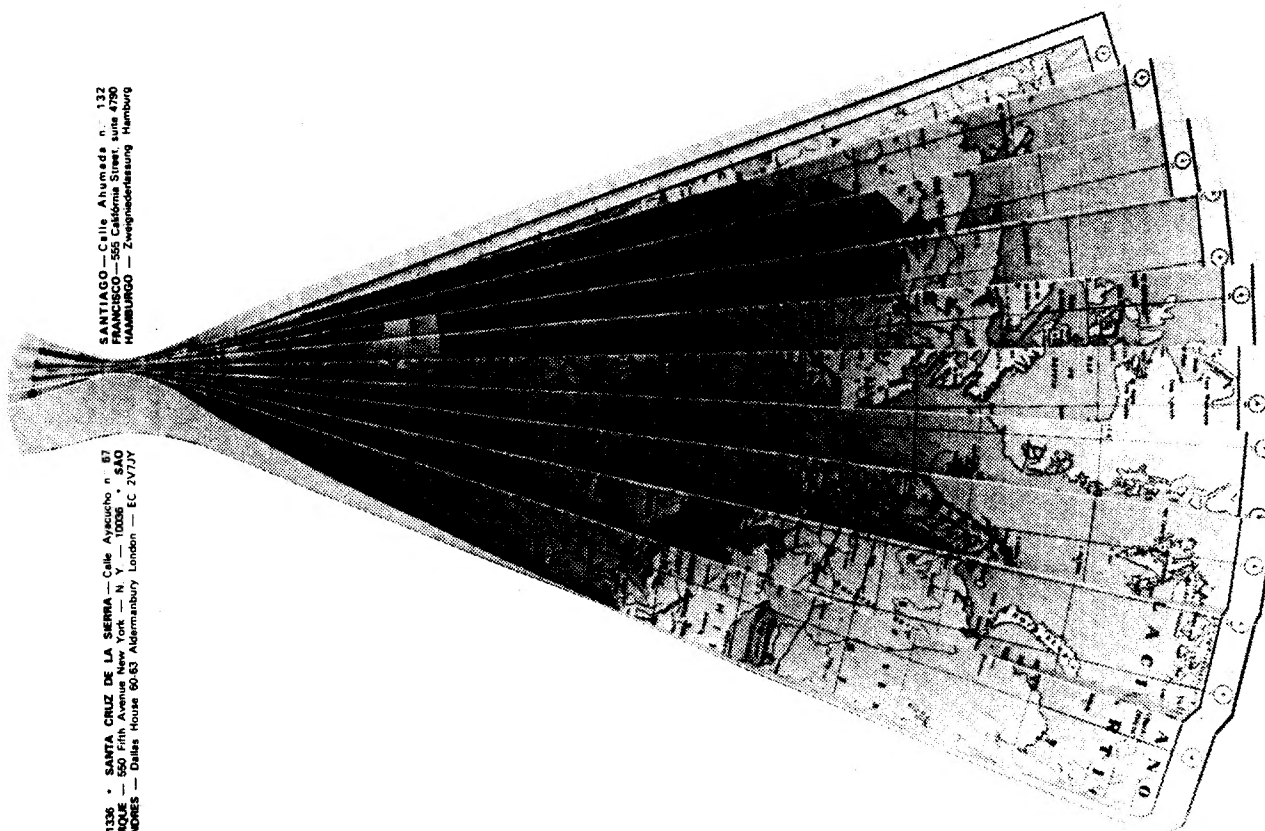
O ENTREPOSTO COMERCIAL DE AUTOMÓVEIS, S.A.R.L.

participa que manterá aberto o seu stand das Amoreiras (Av. Duarte Pacheco, 21-A) até às 21 horas, nos dias 23, 24, 25, 28 e 29 e nos dias 26, e 27 até às 24 horas,

onde estarão patentes ao público todos os modelos **DATSUN** e a Exposição de Trabalhos premiados e classificados no V Concurso Escolar de Pintura e Desenho Cisne

DATSUN

ECONOMIA · PERFORMANCE · QUALIDADE · SEGURANÇA



estreitamos o mundo dos negócios

Hoje, o mundo está transformado: os movimentos de capitais são mais amplos e o investimento é indispensável à expansão. Basta, também, descobrir uma nova necessidade económica para criar uma ponte de progresso. Com o apoio bancário. Onde ele for necessário. Aqui, além, no amplo mundo dos negócios. Num mundo que nós estreitamos.

Ao inaugurarmos hoje, em Lisboa, uma filial, aproximamos Portugal de terras distantes, que ficam, agora, ao pé da sua porta. Você pode efectuar qualquer transacção bancária que a dimensão crescente da sua empresa exija.

O BANCO DO BRASIL põe ao seu dispor mais de 800 agências no Brasil e, ainda, na América Latina, as filiais de Buenos Aires (Argentina), Assunção (Paraguai), Montevideo (Uruguai), La Paz e Santa Cruz de la Sierra (Bolívia), Santiago (Chile) e o escritório na Cidade do México.

Na América do Norte a filial de Nova Iorque e o escritório de São Francisco (Califórnia).

Na Ásia a filial de Tóquio (Japão). Na Europa as filiais de Londres (Inglaterra), Hamburgo (Alemanha), Paris (França) e próximamente o escritório de Madrid (Espanha).

Fale connosco em português porque em português lhe responderemos de todas estas partes do mundo.

BANCO do BRASIL S.A.

Avenida Fontes Pereira de Melo, 14-7. e 8. andar - Lisboa 2. Telef. 41692, 41707, 41734 e 41742. End. Telegráfico: SATELBANCO. Telex 111788LIS.



TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

TEATRO INFANTIL
A METRUL apresenta
TEATRO DO ARCO
DA VELHA

Era uma vez
uma carochinha

Versão em 2 actos de
PINA RODRIGUES
com uma canção de
JOÃO VASCONCELOS
e LUÍS HORTA

Sábado, 27 às 15,30 h.
Domingo, 28 às 11 h.
(Maiores de 4 anos)

Bilhetes desde 10\$00
Crianças até 10 anos
50% de Desconto

KELAHIRAN. Concepção plástica: Victor Belém. Coreografia e direcção de ensaios: Inês Palma. Música: Henk Bandings. Sonoplastia: Secção de Som do Primeiro Acto. Intérpretes: Fernando Barreira, Maria Amélia Mata e Fernando Loureiro. Primeiro Acto (Algés). 13/5/72

No segundo tempo, duas personagens que tinham, entretanto, permanecido imobilizadas na obscuridade da direita do palco, começam a executar movimentos reptiliosos. Graças aos figurinos, têm o aspecto de duas larvas

Rogério Paulo em vez de Solnado

Raul Soinado representou ontem pela última vez integrado no elenco do Teatro Villaret, o seu papel de Tartufo. O mesmo papel passará a ser desempenhado a partir de quarta-feira pelo actor Rogério Paulo.

irrompendo do magma terráqueo (no que são ajudadas pelo aspecto intencional do chão e pelos próprios ruídos). Estes movimentos larvais vão-se tornando cada vez mais precisos até que os actores largam os casulos em que estavam metidos: deu-se a metamorfose. Eis Adão e Eva no Paraíso vigiados pelo anjo que, aliás, possui entranhas estranhamente humanas.

O terceiro tempo é constituído pela movimentação do par cumprindo os «gestos consagrados do amor» para usar a expressão de Arnold Wesker.

No quarto tempo, o anjo volta ao primeiro plano, e há nos seus gestos aquilo que

Talvez esta leitura do espetáculo - que parece estar entre o bailado e o mimodrama - seja abusiva. Talvez, afinal, Victor Belém e Inês Palma não tenham pretendido o mais do que estabelecer uma movimentação de «objectos» plásticamente caracterizados. De qualquer forma, o espectáculo me pareceu interessante: a criação dos figurinos. Já a criação da envolvimento do espaço me pareceu sem a necessária imaginação.

Uma gramática gestual pobre (onde vi sugestões de Bèjart); uma expressão corporal insuficiente (e seria, aliás, a expressão corporal suficiente, por si só, em qualquer caso?); um objecto estético que se abre a uma só leitura - não justificam, a meu ver, o esforço feito. Se Victor Belém tivesse conseguido, como pretendia, criar este espectáculo no próprio local da exposição, «Kelahiran» assumiria talvez um carácter que aqui não conseguiu atingir. Uma palavra de louvor para o trabalho da sonoplástica.

Vai ser lançado no mercado um «single» com a música do filme «Uma Abelha na Chuva», de Fernando Lopes. Nesse disco, e para justificar a expectativa que por certo o rodeará, estão incluídos temas de Manuel Jorge Veloso e poemas de Carlos de Oliveira, sendo os efeitos sonoros da responsabilidade de Alexandre Gonçalves. Em fase de prensagem, o «single» deverá sair para as discotecas dentro de duas semanas, com selo Sassetti. A iniciativa é de saudar. Aqui estamos a fazê-lo, esperando mesmo que o exemplo se repita, sempre que valha a pena. Neste caso vale mesmo.

DL show

Realiza-se hoje o 7.º concerto da série de 1971/72, dedicado a estudantes universitários, em que actuará o Coro Willi Trader. Local: Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa.

AVULSAS

Os três concertos de Lucia-
no Berio em Lisboa: dia 23 —
«Tempi Concertati» e «Folk-
songs»; dia 25 — Laborintus
11, Melodrama, O King, Air For
Soprano e «El Mar La Mar»;
dia 27 — «Recital» e «Sinfonia». Em qualquer dos dias os
espectáculos iniciar-se-ão às
21 e 30.

Coimbra em movimento: hoje, às 21 e 30 o TEUC (Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra) apresentará, no Teatro Gil Vicente, a peça de Buchner, «Woyzeck», enquanto que, por seu lado, o coro misto da Universidade interpretará, sob a direcção de Adelino Marques, música popular portuguesa e espirituais negros. Amanhã, no mesmo recinto, estarão o Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra e o Coral dos Estudantes de Letras, à mesma hora. Entretanto, o famoso Chico Buarque de Holanda (A Banda, Construção) dará um espectáculo em Coimbra no dia 25, acompanhado do grupo MPB 4. O espectáculo está marcado para as 21 e 30 no Teatro Gil Vicente.

O Grupo de Teatro do Campolide Atlético Clube, estreia no dia 27, na sua sede, a peça «Vida do Grande D. Quixote de La Mancha e do Gordo Sancho Pança», de António José da Silva. Este espectáculo tem adaptação literária de Virgílio Martinho, encenação de Joaquim Benite, e conta, na parte musical, com a colaboração de Carlos Paredes.

Guillermo Fierens é um jovem guitarrista argentino. Pois está em Portugal e dará um concerto no Palácio Foz no dia 26.

**CORTA-FORRAGENS
NEW HOLLAND**



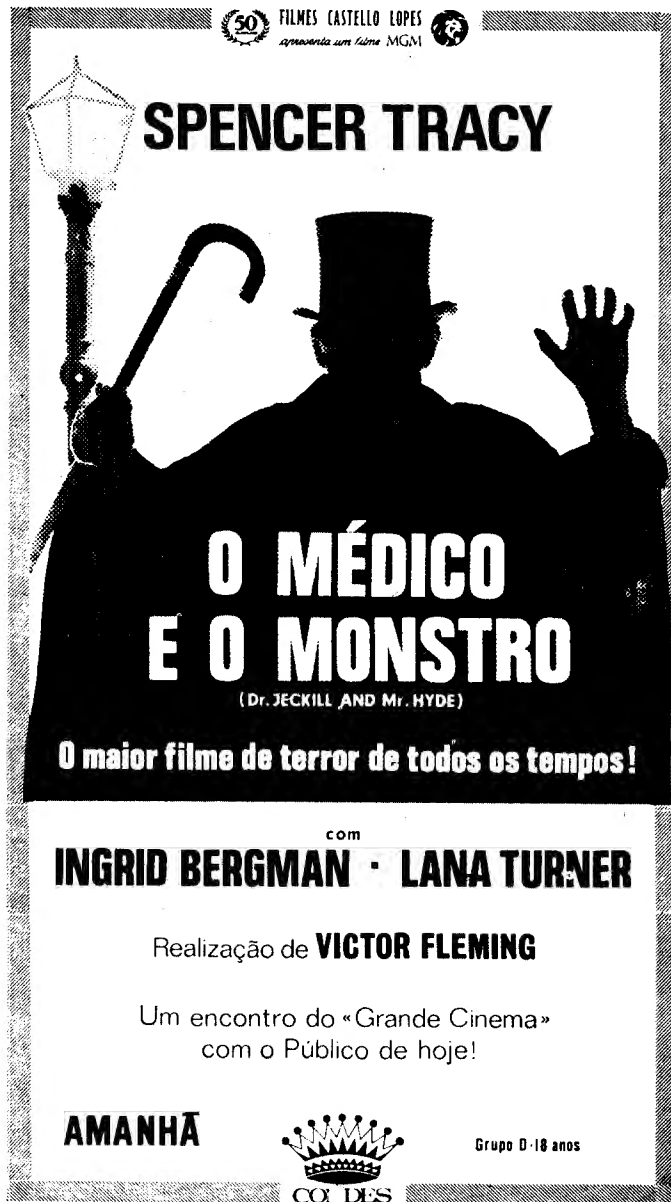
Concebido para funcionamento seguro e para produzir forragem rica a baixo preço para consumo imediato ou armazenamento. Cabeças de corte para forragem e para milho



Obtém corte mais fino, mais regular, colheita mais limpa, rendimento inigualável. Pode ser equipado com barra de corte, pick up, ou cabeça de milho para 1 ou 2 linhas.

J.J.GONÇALVES, SUCRS. C.I.S.A.R.L.
ao serviço da lavoura
SOLICITE-NOS INFORMAÇÃO COMPLETA

72NHCL- 15



DL/GERAL

Treze acertam no treze

O primeiro prémio do concurso do Totobola de ontem atingiu a verba de 3544764\$40. Como o «bolo», segundo os resultados do escrutínio, teve de ser dividido por 13 totalistas, cabe a cada um deles a importância de 280358\$80, com a particularidade de 11 serem da Metrópole e 2 do Ultramar — um de Angola e outro de Moçambique. Os «doze» tiveram mais freguesia: 617 concorrentes puderam chegar ao segundo prémio, o que dá a cada um a quantia de 5431\$60. São 542 da Metrópole e 50 de Moçambique.

Fotógrafo do «DL» roubado na Baixa

De quando em vez, também nós, os dos jornais, somos notícia. Ontem à noite, o nosso camarada José Tavares, que se dirigia à Rua Manuel Jesus Coelho em serviço, estacionou ali o seu automóvel, deixando no interior do mesmo o material do ofício — mala com electrónico e máquina fotográfica com duas objectivas.

Ao regressar ao carro viu que os larápios lhe tinham surripado aquele material no valor de 27 contos, depois de haverem forçado uma das portas do veículo.

Para informação das pessoas a quem os gatunos se dirijam no intuito de vender o produto do furto, apresentamos as referências dos objectos roubados: malestojó de pele preta com interior vermelho; electrónico marca Metz; máquina fotográfica Yashica-ITS Electro X, 1,17 cujo número de registo é o 92 43 26, havendo ainda a assinalar o número de registo da objectiva que a máquina continha, 57 03 64 34, assim como o número da segunda objectiva roubada, 2,8 F 28, n.º 28 86 98 8.

Qualquer indicação sobre o aparecimento deste material, pode ser dada para o nosso jornal ou para o número 32 58 64.

Explosivos apreendidos em Portel

Elementos da D.G.S. e da G.N.R., em acção conjunta, descobriram na Horta do Gusmão, perto de Portel (Beja), grande quantidade de explosivos, que estavam escondidos entre duas paredes, no interior de uma residência.

Uma das paredes era falsa e teria sido construída por um indivíduo que, há cerca de ano e meio, apareceu naquela vila, com um carro de matrícula francesa, e arrendou não só aquela propriedade como um «monte» chamado do Rio Toroto.

Segundo o contrato de arrendamento de ambas as propriedades, tratar-se-ia de Agostinho dos Santos Pestana, o qual viveu na Horta do Gusmão, com uma mulher que se sabe ser natural do concelho de Moura, até à véspera da operação policial.

Em resultado da operação, foram apreendidas algumas centenas de quilos de explosivos — TNT ou Trotil — tendo o locatário da Horta do Gusmão logrado escapar à acção das autoridades, que, entretanto, prosseguem as investigações no sentido de determinar o seu paradeiro.

DESASTRE NA OTA

Hoje de manhã, perto da Ota, A lenquer, um automóvel conduzido pelo seu proprietário dr.

Mário Pais de Sousa, de 42 anos, advogado, residente em Lisboa na Rua António Figueiredo despistou-se e voltou-se. Fi-

caram feridos o condutor, sua esposa, D. Maria Margarida Pais Sousa, de 45 anos, e uma outra passageira, a sra. D. Mar-

garida Daniel Ferreira, de 47 anos, cuja morada se ignora.

O dr. Mário Pais de Sousa e a sr. D. Margarida Ferreira, muito traumatizados, tiveram de ficar internados no Hospital de S. José, para onde foram imediatamente conduzidos após o acidente. A sra. D. Maria Margarida Pais de Sousa recolheu a casa depois de tratada a ferimentos ligeiros.

CLAUDIO ARRAU

Chegou a Lisboa, às 7 horas da manhã de hoje, o pianista chileno Claudio Arrau, que vem colaborar na presente série de concertos promovidos pela Fundação Gulbenkian. Arrau actuará no Grande Auditório da Fundação na próxima quarta-feira, 24, às 18 e 30. Interpretará os concertos para piano e orquestra n.º5, de Beethoven e n.º2, de Liszt.

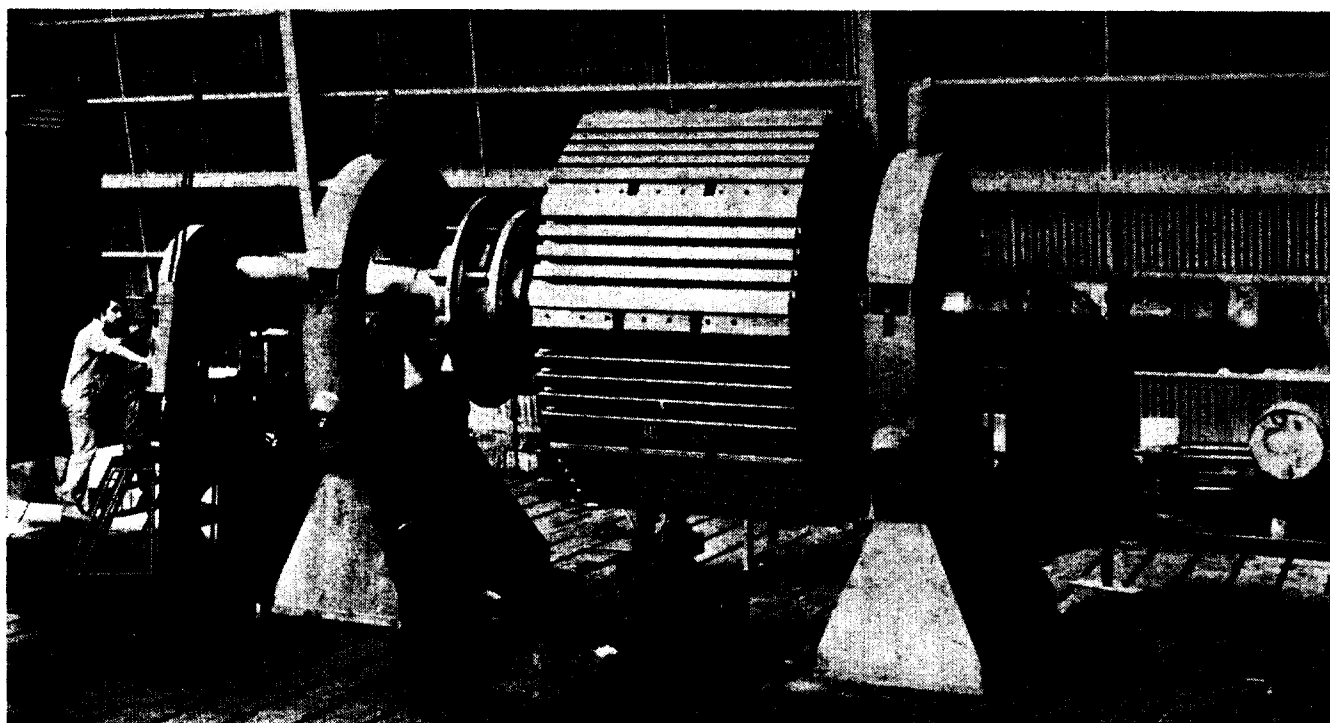
A evolução do mercado de emprego em Abril

Das 6.552 pessoas que, no mês passado, se dirigiram ao Serviço Nacional de Emprego solicitando uma ocupação, apenas 29,2 por cento viram satisfeito esse seu desejo. Simultaneamente, registaram-se 4.369 ofertas por parte de entidades empregadoras.

Estes números constam do boletim de Imprensa do Serviço Nacional de Emprego relativo a Abril, no qual se acentua que, relativamente ao mês anterior, os pedidos de emprego que permaneciam por satisfazer subiram 6,6 por cento. Por outro lado, as colocações sofriam crescimento praticamente idêntico, enquanto as ofertas decresciam 6,3 por cento.

ESTAMOS EM VILARINHO COM:

1 COMPORTA DE LAGARTA 2,20x3,00 m s/ 86,50m, 1 BLINDAGEM, 1 VÁLVULA DE JACTO OCO Ø 2,80m, PARA A DESCARGA DE FUNDO; 1 VÁLVULA DE BORBOLETA Ø 2 800m/m, 1 VÁLVULA ESFÉRICA Ø 1 440m/m, PARA A CENTRAL; 1 COMPORTA DE LAGARTA 3,05x3,95m s/ 73m, 1 GRADE MÓVEL 3,65x4,75m, PARA A TOMADA DE ÁGUA; 1 COMPORTA DE VAGÃO 2,6x4,50m, 1 COMPORTA DE ENSECADORA 2,6x4,50m, PARA O DESCARREGADOR DE CHEIAS; E, EM COLABORAÇÃO COM ALSTHOM, UM ALTERNADOR DE 80 MVA E 600 R. P. M., DO QUAL EXECUTAMOS 65%.



ROTOR DO ALTERNADOR EM FASE DE ACABAMENTO DE MAQUINAGEM



SOREFAME

— SOCIEDADES REUNIDAS DE FABRICAÇÕES METÁLICAS, S. A. R. L.

APARTADO N.º 5

AMADORA — PORTUGAL

EQUIPAMENTOS HIDROMECAÑICOS • EQUIPAMENTOS PARA A INDÚSTRIA QUÍMICA • MATERIAL CIRCULANTE DE CAMINHO DE FERRO (LOCOMOTIVAS, CARRUAGENS E VAGÕES ESPECIAIS)

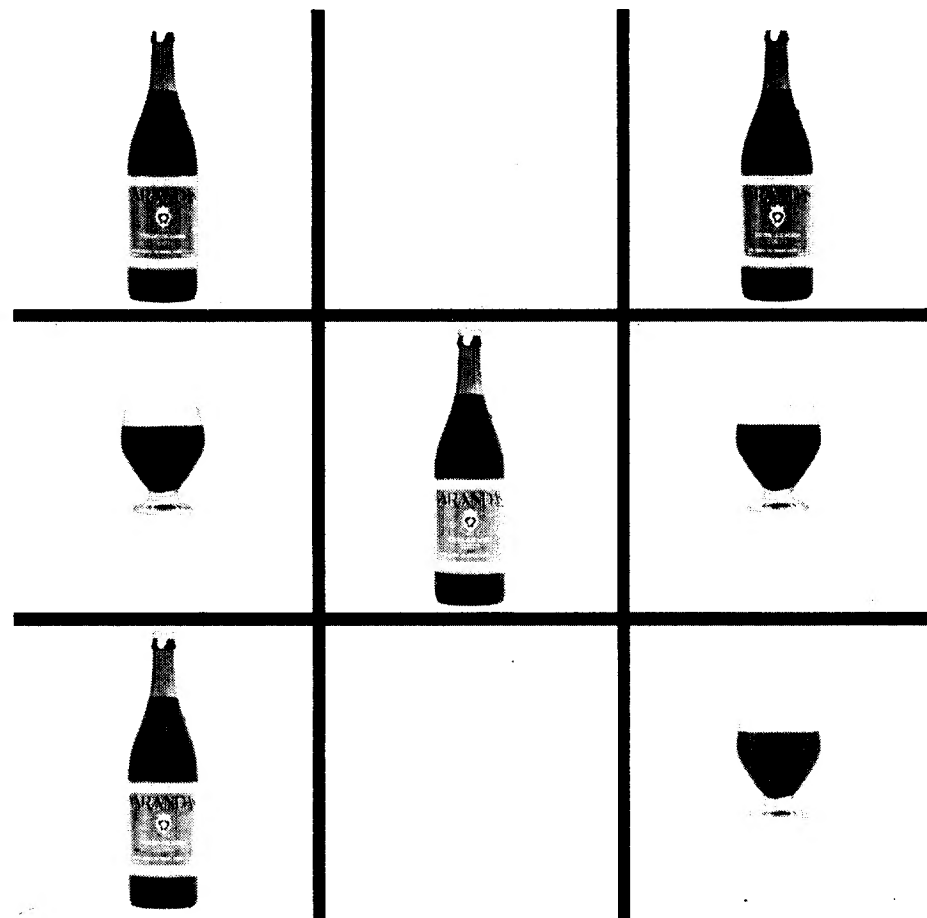


A sepsa

CONSTRUIU E MONTOU
EM VILARINHO DAS FURNAS
AS BLINDAGENS DO TÚNEL E DA
CHAMINÉ DE EQUILÍBRIO
E A CONDOTA FORÇADA

PESO TOTAL 2.500 TONELADAS

com o VARANDAS



ganha-se sempre

VASCO LEÓNIDAS VISITA MADRID

MADRID, 22 — (A. N. I.)
— Precedendo a cerimónia da
distribuição das taças conquista-
das pelos criadores portugueses
de raças selectas, cujos exempla-
res estão patentes na Feira In-

ternacional do Campo, os minis-
tros da Agricultura, Tomaz Al-
lende, e das Relações Sindicais
da Espanha, Garcia Ramal,
prestaram homenagem, ao se-
cretário de Estado da Agricul-
tura de Portugal, eng. Vasco
Leónidas, para o que, como ex-
pressão final da distinção confe-
rida, lhe ofereceram um banque-
te num dos salões do Hotel Ritz,
em Madrid.

Maternidade Alfredo da Costa

No anfiteatro da Maternidade
Alfredo da Costa, prossegue na
quarta-feira, às 10 e 45, o II
Curso de Formação de Interitos,
com as lições sobre «Morte fetal
in utero - diagnóstico e tera-
pêutica», pelas dr.ªs Maria Te-
resa Paulo, Fernanda Castanhi-
nha e Isabel Oliveira Pinto.

Além dos membros do Gover-
no dos dois países e respectivas
esposas, tomaram lugar na mesa
os directores-gerais dos Ser-
viços Pecuários e Agrícolas de
Portugal, o antigo subsecretário
da Agricultura D. Luís Otheyza,
o secretário-geral adjunto do
Ministro das Relações Sindicais,

o director-geral da Produção
Agrária e o encarregado de ne-
gócios da Embaixada de Portu-
gal em Madrid representando o
embaixador, ausente em Lisboa.

Tartaruga macróbia

LAGOS, 22 (F.P.) — Morreu
no jardim Zoológico de Jos, no
centro da Nigéria, uma tartaru-
ga do deserto com 262 anos,
segundo pensam os especialis-
tas.

Dois veterinários assistiram
em vão durante dois meses à
tartaruga tentando prologar-lhe
a vida.



MARIA CÂNDIDA ANDRADE
CID DE OLIVEIRA PROENÇA

AGRADECIMENTO E MISSA DO 30.º DIA

A Família agradece muito reconhecida a quantos
lhe testemunharam o seu pesar e participa que por alma
da saudosa extinta será celebrada missa do 30.º dia,
amanhã, dia 23, pelas 12.30 horas, na Igreja do Loreto
(ao Chiado).



AGUINALDO SEDAS
NUNES

FALECEU

Sua família participa o seu
falecimento ocorrido no pas-
sado dia 18 do corrente, cujo
funeral se realizou para o
cemitério de Benfica, não
tendo sido feitas participa-
ções por expressa vontade do
falecido.

AGÊNCIA SALGADO
Tel.: 4 82 58

ELEIÇÃO DA PRINCESA DAS "TEEN AGERS" PORTUGUESA 1972

As 12 finalistas serão designadas amanhã

A eleição da Princesa das Teen-Agers Portuguesas vai entrar agora na sua fase mais animada, uma vez encerradas as inscrições. Embora seja provável que ainda hoje cheguem pelo correio mais alguns boletins, especialmente de candidatas residentes fora de Lisboa, podemos desde já revelar que, apesar do período destinado à promoção desta iniciativa ter sido menor que nos anos anteriores, repetiu-se o êxito.

O júri nacional que amanhã designará as 12 finalistas e no dia 3 de Junho elegerá a Princesa das Teen-Agers Portuguesas é constituído pelos seguintes elementos: D. Madalena Ruella Ramos, pelo «Diário de Lisboa» Jaime Mourão Ferreira, pela Bayer e em representação do sr. João Minnean; D. Maria de Lourdes Ortega, pela Revlon;

Ten. Coronel Baptista Rosa, pela RTP; D. Margarida Hipólito Raposo, pela Juno; António Rolo Duarte, jornalista e Rita Matos Chaves, Princesa das Teen-Agers Portuguesas em 1968 e 4.ª classificada no concurso mundial.

Tanto a jovem que for eleita Princesa das Teen-Agers como as finalistas receberão valiosos prémios. Além de uma viagem e estadia em Berlim e Munique, para duas pessoas, a vencedora receberá ainda 5000 escudos em dinheiro, oferta da Revlon, para pequenas despesas na Alemanha; uma gama completa de produtos de beleza Revlon e um curso completo de manequim, oferta da Juno — Escola de Manequins.

Por sua vez as finalistas (e entre estas naturalmente também a Princesa das Teen-Agers)

receberão: um vestido em Dralon, oferta da Bayer Portugal; um corte de tecido em fibra Bayer e 500 escudos para o feitiço do vestido, oferta da Bayer; um corte de tecido Riopelle e 500\$ para o feitiço do vestido, oferta da Riopelle; produtos de beleza Revlon, oferta da Revlon (Estabelecimentos Jerónimo Martins); um relógio Timex, oferta da Timex e sapatos, oferta da Mariazinha.

cupão de inscrição

N.º

NOME

MORADA

TELEF.

LOCALIDADE

DIA DO NASCIMENTO

DE

DE 19

PROFISSÃO OU ACTIVIDADE



Recorte este boletim, preencha-o com letra bem legível, junte uma foto de busto e outra de corpo inteiro (a preto ou a cores) e envie para «Diário de Lisboa» — Teen-Agers — Rua Castilho, 185-1.º — Lisboa 1



O MUNDO DE CHARLES REVSON

CHARLES REVSON é um homem que simboliza o luxo, o requinte e o bom gosto. Mas também o equilíbrio, a visão comercial e a inteligência. Um «GENTLEMAN» que é também um «BUSINESS MAN». De um snobismo «RAFFINE» que não ofende. Um personagem que Oscar Wilde poderia ter criado.

Um homem que escolheu a qualidade e a beleza para fazerem parte da sua vida.

Imaginamo-lo cruzando os mares de todo o mundo a bordo do seu iate «Ultima II», um dos maiores barcos particulares do mundo, de um luxo asiático, autêntica maravilha flutuante, convite ao sonho e à aventura. Mas que não é, sem dúvida, fuga à realidade, porque CHARLES REVSON é REVSON, e REVSON é uma preocupação constante na sua vida.

Esse homem de 63 anos, que representa qualquer coisa como 300 milhões de dólares e é presidente da «REVLON INC.», cresceu em Manchester, filho de emigrantes russos. Teve uma infância normal, sem privações, mas também sem luxos e manteve uma incondicional admiração pelos pais, de quem talvez tenha herdado o lema que orientou a sua vida: nunca mentir e cumprir sempre a sua palavra. Ele crê sinceramente que esses princípios tiveram grande influência na sua vida e que contribuíram para o êxito que veio a alcançar. Para a realidade de uma existência em que o luxo é talvez o tubo de escape para o sonho.

Um dia CHARLES REVSON trocou MANCHESTER por NOVA IORQUE, numa tentativa de melhorar a sua situação, mas sem ambições desmedidas. Começou por vender vestidos, atraído talvez pelas cores e pela possível beleza dos modelos. Em 1931 a sorte bateu-lhe à porta sob a forma de um anúncio lido num jornal, no qual se pedia um vendedor de vernizes para unhas. Era a época dos vernizes transparentes, difíceis de aplicar, e CHARLES REVSON vendeu-os durante algum tempo. Mas um dia pensou que talvez as vendas aumentassem se eles fossem opacos e tivessem cores mais aliciantes. Sem hesitação investiu todas as suas economias no projecto e, auxiliado pelo irmão e por um

amigo químico, criou o seu pequeno negócio de vernizes. O êxito foi retumbante e só com dificuldades era possível atender às encomendas vindas um pouco de toda a parte. Depois dos vernizes surgiram os batons. Em 1936, quando REVSON já era uma pequena empresa, CHARLES REVSON lançou no mercado uma nova cor de verniz que deu o nome de «WINDSOR», em homenagem à duquesa. O sucesso foi tal que não houve marca nenhuma que não introduzisse esse tom nos seus produtos. A partir de então, não mais deixou de manter uma posição cimeira.

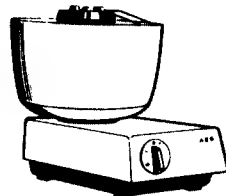
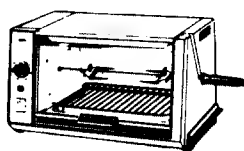
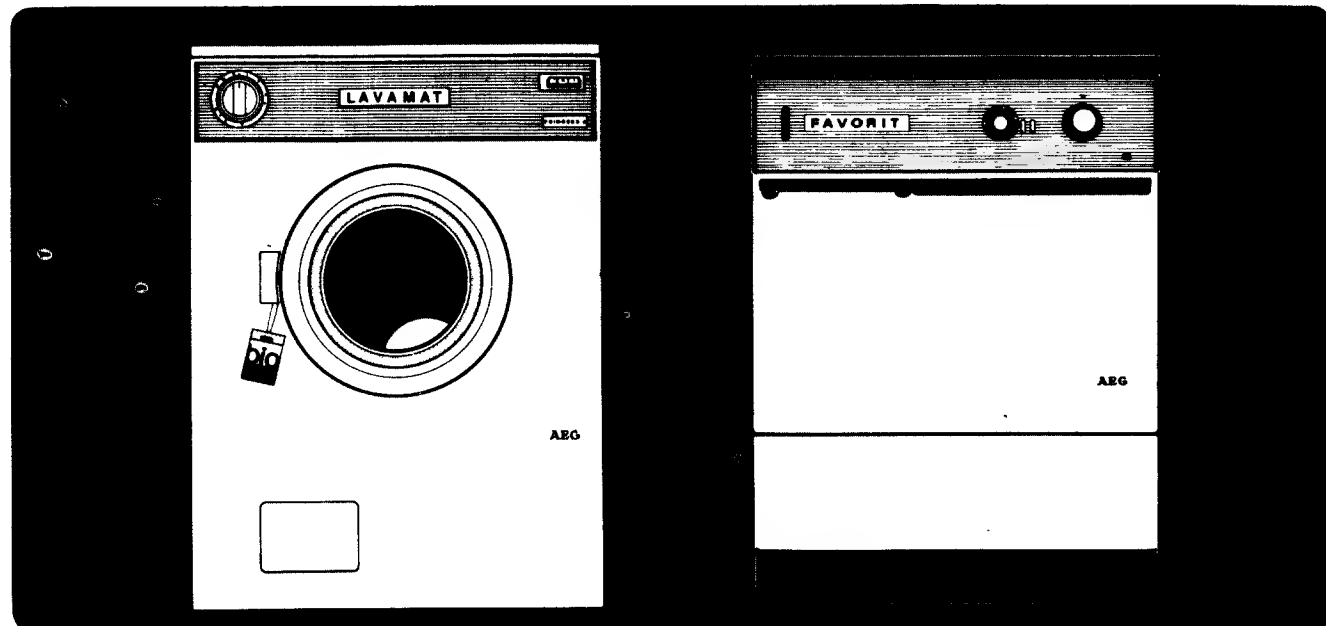
Em 1949 começou a fabricar produtos de maquilhagem, insistindo principalmente na qualidade dos mesmos e na beleza das cores. Em 1952 passa aos tratamentos e a partir de então não pára de crescer, de criar novas gamas de produtos. Os tempos mudam, criam-se hábitos diferentes e os homens começam a exigir também os seus produtos de toilette. REVSON está atenta. Atenta às exigências da época e à qualidade a que o seu nome habituou o mundo.

Hoje REVSON possui uma gama completíssima, que inclui «ULTIMA II» BRAGGI para homens, «NOREE», perfume «Marchella Burguesi», BALMAIN e por último ETHEREA. Mas CHARLES REVSON continua a ser um homem atento que não permite que nenhum produto seja lançado no mercado sem a sua inteira aprovação.

Esse homem requintado, que instalou o bom gosto na sua vida, prefere afinal que não façam muita publicidade à sua volta. Dizem que é temido, principalmente pelos seus empregados. Mas a verdade é que CHARLES REVSON venceu à custa do seu trabalho, da honestidade que pôs nessa luta e que homens assim são exigentes. Exigem dos outros aquilo que foram capazes de cumprir. E que sabem ser possível.

Este homem que tem a coragem de reconhecer que o sucesso modificou a sua forma exterior de viver, afirma no entanto que aquilo que faz parte intrínseca da sua personalidade interior nunca foi alterado. Que se mantém fiel aos princípios que orientaram a vida do rapazinho que um dia trocou MANCHESTER por NOVA IORQUE.

um descanso para quem as tem, um regalo para quem as vê... máquinas de lavar roupa e loiça AEG



AEG



AEG-TELEFUNKEN PORTUGUESA, SARL

DL/GERAL

Ora diga-nos...

Já participou numa eleição sindical?

Esta foi a pergunta que o repórter fez, numa tarde lisboeta, a três transeuntes que a seguir introduz:

O sr. António Alcobia é empregado de escritório e assim responde:

— Não, nunca participei. Estou, estou sindicalizado. Porquê? Olhe, não tem calçado; ou estou de serviço ou estou cansado. Talvez até por desleixo.



José Manuel Mendes, de 17 anos é empregado de café e anda um pouco arredado destas «coisas» de sindicatos:

— Nunca. Tenho carteira profissional passada pelo Sindicato mas não sou sócio (e mostra a carteira). Por isso não tenho participado. Tenho carteira há sete anos.



— Não, nunca votei. Nunca fui convocado — diz-nos o sr. Francisco Ventura, motorista de profissão.

às firmas real ou potencialmente exportadoras

inquérito à exportação

O Fundo de Fomento de Exportação está a promover a actualização do seu ficheiro de exportadores. Tarefa de premente necessidade. Pois só é possível desenvolver uma política realista de exportação, estando-se documentado sobre quem exporta, o que, quanto, quando e para onde exporta. Assim, tem este Fundo vindo a distribuir um questionário de inquérito às firmas real ou potencialmente exportadoras. Preenchendo-o e remetendo-o a este Organismo, estará cada uma dessas firmas a desempenhar uma tarefa da maior utilidade para todos. Responda, pois, Senhor Exportador, ao questionário por nós enviado! Pode e deve fazê-lo com a maior franqueza. As suas respostas serão estudadas sob o maior sigilo. Este Fundo existe apenas para o servir. Para o levar a exportar mais e melhor.

fundo de fomento de exportação

Rua Camilo Castelo Branco, 2-3.º • Telef. 47928/59156 • LISBOA 1

O maior sortido de ouro, pratas e jóias a preços de concorrência.

GRANDE OURIRESARIA DA MODA

RUA DA PRATA, 257

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Arnaldo Almeida Palanque FERRAGUDO

VENTILAÇÃO-AR CONDICIONADO

VENDEDOR TÉCNICO COM PRÁTICA E CONHECIMENTOS

PRETENDE-SE PARA TRABALHAR ZONA DE LISBOA

Oferece-se bom ordenado e comissões para lugar estável e de futuro. Exigem-se rigorosas informações sobre competência e seriedade. Carta à TELENOR — Av. da Boavista, 301 — PORTO.

OS INVENTOS PORTUGUESES SÃO DESPREZADOS

Uma fechadura considerada com 186 segredos e sem chave (!) é a criação de um inventor português que já tem no seu «activo» vários inventos não comercializados. O interesse que lhe suscitou um artigo recentemente publicado neste jornal, onde se dava breve conta do mercado de inventos e patentes em Portugal, motivou um encontro entre o repórter e o inventor.

Sob o braço trazia num papel de embrulho a sua última criação: uma fechadura inviolável com 186 segredos, facilmente manejável e com sistema de alarme. Representa um ano de trabalho. Considera o inventor coisa única no género mas não quis levá-lo ao Salão de Bruxelas na esperança de que ele seja explorado em sua terra.

— É mais segura que um cofre. Ninguém a não ser o próprio dono, a pode abrir e qualquer tentativa de um ladrão para o fazer seria gorada. Tenho visto todo o género de fechaduras de segurança mas nada é melhor do que isto — diz o inventor sem medo de se enganar.

A «coisa» é mesmo segura. Assim pareceu pela demonstração que logo fez.

No entanto ainda espera interessado:

— Estou a ver o que isto dá. Tenho estado à espera mas começo a não acreditar na sua comercialização. As administrações das empresas não arriscam nada. Só com lucro imediato garantido...

Estas são algumas das razões que fazem com que Gilberto Pinto Varela é esse o seu nome, diga não sem uma ponta de tristeza:

— A situação do inventor português é muito difícil. Não tem o apoio que lhe poderia ser dado por entidades oficiais ou particulares ligadas à investigação técnica. Por outro lado, os próprios inventores não foram capazes de vencer as dificuldades de se organizarem colectivamente. A Associação dos Inventores parece não existir.

Gilberto Varela tem cerca de 70 anos e uma história dos sonhos realizados ou não, que lhe enchem as horas e o fazem dizer:

— Estou sempre a imaginar coisas por fazer. Nada me dá mais prazer do que as horas que passo entregue aos seus sonhos magicando ou tentando aperfeiçoar uma invenção. Divido o meu tempo entre a música e os inventos, agora que a reforma me permite dispor de mais tempo livre:

Mas, apesar da compensação subjectiva de criar qualquer coisa, o inventor nas horas vagas não tem grandes esperanças no que o «destino» lhe prepara, nem normalmente consegue qualquer outro tipo de compensação ou estímulo que pague o seu esforço. A repartição de Registo de Patentes enche-se de fichas esquecidas e a esperança de aplicar as criações em mercado nacional dilui-se e morre lentamente. Mesmo neste campo a imaginação criadora do estrangeiro parece estar mais cotada entre nós: se bem que poucos eles «os lá de fora» ainda têm a preferência em Portugal.

Ao pensar nisto, o sorriso de Pinto Varela dilacera-se em palavras de espanto e incompreensão.

— Não se percebe o desprezo pela imaginação criadora do in-

quanto fala de quem admira. Franklin, Newton, Beethoven. Sobretudo Beethoven. É esse o criador que mais admira. E enquanto as suas mãos desenham riscos de corda sobre o papel, descorado, o repórter julgou ler nos olhos do modesto inventor, um lamento conhecido: «Eles não sabem nem sonham que o sonho comanda a vida...»

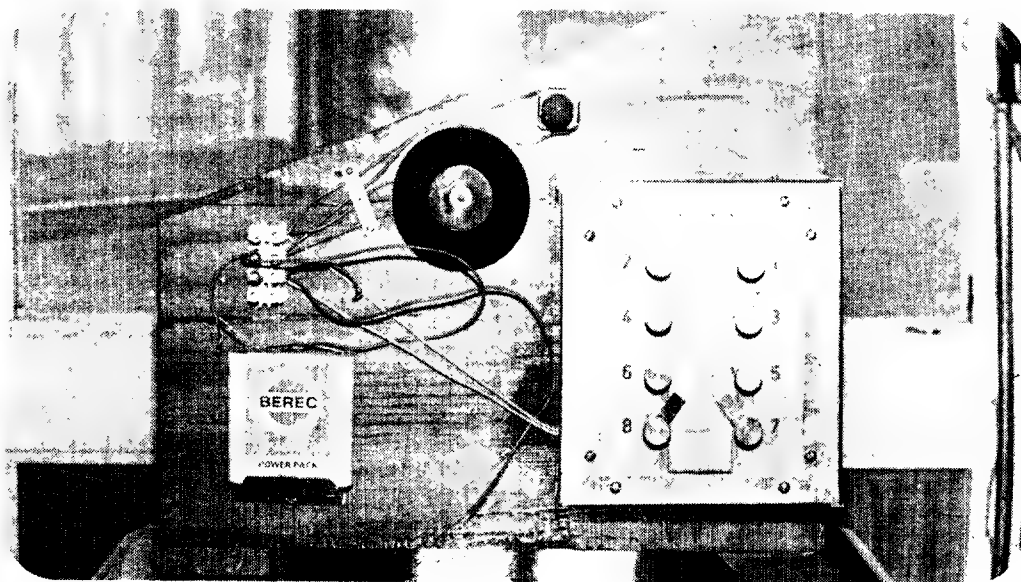
O sr. Jaime Caria é outro inventor de horas vagas e se a sua actividade é mais recente que a do seu colega, também ele enfrenta problemas semelhantes:

— Tenho procurado contactar com a Associação dos Inventores mas sempre sem resultado. É uma coisa que faz muita falta pois poderia estudar o meu invento e possibilitar-lhe a divulgação no estrangeiro.

Igualmente reformado e entrado agora na casa dos 60, Jaime Caria deixou os Caminhos de Ferro de Benguela e veio viver para Setúbal, cidade onde tem posto à prova a sua criação — um novo tipo de antena de televisão.

Não sendo grande conhecedor das artes da electricidade, talvez por gostar de ou outro programa telessuportável que a sua antena normal dificilmente captasse, o ex-ferroviário meteu, há muito tempo, mãos à obra.

— Tive a ideia já vai para mais de dois anos. Comecei com um simples arco de alumínio e fui andando de tentativa em tentativa, gastando muitas horas em experiências que não levaram a nada, mas finalmente achei o que procurava. Penso ter encontrado uma antena muito melhor que as outras, para qualquer dos dois canais. Pelo



Assim se apresenta o protótipo de uma fechadura inviolável que um português inventou

as viagens da EUROPEIA

NOVA IORQUE

Viagens acompanhadas com partida em

6 de Agosto
17 de Setembro
15 de Outubro

Facilidades de pagamento



O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Pedro Dias, Lda. «Casa Inglesa» PORTIMÃO

ventor! Ao fim, e ao cabo, são eles os homens que fazem caminhar o mundo, que tornam possível o progresso. Mas entre nós, nenhuma instituição se preocupa com as possibilidades dos inventos de particulares.

As forças motoras do progresso talvez ultrapassassem a simples actividade individual, mas de qualquer modo estão, certamente, a perder-se criações que poderiam ser úteis a alguns ramos industriais e ao bem-estar de muita gente.

Mas apesar do confessado desengano, o músico-inventor tem continuado a sonhar sonhos feitos de paciência, estudo e engenho.

Esta é para muitos uma situação de longa data. Realizada a ideia, ninguém a quer pôr em prática e o sonho desfaz-se em tristeza. Pinto Varela bem sabe o que isso é e já não tem grandes esperanças de que as coisas venham a ser de outro modo. O seu invento volta a ser carinhosamente empacotado en-

menos, os resultados que tive, até agora, têm sido concludentes nesse sentido.

Também para este inventor tem sido difícil a comercialização do produto, ou pelo menos, a sua aceitação. De qualquer modo o sr. Caria está esperançado no futuro da sua criação e já tem quatro modelos do mesmo tipo de antena, para diferentes possibilidades de utilização. Até agora a vantagem maior parece estar na óptima visibilidade que fornece às transmissões em U. H. F. Ali em Setúbal e em zonas de Lisboa onde se registam más condições de recepção da imagem, a antena tem-se portado «às mil maravilhas».

Enquanto espera dados técnicos da Rádio televisão Portuguesa a imaginação deste inventor não pára:

— Estou a pensar noutra criação uma nova espécie de queimador a gás. E mais coisas. É que gosto muito de ocupar os meus tempos de vagar a investigar estas coisas, lá no sótão.

DL/GERAL



TRANSPORTES COLECTIVOS NA MARGEM SUL Público e motoristas descontentes

Cacilhas, Terreiro do Paço da Outra Banda, ponto de encontro de mais de uma centena de autocarros e de milhares de trabalhadores da margem sul. Uma empresa com 185 autocarros dispõe de 9.300 lugares para 38 milhões de passageiros por ano. Atrasos, preços caros, atropelos, viagens aos tropeções, arrumados como sardinhas na canasta.

A nossa reportagem foi a Cacilhas ver como é.

Até pelo facto de não se ouvirem protestos do público, resolvemos indagar se as pessoas estavam satisfeitas com os transportes existentes.

— Por que razão não há mais carreiras para a Praça de Espanha? — perguntam na Cova da Piedade.

Mas não é só isso — atalha o sr. Manuel Tavares, empregado de balcão em Lisboa — Os transportes colectivos não deveriam pagar portagem. São um serviço público, e como tal deveriam estar isentados das tarifas altas que se praticam na ponte. Assim a ponte só serve para os automobilistas e para as empresas e os mais necessitados, que são os que viajam nos cacilheiros, ficam a ver navios.

O sr. Manuel Antunes, desenhador em Lisboa, tem uma filha a estudar no ciclo preparatório, perto do Seixal e resume a situação nestes termos:

Só dirá mal destes transportes quem não conhece a Carris em Lisboa. Mas deveria haver mais desdobramentos, pois muita vez fica gente em terra, sobretudo à saída das escolas. Os miúdos têm horas de refeições que coincidem com as das fábricas e é sempre um atropelo a ver quem entra primeiro, porque os últimos não têm lugar. De resto já tem havido acidentes por causa disso.

Também os noctívagos, (na sua maioria são trabalhadores que chegam tarde dos «serões» ou das fábricas) tem motivos para lamentações:

Os transportes acabam logo a uma e trinta. Depois, se nos quisermos mover, temos de ir de táxi — observa o sr Francisco

Neves, um daqueles milhares de trabalhadores que se vêem obrigados a enfrentar a vida com o dinheiro dos «serões».

TERREIRO DE AUTOCARROS

Às vezes temos de esperar em Cacilhas mais de meia hora, à noite, porque o autocarro para Paio Pires parte cinco minutos

Texto de
FRANCISCO MENDES PEDRO
Fotos de
ACÁCIO FIGUEIREDO

antes de o barco chegar. Ficamos aqui mais de vinte pessoas, à chuva e ao vento, só porque não se dão ao trabalho de modificar o horário — diz o sr. António Montes, estudante de um curso nocturno em Almada. — E já reparou — continua — que aqui no largo de Cacilhas, não há nenhuma cobertura que resguarde as pessoas das inclemências do tempo, como existe por exemplo no Cais do Sodré?

Na verdade o Terreiro do Paço da Outra Banda, que nenhuma criatura urbanizou responsabilmente é apenas um grande terreiro onde nascem e desaguam centenas de autocarros que transportam os passageiros ribeirinhos e outros das regiões de Setúbal, Évora e Algarve. Mas tudo sem um mínimo de comodidade. Mesmo deslavado.

Havia que terminar o rosário. Não podemos no entanto deixar de salientar que, excepto no caso de Feijó, as pessoas não acham elevado o preço dos bilhetes. Fizemos no entanto uma pequena correlação com os preços praticados na linha do Estoril, que os utentes consideram elevadíssimos. Do Cais do Sodré a Paço de Arcos são 15 km de comboio feitos em 20 minutos. O bilhete custa 3\$50, para viagem individual. Mas

quem quiser pode adquirir um passe mensal de 100\$00 que dá direito a um número ilimitado de viagens. De Cacilhas à Amora são 10 km, feitos em 20 minutos também e também ao preço de 3\$50. Donde se conclui que neste percurso, os bilhetes são um terço mais caros que os da linha de Cascais.

Além destas contas, decidimos ainda passar pela administração da empresa. Prevêem-se aumentos nas tarifas dos bilhetes, à semelhança do que aconteceu há pouco com os barcos?

— Não, de imediato não estão previstos nenhuns aumentos — respondeu-nos um dirigente — A empresa tem tomado medidas no sentido de permanecer as tarifas actuais.

Atendendo ao desenvolvimento da zona, que só nos últimos dois anos aumentou de 4 milhões o número de passageiros transportados, e isto representa aumento significativo de lucros para a empresa) não seria de instituir imediatamente passes mensais para os trabalhadores que diariamente viajam nos autocarros da Transul? Não se pensa nisso.

Mas não só o público utente tem problemas com os transportes sub-urbanos. Em casa de ferreiro, espeto de pau. E se os cobradores e motoristas da Transul não são os donos da casa, são de certeza os donos do espeto.

Soubemos que há pouco a empresa aumentou 4\$00 sobre os ordenados anteriores. Que significará tal aumento para os 260 cobradores e outros tantos motoristas?

Os cobradores com menos de um ano de casa ganham 96\$00; os outros também recebem 104\$. Os motoristas ganham 116 ou 124 escudos. Ora toda a gente sabe que isto é muito pouco para a vida de um homem que tenha três ou quatro filhos. Atendendo às responsabilidades que temos, somos das classes mais mal pagas — quem diz isto não é um, mas vinte ou trinta empregados, que num repente se juntaram à volta do jornalista.

que essa seria a única solução para os passageiros da margem Sul pois resolveria de uma assentada os problemas no rio e na península de Setúbal.

Mas, sabe, as soluções correctas nunca são adoptadas. O nosso destino é viver de remendo em remendo. Fala-se em adoptar novas soluções para os Cacilheiros, aumenta-se a capacidade das empresas de camionagem, mas não se fala de uma linha de caminhos-de-ferro que é a solução adoptada em todos os países no transporte das massas populares.

Para quando o comboio em Cacilhas? Vai demorar, lá isso vai, mas as pessoas ainda esperam.

Fomos encontrar um outro rosário por desfiar:

— Nos meses de 31 dias só recebemos o dinheiro correspondente a 30 dias. Ganhamos à semana, mas eles pagam-nos ao mês. Lá têm as suas conveniências.

O Contrato Colectivo de Trabalho parece não estar a ser cumprido.

a mais pelo trabalho nocturno, como prevê o Instituto Nacional do Trabalho?

«TODOS AO MESMO»

As perguntas não paravam. Mas como também era a nós que competia formula-las, interrompemos:

Então é o sindicato? Porque não

lizado» que as empresas até já estão a pagar mais do que o previsto no contrato.

A situação dos cobradores ainda se afigura pior.

Temos de nos ligar ao sindicato dos motoristas. Os empregados dos transportes públicos deviam ter um único sindicato. Andamos todos ao mesmo.

Uma pergunta para terminar.



Afinal há problemas...

Quem pega antes das sete horas tem direito a uma senha de pequeno almoço e quem larga depois das 21 e trinta tem direito a uma senha de jantar. Ora isso não é cumprido — lembra um dos empregados mais velhos. Qual o motivo por que uns fazem cinco horas extraordinárias e outros querem uma e não lha dão? Porque não recebemos os vinte cinco por cento

se procura resolver a situação através do sindicato?

Na semana passada entrou uma nova direcção para o Sindicato Nacional dos Motoristas de Setúbal, e temos esperança em que eles formem um novo contrato colectivo de trabalho. Mas os antigos não fizeram nada. Quer dizer, fizeram um contrato colectivo que esteve quatro anos para sair e está tão «actual-

Acham que a empresa vive em dificuldades ou tem lucros?

Olhe, nas carreiras de Paio Pires cada um de nós entrega à volta de 1400\$00 por dia. Às vezes vai aos 2000\$00. Nas da Cova da Piedade e Almada cada oito horas valem à volta de 700 ou 800\$00. Faça-lhe as contas e veja como entram nos cofres da empresa uns 350 contos por dia.

E o comboio?

Mas a camionagem será a única saída para o problema de transportes da margem Sul? Já hoje toda a gente sabe que o comboio é o único sistema de transportes eficaz nos grandes centros. O tráfego está a complicar-se de dia para dia e ninguém pensa nisso. Quem vai para Cascais leva 45 minutos num comboio para fazer 30 km. Aqui levamos o mesmo tempo para fazer metade.

A maioria das pessoas com quem conversamos ficou no entanto estupefacta diante da pergunta:

Comboios nesta banda? Olhe, é uma solução em que ainda não tinha pensado — responde

Maria da Piedade empregada numa fábrica de relógios — mas onde é que o poem? Sabe, depois não os poderíamos ter à porta como agora temos as camionetas. O que eu penso é que pagar 2\$50 para o Feijó é demais. E estes autocarros são feitos para gente de perna curta: ou os portugueses estão a encolher ou isto de apertarem os bancos para levarem mais passageiros não está certo.

Embora traumatizados pela experiência dos comboios suburbanos da banda de cá «em que todos os dias os passageiros chegam atrasados aos empregos», houve quem lembrasse que a ponte possui um tabuleiro previsto para os comboios, e

LISNAVE — Estaleiros Navais de Lisboa, S. A. R. L.

ROCHA DO CONDE DE ÓBIDOS — LISBOA

CAPITAL: 500.000.000\$ 00

SORTEIO DE OBRIGAÇÕES

Avisam-se os Senhores Obrigacionistas que no dia 26 de Maio, pelas 14 horas, proceder-se-á, nos escritórios da Margueira, ao sorteio de 1.541 obrigações de 6% — Emissão de 1967.

Em conformidade com o respectivo plano de amortização, o reembolso dos títulos sorteados far-se-á a partir de 15 de Junho de 1972.

Lisboa, 22 de Maio de 1972.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

DL/ESTRANGEIRO

DL/ESTRANGEIRO

**CASOU-SE
31 VEZES
E TEM
90 ANOS**

CIDADE DO MÉXICO, 22 (FP) — O jornalista mexicano Alfonso Olhagaray tem 90 anos, parece fisicamente com 50 e casou-se pela trigésima primeira vez consecutiva com uma rapariga de 25 anos... O jornalista confiou os seus segredos no semanário «Lunes de Excelsior»: «Paz interior, tranquilidade, vida sexual sem reservas, optimismo e... muito conhaque. Aconselha também a substituição do açúcar por mel, a carne crua e o sumo de alcachofra. O regime parece ter resultado.

Olhagaray espera casar-se ainda mais cinco vezes. Afirma que se suicidará quando deixar de poder comportar-se como um homem de 30 anos.

**MAES SOLTEIRAS
LIBERTADAS**

LONDRES, 22 (ANI) — Os investigadores encontraram mais uma mulher internada num hospício há quase cinquenta anos, por ter dado à luz um filho sendo solteira — anuncia-se em círculos do Governo.

«Sir» Keith Joseph, secretário de Estado para os Serviços Sociais, já ordenou investigações em dois casos semelhantes.

Os primeiros casos foram descobertos na sexta-feira, por Frank Sheridan, director dos serviços sociais de Dewsbury, perto de Leeds, 130 quilómetros a norte de Londres.

As mulheres, agora com 74 e 64 anos, foram internadas nos anos 20 como «criminosas morais», segundo uma lei de 1913, por terem dado à luz filhos ilegítimos. E só foram libertadas agora.

**BARRICADAS
DESFEITAS
EM BELFAST**

BELFAST, 22 (FP) — Os militantes protestantes de Belfast começaram a desfazer na noite de domingo para segunda-feira as barricadas que tinham levantado nos bairros de Shankil Road e do Leste da capital como protesto contra a não intervenção da tropa nos bastiões católicos (as áreas «no go»).

Um sossego precário instalou-se nos bairros protestantes da capital, onde numerosos incidentes foram provocados por militantes «lealistas», desejosos de fazer uma demonstração de força.

Oito adolescentes protestantes escaparam ontem a um atentado à metralhadora de um «comando» que circulava de carro.

Um dos rapazes, com cerca de 15 anos, ainda ficou ferido num tornozelo e outro num cotovelo. Os rapazes tiveram a presença de espírito necessária para se lançarem por terra quando a metralhadora foi disparada do automóvel a toda a velocidade.

PRIMEIRA VISITA A MOSCOVO DE UM PRESIDENTE AMERICANO

MOSCOVO, 22 — (R.) — O presidente Richard Nixon chegou hoje de avião a esta cidade na primeira visita histórica de um chefe de Estado norte-americano à capital soviética.

Nixon partiu esta manhã, às 10 e 10, de Salzburgo, onde esteve a repousar durante o fim da semana.

Em Moscovo, Nixon será recebido pelo chefe do Partido Comunista Soviético, Leonid Brejnev, com quem travará conversações cimeiras que se espera arranjam limitação de armas estratégicas comércio bilateral e cooperação espacial.

A cobertura na Imprensa soviética da próxima visita revela as grandes esperanças que se acalentam nesta capital de que acordos serão assinados nesses campos.

Um comentador da televisão declarou a noite passada que a «cimeira» demonstrava até que ponto o prestígio soviético aumentara no mundo. Disse que hoje em dia, nenhuma questão internacional importante podia ser solucionada sem a intervenção da União Soviética.

Ontem, a «Pravda», órgão oficial do Partido Comunista, atacou novamente a China, a arqui-rival de Moscovo, que o presidente Nixon visitou em Fevereiro passado.

REALISMO

Ao mesmo tempo a «Pravda» tornou a manifestar a opinião soviética de que Moscovo encararia de uma forma séria e de uma maneira realista a «cimeira» americano-soviética.

O facto de que Moscovo não cancelou a «cimeira» a despeito da recente situação no Vietname revela que o Kremlin sente que acordos sobre pactos de grande alcance com o seu principal rival no mundo capitalista são muito importantes.

A nova escalada da guerra no

Vietname trará esse tópico para mais perto do centro do palco durante as conversações de Nixon em Moscovo. Contudo, é difícil de prever o que os dois países podem fazer para melhorar a situação.

Hoje a «Pravda» publica na primeira página uma fotografia do presidente Nixon em homenagem à sua chegada a Moscovo.

BIOGRAFIA

A pequena biografia que acompanha a fotografia, publicada normalmente no órgão do Partido Comunista durante visitas de chefes de Estado, não incluía comentários.

Nem dizia, como habitualmente se faz em notícias dessa natureza, que o povo soviético esperava que a visita de Nixon conduziria a uma melhoria de relações com os Estados Unidos.

Mencionava a sua primeira viagem a Moscovo em 1959 como vice-presidente, mas não aludiu às suas duas visitas não oficiais em 1965 e 1967. Não havia, também qualquer referência ao facto de ter pertencido em fins dos anos 40, à comissão sobre actividades antiamericanas, uma comissão anti-comunista da Câmara dos Representantes dos Estados Unidos.

Quando Nixon chegou de avião às 16 horas locais (14 de Lisboa), encontrou as ruas cheias de tulipas e amores-perfeitos, mas não de gente — afirmaram fontes soviéticas. De acordo com elas, a situação no Vietname exclui multidões para lhe darem as boas-vindas.

Um prédio velho desapareceu súbitamente defronte da porta de Borovitsky, do Kremlin, através da qual o presidente passará de automóvel. O espaço livre resultante, onde há agora um relvado, foi já baptizado ironicamente pelos moscovitas com o nome de «praça de Nixon».



PREPARATIVOS — Um militar soviético observa uma mulher que, como parte dos preparativos para a visita de Nixon, limpa um troço da Praça Vermelha junto do túmulo de Lênine. Ao fundo, os muros do Kremlin. (Telefoto UPI-Telimprensa/DL)

PREPARAÇÃO

HELSÍNQUIA, 22 — (ANI)

Quando o presidente Nixon conferenciou hoje com os dirigentes do Kremlin, o pacto limitativo das armas nucleares, que esperava ter pronto para estas conversações de Moscovo, ainda se encontrará em preparação na capital finlandesa.

As conversações sobre a limitação das armas decorrem há dois anos e meio, alternadamente em Helsínquia e em Viena, mas os especialistas ainda não conseguiram dar ao acordo a sua forma definitiva, desconhecendo-se quando é que o farão.

Entretanto, em Salzburgo, o dr. Henry Kissinger, o principal conselheiro de Nixon, mostrou-se ontem cauteloso acerca de um próximo pacto americano-soviético sobre armas nucleares, embora funcionários da Casa Branca esperem que esteja pronto para ser assinado durante a visita do presidente a Moscovo.

Nessa cidade austríaca, Nixon empregou a maior parte do seu tempo para estudar documentos tratando das suas conversações em Moscovo e para descansar no Schloß Klessheim, do séc. XVII, posto à sua disposição.

INTENSIFICA-SE A OFENSIVA CONTRA A CIDADE DE HUÊ

SAIGÃO, 22 (ANI e R.) — Tropas norte-vietnamitas, acompanhadas por tanques, furaram hoje as defesas externas da cidade de Huê e empurraram os defensores sul-vietnamitas numa extensão próxima dos 3.200 metros.

Notícias chegadas da frente de combate dizem que se luta fortemente nessa zona, oito quilómetros a nordeste da base de My Chanh e 32 quilómetros ao norte da parte central da antiga capital imperial.

Foi o segundo ataque às linhas defensivas de Huê nos últimos dois dias.

As forças norte-vietnamitas estão a aumentar a sua pressão sobre Huê tendo sido avistada uma quarta divisão e reforços de tanques a deslocarem-se para a frente norte.

As informações sobre esta concentração de forças foram dadas por fontes militares de Saigão, ao mesmo tempo que novos combates começaram a travar-se esta manhã entre fuzileiros navais sul-vietnamitas e

tropas comunistas 45 quilómetros a noroeste da antiga capital imperial — a mesma região onde ontem os comunistas sofreram mais de duzentas baixas.

COINCIDÊNCIA

Os observadores políticos especulam que a intensificação da ofensiva na região de Huê poderá destinar-se a coincidir com a visita do presidente Nixon a Moscovo. Fontes militares altamente colocadas reconhecem que a luta pela posse de Huê poderá ter uma importância política decisiva.

As fontes militares de Saigão disseram que uma quarta divisão norte-vietnamita está actualmente a penetrar na província de Quang Tri ocupada pelos comunistas, tendo ali chegado já mais 2.500 homens, ou seja, um regimento completo dessa divisão que vem assim juntar-se às três que já se encontravam em Quang Tri e procuram agora conquistar terreno na

província de Thua Thien, cuja capital é Huê.

MONÇÃO

A chuva da monção não atingiu ainda a região norte pelo que os tanques poderão ser utilizados contra Huê durante os meses de Junho e Julho. Na região sul e central as chuvas que já começaram a cair tornam difícil a deslocação de veículos pesados através das estradas transformadas em lamaçal.

As forças norte-vietnamitas, entretanto, mantêm a repressão nas frentes de Kontum e An Loc.

Um batalhão norte-vietnamita tomou de assalto uma base de artilharia governamental que guardava a estrada principal para sul de Kontum, segundo notícias ainda sem confirmação oficial.

Os comunistas, atirando granadas de mão, repeliram duas companhias sul-vietnamitas em meia hora de combates corpo a corpo, ocupando a base 41

que fica a 22 quilómetros ao sul de Kontum.

Os combates prosseguiram esta tarde quando uma unidade de Rangers se lançou numa operação de limpeza da estrada entre Pleiku e Kontum, procurando abrir novamente caminho e repelir os norte-vietnamitas.

A UM QUILOMETRO

A ocupação desta base segue-se a tentativas feitas ontem pelos comunistas que por duas vezes ocuparam e por duas vezes foram repelidos de uma rede de abrigos subterrâneos situados apenas a um quilómetro da periferia da cidade.

AVIÕES ABATIDOS

HONG-KONG, 22 (R.) — Dois aviões americanos foram abatidos ontem no Vietname do Norte, elevando para 3.590 o total perdido pelos americanos desde o início do conflito — anunciou hoje «Rádio Hanói».

NOVO SUPERIOR DOS FRANCISCANOS

ASSIS, 22 (F.P.) — O padre Vitale Bommarfo foi eleito geral da ordem dos Irmãos Menores Conventuais pelo Capítulo Geral reunido nestes últimos dias em Assis.

De seis em seis anos, os representantes das províncias, do mundo inteiro, reúnem-se em Assis para eleger aquele a quem se chama «o sucessor de São Francisco».

O padre Bommarfo nasceu em 1924 em Cherso, próximo de Pola (Áustria), tendo sido ordenado padre em 1949, e sendo provincial de Pádua desde 1964.

Sismo causou pânico em Manila

MANILA, 22 (R.) — Os edifícios de Manila oscilaram hoje durante trinta segundos e centenas de pessoas em pânico fugiram das lojas e escritórios no centro da cidade devido a um forte abalo sísmico.

A Polícia disse que não há por enquanto notícias de vítimas ou estragos materiais importantes.

O sismo foi sentido noutros pontos das Filipinas mas com menos intensidade. Nesta capital, o abalo atingiu o grau seis e o epicentro foi localizado a 174 quilómetros a sudoeste da ilha de Mindoro.

Foi o segundo abalo de terra forte sentido em Manila em menos de um mês. A população ainda se recorda com horror do sismo registado em 1968 e que provocou o desmoronamento de um prédio de cinco andares e a morte de 250 pessoas.

DL/ESTRANGEIRO



O PAPA ORLANDO junto da Pietá, a famosa escultura de Miguel Ângelo danificada por um demente, ontem, na Basílica de S. Pedro, em Roma. (Telefoto UPI-Teleimprensa-DL.)

UNCTAD: CANSAÇO E AMARGURA

SANTIAGO DO CHILE, 22 (FP) — A terceira conferência das Nações Unidas sobre o comércio e desenvolvimento (UNCTAD) terminou ontem em Santiago do Chile, numa atmosfera de cansaço geral e para muitos de amargura.

O cansaço foi provocado pelas três longas sessões nocturnas que foram necessárias. A amargura deveu-se à atitude muitas vezes negativa dos países ricos perante os pedidos dos países pobres, durante as cinco semanas de debate.

Esta sessão foi um malogro maior do que as outras duas que a precederam, em Genebra, em 1964, e em Nova Deli, em 1968? Não é possível avaliar, tanto mais que os resultados e as consequências não serão perceptíveis senão progressivamente.

Para alguns, os debates cerrados dos representantes de 142 países não levaram senão à adopção, muitas vezes cheia de reserva, de umas 40 resoluções ilegíveis à força de prudência.

Para outros, a UNCTAD tem um valor de «choque», é um dos raros acontecimentos que obrigam o conjunto das nações do mundo, países ocidentais, países em vias de desenvolvimento e países socialistas, incluindo a China Popular, pela primeira vez, a tomar posição quanto a um certo número de problemas fundamentais para o futuro da economia mundial.

Neste sentido, toda a gente sentiu planar, sobre esta terceira sessão, a sombra das grandes negociações acerca da reforma, do sistema monetário e do sistema comercial internacional, previstas para os próximos meses.

Esta perspectiva levou os países ricos a não se comprometerem em vários campos, que são justamente da competência destas negociações.

Mas, por outro lado, os países em vias de desenvolvimento obtiveram a promessa solene e repetida dos países ricos de que seriam plenamente associados a estas negociações. Para certos

delegados é este o resultado principal da conferência, enquanto que para outros, não passa de pura hipocrisia.

ENXERTO DE TESTÍCULOS: ÚNICO NO GÊNERO

PARIS, 22 — (FP) — O enxerto de testículos num homem anunciado ontem pelo jornal libanês «L'Orient Le Jour» parece que foi a primeira operação do género realizada no Mundo.

Nos últimos anos, já tem sido realizadas numerosas tentativas de transplantação de testículos mas unicamente em animais de laboratório (macacos e ratos, nomeadamente). Em 1970, três investigadores americanos da Universidade da Califórnia enxertaram testículos em cinco ratos que, alguns meses depois conseguiram fecundar fêmeas.

O dr. Kamal Hanache, que

transplantou para um homem de 26 anos os testículos de um feto de sete meses nado-morto, é um especialista de cirurgia uro-genital. Além disso, efectuou numerosas pesquisas sobre enxertos e sobre a fisiologia genital na célebre Clínica Mayo dos Estados Unidos.

Embora a técnica de transplantação seja relativamente fácil e quase sem riscos — contrariamente à do coração, do fígado e dos rins (os testículos não são órgãos vitais) — parece que há duas razões fortes para que ainda não se havia passado das experiências com animais

para o homem: por um lado, os riscos de rejeição, que o dr. Hanache tentou reduzir transplantando os testículos de um feto menos antigénico que os dos adultos, e por outro lado, as raras indicações desta cirurgia de excepção.

Também é permitido duvidar de que, em caso de sucesso, esta técnica satisfaça o homem estéril desejoso de procriar. A criança que pode nascer não teria, com efeito os caracteres genitais do pai, mas sim os do doador dos testículos. Portanto, parece mais simples e menos perigoso, no estado actual dos conhecimentos, recorrer à clássica

inseminação artificial, que dá os mesmos resultados.

No entanto, é evidente que a ausência congénita de testículos, anomalia raríssima, por causa da qual o dr. Hanache se decidiu, poderia constituir a verdadeira indicação para a transplantação, se todos os problemas que lhe estão ligados (imunológicos em particular) fossem solucionados.

Quatro semanas depois da operação do jovem libanês, nada permite afirmar que esta primeira transplantação testicular, tenha sido um êxito, pois as crises de rejeição podem surgir tardiamente.

A PIETÁ MUTILADA

Exame psiquiátrico para Laszlo Toth

ROMA, 22 (ANI, FP e R) — Laszlo Toth, que ontem mutilou a Pietá de Miguel Ângelo, foi entregue às autoridades italianas e conforme o acordo de Latrão será julgado pela lei do Estado.

Toth foi preso ontem à noite, sob uma dupla acusação, não só por ter danificado um monumento público, mas ainda por ofensa à religião e profanação de um objecto de culto. A magistratura italiana vai submeter Toth a um exame psiquiátrico. Toth incorre numa pena máxima de três anos de prisão, podendo no entanto, ser dado como irresponsável e internado num hospital psiquiátrico.

Segundo certas indiscrições teria declarado que veio à Itália em consequência de uma «visão». Tentou sem sucesso fazer-se receber pelo Papa e fora directamente de Deus, o Pai, que recebera ordem para desfigurar a Pietá de Miguel Ângelo pois «a Madona não é Mãe de Deus».

«Faço hoje 33 anos, a idade que Cristo tinha quando morto. Foi por isso que hoje mesmo danifiquei a Pietá», foram as primeiras palavras que Toth disse ao ser preso.

Laszlo Toth nasceu em 1 de Julho de 1938, em Pilis Voros-

var, na Hungria, mas tem passaporte australiano.

Viva desde 6 de Janeiro último numa espécie de hospício de freiras espanholas na Janicula.

«Era muito sossegado, muito devoto... Nunca teve qualquer disputa com os outros hóspedes. Era um homem solitário, de aspecto sério» — disse uma freira. Antes de ir para S. Pedro, ouviu missa.

A sua «arma» era uma espécie de martelo de cortador de pedra, que adquirira recentemente para usar contra a Pietá.

Em Novembro, uma estação de rádio alemã dedicou-lhe uma entrevista apelidando-o de «profeta húngaro proveniente de Sydney, falando o inglês com o acento das planícies da Hungria». Nessa altura, Laszlo declarou que queria revelar ao mundo a «justiça e a verdade» e que «dentro de dias diria em Roma o que tinha para dizer».

Toth era muito conhecido nas redacções dos jornais de Roma. Visitava-as dizendo ser um messias, um profeta, o chefe de uma seita religiosa com três segredos para revelar. Alguns jornais publicaram reportagens a seu respeito.

Ninguém compreendeu o que é que o homem de barba cresci-

da e cabelo comprido tinha em mente quando se aproximou da Pietá. Então o húngaro-australiano apareceu com um martelo na mão e danificou uma obra de arte que fora absolutamente perfeita durante 471 anos, dizendo: «Sou Jesus Cristo».

Segundo dizem no Vaticano, o criminoso afirmou ainda: «Se me matarem agora, melhor. Irei direito ao Paraíso».

A Pietá mostra a Virgem Maria com Jesus Cristo, morto, atravessado nos seus joelhos. Muitos peritos de arte consideram-na como a maior escultura do mundo.

A figura de Cristo, ligeiramente maior do que um corpo em tamanho natural, ficou intacta. Mas a Virgem Mãe, que segura o filho crucificado nos braços, ficou em mísero estado. O braço esquerdo foi cortado acima do cotovelo. A virgem não tem nariz. O véu de mármore ficou reduzido a bocados. O olho esquerdo está todo danificado.

Um responsável do Vaticano declarou ontem à noite que os danos sofridos pela Pietá eram extremamente graves mas que lhe poderia voltar a ser dado o aspecto original. A restauração será entregue a especialistas do Vaticano.

ESPIRAL



YARDLEY FOR MEN

A VENDA NOS MELHORES ESTABELECIMENTOS DA ESPECIALIDADE

DL/NACIONAL

AMÉRICO THOMAZ EM VILARINHO DAS FURNAS:

"VALE MAIS ENCARAR O FUTURO"

«Vale mais encarar com coragem o futuro do que recordar com saudade o passado», afirmou ontem o Chefe do Estado na inauguração do aproveitamento hidroeléctrico de Vilarinho das Furnas. No segundo dia da sua visita ao Norte, o almirante Américo Thomaz, era acompanhado pelo ministro das Obras Públicas e secretários do Estado do Tesouro e da Indústria, comandante da 1.ª Região Militar, general Humberto Pais, coronel Soares Cunha e muitas outras individualidades.

Recebido pelas entidades locais o Chefe do Estado presidiu a uma sessão solene na sala principal da Central abrindo a sessão o eng. Machado Vaz, seguindo-se-lhe no uso da palavra o eng. Rui Sanches, que ren-

deu homenagem a todos os que trabalharam para o empreendimento agora inaugurado.

Encerrou a sessão o Chefe do Estado que, em breves palavras, manifestou a sua satisfação, tendo afirmado no final do seu discurso:

«E poderia ficar bem por aqui, mas não. Encara-se o futuro e eu quero afirmar que tenho o maior orgulho no passado e confio plenamente no futuro e estou certo de que este será de forma a tornar o passado, não digo a fazê-lo esquecer, mas em suma, a fazer com que ele deixe de ser tão lembrado.

Minhas senhoras e meus senhores: a hora já vai bastante avançada e eu prometi dizer poucas palavras e já estou a faltar à minha promessa. Portanto,

termino agradecendo a todos aqueles que têm nestas últimas décadas dado a este humilde servidor do País as maiores alegrias e agradecer tudo quanto têm feito pelo seu engrandecimento».

O escalão de Vilarinho das Furnas, agora inaugurado, faz parte do aproveitamento energético do sistema hidrográfico do rio Cávado, iniciado em 1946 com o arranque das obras de Venda Nova, e prosseguido, sucessivamente, com os escalões de Salamonde, Caniçada, Paradel e Alto Rabagão, este com aproveitamento das águas do Alto Cávado, por meio de uma barragem e um túnel de derivação.

No conjunto, o sistema Cávado, após a integração de Vilarinho das Furnas, dispõe de uma capacidade de armazenamento útil de 1121 milhões de metros cúbicos, correspondentes a 1522 milhões de kwh., com uma produção energética em ano hidro-lógico médio de 1490 milhões de kwh. Por outro lado, as albufeiras criadas constituem um factor de valorização turística da região.

mento das Furnas, dispõe de uma capacidade de armazenamento útil de 1121 milhões de metros cúbicos, correspondentes a 1522 milhões de kwh., com uma produção energética em ano hidro-lógico médio de 1490 milhões de kwh. Por outro lado, as albufeiras criadas constituem um factor de valorização turística da região.

SAÚDE:

Reunião dos ministros de Portugal e do Brasil

«A presença em Portugal do ministro da Saúde do Brasil mostra a importância que o Governo brasileiro atribui ao Acordo Cultural e Básico de Cooperação Técnica firmado entre os dois países irmãos», afirmou o prof. Rocha Lagoa, titular da pasta da Saúde do Brasil, no início de uma sessão de trabalho

efectuado esta manhã no Ministério das Corporações.

Depois de rápida visita de cumprimentos ao ministro português da Saúde, dr. Baltasar Rebelo de Sousa, o ministro brasileiro, acompanhado do seu colega português e do subsecretário de Estado da Saúde e Assistência, dr.ª Maria Teresa Lobo, reuniu-se com os directores-gerais e equiparados do Ministério da Saúde, dando conhecimento da acção que neste momento se está a desenvolver no Brasil no campo da saúde.

A sessão assistiram ainda o dr. José Carlos Ferreira, presidente do Conselho Superior de Acção Social, e o prof. Gonçalves Ferreira, director do Instituto Nacional de Saúde.

Esta tarde o ministro da Saúde brasileiro apresentará cumprimentos ao Chefe do Estado e ao ministro dos Negócios Estrangeiros.

PROBLEMAS HOSPITALARES

O secretário de Estado de Saúde e Assistência, dr. Jorge Assis dos Santos, esteve, esta manhã, no Hospital Escolar de São João, do Porto, onde se reuniu com os profs. Ernesto Moraes, director daquele estabeleci-

mento hospitalar; Carlos Lima, director clínico; dr. Sá Ferreira, administrador; prof. Casimiro de Azevedo, director do Serviço de Urgência; prof. Araújo Teixeira, chefe do Internato Médico e dr. Rui de Brito, adjunto do director clínico.

Durante a longa reunião, foram tratados assuntos de interesse para aquele hospital e para a assistência médica.

DELFIN NETO INAUGURA HOJE BANCO DO BRASIL

Delfim Neto, ministro da Fazenda do Brasil, que esta tarde inaugura uma agência em Lisboa do Banco do Brasil, divulgou no encontro de sábado com os jornalistas, num hotel da capital uma novidade em primeira mão. Trata-se de um acordo financeiro com a França para a construção do aeroporto supersónico do Rio de Janeiro, no valor de 58 milhões de francos.

Os países ricos podem crescer devagar ou até não crescer; os países pobres têm de crescer depressa — é esta a filosofia do principal responsável por aquilo a que se chamou «o milagre brasileiro».

«Que é que todos queremos?» — interrogou o ministro — «Desenvolvermo-nos, crescer. O que só se conseguirá com eficiência. À medida que vão aparecendo os problemas, procurar encontrar soluções... Se queremos colher flores, temos de saber o que plantamos e temos de plantar flores».

Depois de em França e na Inglaterra ter celebrado acordos financeiros, Delfim Neto prepara-se para intensificar em Lis-

boa as relações comerciais Portugal-Brasil e para estabelecer uma corrente comercial Angola-Brasil.

Interrogado acerca da possível concorrência entre produtos brasileiros e produtos dos territórios ultramarinos portugueses, Delfim Neto desmentiu a existência de qualquer «guerra do café» e esclareceu secamente: «O Brasil, em 1972, exportará 3 mil milhões de dólares, dos quais mais de um milhão será de produtos manufacturados».

Procurando uma relação entre o que está a ser a gritante diminuição do nosso comércio externo com os territórios ultramarinos e a criação da «corrente comercial» que o ministro referiu, o «DL», recordou o facto de a importação do Brasil ter passado de 1,4 por cento do total do ano de 1971 para 2,4 por cento do total do primeiro trimestre de 1972. Haverá vazios que o Brasil pretende preencher? Delfim Neto afirmou que evoluções diversas podem estar ou não correlacionadas, mas que, se o estão, não o estão explicitamente.

Sete mil bancários votaram no Sábado

Cerca de 7500 bancários votaram no sábado a lista única apresentada pelos sócios que, a partir de 6 de Junho, passa ser a nova direcção do Sindicato dos Empregados Bancários do Distrito de Lisboa. A direcção recebeu 6504 votos e a mesa da assembleia geral 6492 votos.

A jurisdição do sindicato estende-se a Castelo Branco, Portalegre, Évora, Beja, Santarém e Ilhas Adjacentes. Em Santarém e Setúbal funcionaram mesas de voto, tal como em Lisboa. Em qualquer das referidas localidades o número de votan-

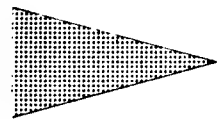
tes atingiu 80 por cento, tendo a percentagem geral sido de 52 por cento.

O número elevado de votos anulados deve-se sobretudo ao facto de muitas listas terem sido enviadas em registos colectivos, o que não é permitido por lei.

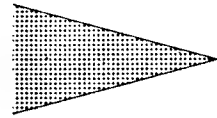
Em Lisboa, uma hora depois da assembleia de voto ter começado a funcionar uma bicha compacta de eleitores, entendia-se da rua de S. José até à Avenida da Liberdade, contornando a rua das Pretas. A mesa de voto manteve-se em actividade permanente entre as 13 e 30 às 24 horas.

MAGUE

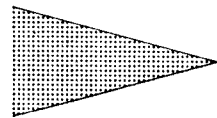
Para a nova CENTRAL HIDROELÉCTRICA DE VILARINHO DAS FURNAS, da COMPANHIA PORTUGUESA DE ELECTRICIDADE, S.A.R.L., a **MAGUE** contribuiu com o fornecimento dos seguintes equipamentos:



Turbina "Francis" de 100.500 CV funcionando sob uma queda de 413 m, construída sob licença e em colaboração com os 'Ateliers de Constructions Mécaniques de VEVEY, SA'.



Ponte rolante da Central, de 130 toneladas de capacidade e 13,9 metros de vão



Ponte rolante da Casa das Válvulas de 20 toneladas de capacidade e 6,5 metros de vão

assegurando assim à Indústria Nacional uma participação maciça na realização dos equipamentos desta importante obra.

CONSTRUÇÕES METALOMECÂNICAS **MAGUE** S.A.R.L.

ALVERCA DO RIBATEJO — PORTUGAL

DL/NACIONAL

CORREIOS DE ALMODÔVAR

Através da Secretaria de Estado da Informação e Turismo, recebemos dos Correios e Telecomunicações de Portugal o seguinte esclarecimento:

«O Diário de Lisboa» publicou um artigo acerca dos serviços postais no concelho de Almodôvar, salientando o seguinte: que as malas chegam ali antes das nove horas e só alcançam os postos mais afastados a meio da tarde; que são apenas dois carteiros a distribuir as malas pelos oito postos; e que só uma parte do conselho beneficia de duas distribuições.

Informam, a propósito, os CTT que na impossibilidade de se efectuarem diariamente duas expedições para os 19 postos, que recebem malas por intermédio de Almodôvar, a saída das mesmas tem lugar depois das 14 e 07, a fim de que o correio recebido a essa hora — e entre o qual se incluem alguns jornais diários — não sofra um atraso de 24 horas.

Quanto aos carteiros, não têm a seu cargo o serviço de transporte das malas, mas sim o de distribuição, duas vezes ao dia, na área urbana da vila.

Como oportunamente foi esclarecido através da Imprensa, a remodelação que está a operar-se nos transportes postais tem em vista permitir que todas as correspondências cheguem aos seus destinos no dia imediato, ficando as localidades a ser servidas apenas por uma recepção e uma expedição.

Até agora não foi possível estender a distribuição rural a todos os aglomerados populacionais dependentes de Almodôvar, dada a grande extensão da área a percorrer. O problema será, no entanto, solucionado quando for possível abran-

ger o concelho com o sistema de mecanização dos transportes, já em estudo noutras zonas rurais e previsto para a de Almodôvar.

Concurso de elegância e conforto automóvel

A Sociedade Estoril-Sol leva a efeito, nos dias 27 e 28, o seu concurso anual de elegância e conforto automóvel para o qual elaborou o seguinte programa: no dia 27, a partir das 14

e 30 e até às 18 horas, no parque privativo do Casino Estoril, o júri do certame procederá ao exame dos automóveis inscritos; no dia 28, de manhã, os automóveis serão de novo vistos pe-

los componentes do júri, cuja decisão será tornada pública às 16 e 30, após o que se efectuará o desfile dos carros premiados.

Este desfile, no parque privativo

do Casino Estoril, será valorizado com a presença de manequins profissionais que exibirão os últimos modelos da colecção Primavera-Verão da «boutique» Ayer.

Exposição Canina Internacional

Nos dias 3 e 4 de Junho, realiza-se no Jardim Zoológico a 58.ª Exposição Canina Internacional de Lisboa, promovida pelo Clube Português de Canicultura e patrocinada pela Federação Cinológica Nacional.

No certame, que este ano, além dos prémios habituais, tem diversos grandes prémios, constituídos por taças, actuarão como juizes, o sr. C.N. Davidson, de nacionalidade irlandesa, e os srs. Robert Townson e Starley Dangerfield, de nacionalidade inglesa, todos reconhecidos pelo Kennel Club, e, ainda, o dr. José Correia Monteiro, português e reconhecido pela F.C.I.

O júri dos grandes prémios será constituído pelos referidos juizes e pelos dres. Luís Navarro Brasão e José Pereira Gaspar.

CONVÍVIO

Realiza-se no próximo dia 28, no restaurante Estádio da Luz, o almoço anual dos naturais e amigos de Vila Nova de Oliveirinha.

Pede-se aos interessados o favor de fazerem as suas inscrições até ao dia 23 do corrente pelo telefone 328473.

Conferência sobre a Amazônia

Na sede social da Liga dos Combatentes, realiza-se no dia 6 de Junho, às 18 horas, uma conferência do general Antônio Augusto dos Santos, subordinada ao tema «Amazônia, terra de pioneiros», sendo a apresentação do orador feita pelo almirante Sarmiento Rodrigues.

Depois dela...

Marina



um caso sério... um carro a sério!

Marina... Já só o nome é atractivo, fascinante, diferente. Fascinante e diferente como o próprio carro, capaz de provocar paixões à primeira vista, um verdadeiro caso sério que o irá deslumbrar e fazer esquecer a última solução de carro que já tinha pensado para si!

Marina! Um nome que já não pode esquecer, depois dela... Mas ela estará de acordo, porque qualquer Marina, deslumbrá-la-á também...

E, juntos, escolham de 6 modelos aquele que é mais ao vosso gosto — e com Marina (um carro a sério!) terão tudo quanto se pode desejar num automóvel.



A.M. ALMEIDA LDA.
Av. da Liberdade, 11 / Av. 5 de Outubro, 168
Av. Guerra Junqueiro, 16 R. Escola Politécnica, 38 - Lisboa
R. Sá da Bandeira, 501 - Porto Agentes em todo o País



MORRIS

Marina 1.3 1.8 1.8 TC

MARINA...TUDO QUANTO SE PODE DESEJAR NUM AUTOMÓVEL

T. Novas - Montijo

	X	
1		
1		
1		
1		
1		
		2
		2
1		
1		
	X	2
1		
1		

DL/DESPORTOS

NACIONAIS DE FUTEBOL

E A FESTA DOS ÚLTIMOS VAI DURAR ATÉ ÀS TANTAS

Vinte cinco tentos marcados. Cinco triunfos dos visitados. Quatro derrotas a zero. Um único empate. Um êxito em terreno adversário e outro (do visitante) em terreno neutral. Resultados estranhos: derrota setubalense em sua casa, arranque magnífico do Porto perante o Beira-Mar; vitória entusiasta do Boavista no confronto com a Académica, briosa réplica do Tirsense a um Farense já sem preocupações. E, no fim de tudo isto, o Benfica a aumentar a sua vantagem sobre os pagens do campeão: maior fosso em relação ao Vitória de Setúbal e uma diferença do Sporting (12 pontos) que fica como «record» nos campeonatos.

SETUBAL: DERROTA É DINHEIRO EM CAIXA

No Barreiro: Barreirense, 1-Boavista, 2. No Restelo: Belenenses, 1-Barreirense, 2. No Lavradio: Cuf, 0-Belenenses, 1. Em Setúbal: Vitória, 0-Cuf, 1. Que mais argumentos serão necessários para justificar o extraordinário aliciente do futebol? Ao cabo de vinte e seis jogos sem perder, o Vitória setubalense viu-se desfeiteado por um gol de Eduardo, quatro minutos depois de entrar em campo para render Manuel Fernan-

quis despedir-se do seu público com uma vitória: e o Farense não comprometeu. Até porque nada tinha a perder, já que se encontra numa situação invejada por muitos: com situação definida, longe das confusões dos últimos e á espera do defeso para preparar a próxima época. António Luís foi o marcador dos dois golos do Tirsense: aos 10 minutos de jogo para aos 25, repetir a façanha. A vitória do Tirsense tem a virtude de nos mostrar o desportivismo dos seus jogadores que, embora sabendo-se condenados á despromoção, se bateram com invulgar energia e entusiasmo, disputando o jogo e o campeonato até ao fim. Parabéns.

Equipas:
TIRSENSE — Barrigana; Albano, (Vieira), Cristóvão, Luís Pinto e Amândio; Francisco Baptista e Amaral; Ernesto, António Luís, Carlos Manuel e Manuel.

FARENSE — Rodrigues Pereira; Conceição, Caneira, Atraca e Assis; Ferreira Pinto (Testas) e Valdir; Sérgio, Adilson (Ernesto), e Farias.

Saldanha Ribeiro (Leiria) foi o juiz.

COSTAS ALIVIADAS ATÉ À LIGUILHA

Quando se esperava que Mário Wilson ajudasse a «sua»

JOGAR SOB PROTESTO E VENCER POR 5-1

O F. C. do Porto entendeu que o terreno pelado de Ílhavo não estava em condições de ali ser disputado um encontro para a primeira divisão: e antes de



O dr. Martins Canavarde entrega a Jaime Graça a taça do campeonato da época passada.

entrar em campo declarou comparecer sob protesto, uma vez que o castigo em vez de ser ao Beira-Mar, era ao Porto... Contrafeitos pela atitude do árbitro que considerava o «pelado» em condições os portistas começaram por sofrer um gol: mas, logo depois surgiu a rectificação. O empate veio através de Abel, que marcaria ainda por mais duas vezes na primeira parte. Porque, na segunda, Lemos e Flávio assinarão mais dois tentos, dando ao F. C. do Porto a coragem de desistir do protesto.

Equipas:
BEIRA MAR — César; Severino, Marques, Soares e Almeida; Cléo (Teixeira) e Inguila; Nélio (Lázaro), Eduardo Colorado e Adé.

F.C. PORTO — Rui (Armando); Rodolfo, Manhiça, Rolando e Valdemar; Vieira Nunes e Pavão; Ricardo, Flávio, Abel e Lemos.

Árbitro: Carlos Dinis, de Lisboa.

VITÓRIA DA ACADÉMICA FOI ANTES DO JOGO

«Vencendo» no sábado á noite o seu jogo de secretaria contra o Barreirense, a Académica não conseguiu no Lima somar os dois pontos da vitória: porque o Boavista precisava também deles, e mostrou em campo ser a equipa mais capaz de o conseguir. Jorge Félix e Graguito, materializaram o domínio dos axadrezados, garantindo ao Boavista um pouco mais de

tranquilidade para a última jornada do Nacional. Quanto á Académica (agora em igualdade de pontos com o último que continua a ser o Tirsense), terá de vencer os dois jogos que lhe faltam (ambos contra o Barrei-



rense), para fugir á descida de divisão.

Equipas:
BOAVISTA — Vítor Cabral; Bernardo da Velha, Mário João, Amândio e Lino; Celso e Aleixo; Fraguito, Moura, Jorge Félix e Moinhos.

ACADEMICA — Melo, (Cardoso), Brasfemes, Alinho, Belo e Simões; Gervásio e Vítor Campos; Mário Campos, Manuel António Vala (Vitor Gomes) e Costa.

Árbitro (corajosamente) Francisco Lobo (Setúbal).

BARREIRO NA RESSACA A CUMPRIR CALENDÁRIO

Festa no Barreiro com os dois pontinhos do descanso. Após a vitória sobre o Leixões, deixam de assumir particular significado os jogos com a Académica. O que, diga-se de passagem, até pode constituir uma boa vantagem para os «estudantes». Foi com um gol do magnífico Câmpora que ao intervalo se caminha já para a conclusiva vitória dos do Barreiro. Mais três tentos na etapa complementar confirmaram a permanência do Barreirense entre os «crescidos» do futebol cá do sítio. E o Leixões? Tem de ganhar ao Atlético no terreno do Mar e aguardar que a boa estrela apareça. Por algum preço se pagam três mudanças de treinador na mesma época...

BARREIRENSE — Bento; Romão, Carlos Luís, Bandeira e Patrício; João Carlos e Luís Mira, José João, Serafim, Câmpora e Malagueta.

LEIXÕES — Tibi; Celestino, Adriano (Jacinto) Teixeira e Nicolau; Gentil e Albertino, Joaquinzinho, (Fernando) Vaqueiro, Horácio e Esteves.

Árbitro — César Correia de Faro.

2.ª DIVISÃO: PRIMEIRA DERROTA DO MONTIJO E ESPERANÇA DO UNIÃO DE COIMBRA

Coimbra vive momentos de esperança: pela Académica (ainda com hipóteses de ficar na primeira divisão) e pelo União

OPINIÕES DA EQUIPA

«DL»
Orlando Dias Agudo
Alexandre Pais
Antonio Tadeu
Jesus da Cunha
José Manuel Fernandes
Fernando de Maia Pinho

zim (1-1); Riopole-Famalicao (1-2); Gil Vicente-Sanjoanense (0-2); Penafiel-Marinhense (0-4); e Fafe-Covilhã (0-2).

ZONA SUL

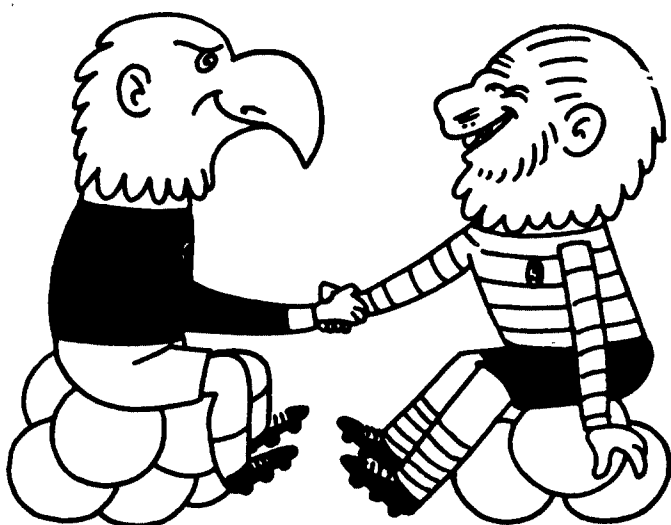
	V	E	D	G	P
MONTIJO	28	18	9	1	50-14 45
Peniche	28	16	7	5	49-23 39
Un. Leiria	28	14	6	8	48-26 34
Sesimbra	28	11	9	8	42-34 31
Oriental	28	12	5	11	34-29 29
Sacavenense	28	13	3	12	39-42 29
Sintrense	28	8	12	8	36-32 28
Portimonense	28	13	2	13	38-39 28
Seixal	28	11	6	11	28-43 28
Torres Novas	28	11	5	12	35-44 27
Olhanense	28	10	6	12	37-37 27
C. da Piedade	28	10	6	12	37-35 26
Tramagal	28	10	6	12	31-42 26
Nazarenos	28	8	6	14	32-45 22
Torreense	28	4	8	16	30-53 16
Lusitano	28	6	2	20	27-55 14

PROXIMA JORNADA

Peniche-Torreense (1.ª volta; 2-2); Portimonense-Oriental (0-2); Olhanense-Cova da Piedade (1-2); Leiria-Sesimbra (0-0); «Os Nazarenos»-Torres Novas (1-1); Montijo-Tramagal (2-0); Lusitano V. R. Seixal (1-0); e Sacavenense-Sintrense (1-1).

PRÓXIMA JORNADA TRAZ MUITO PARA CONTAR

O Barreirense-Académica correspondente á primeira volta, será repetido na próxima



Então, até ao Jamar...

de vantagem em relação ao terceiro classificado que é o União de Leiria. No fundo da classificação seguem o Torreense com 16 pontos e o Lusitano com 14. Portanto, a luta na segunda divisão nacional, resume-se á zona Norte: dos resultados das duas últimas jornadas, sairão os nomes do campeão e daquele que terá de jogar «liguilla».

ZONA NORTE

	V	E	D	G	P
RIOPELE	28	12	11	5	38-24 35
Un. Coimbra	28	11	12	5	31-17 34
Marinhense	28	14	5	9	40-25 33
Sanjoanense	28	12	8	8	40-31 32
Varzim	28	11	10	7	30-25 32
Fafe	28	11	6	11	35-36 28
Sp. Braga	28	11	6	11	30-33 28
Penafiel	28	10	8	10	31-38 28
Sp. Espinho	28	8	11	9	33-28 27
Famalicao	28	11	5	12	43-42 27
Un. de Lamas	28	11	4	13	35-35 26
Salgueiros	28	7	12	9	23-29 26
Gil Vicente	28	9	9	11	27-33 25
Sp. Covilhã	28	10	4	14	42-45 24
Alba	28	9	5	14	37-52 23
Gouveia	28	9	4	16	19-41 20

PROXIMA JORNADA

Espinho-Lamas (1.ª volta; 1-2); Salgueiros-Gouveia (0-1); Alva-Coimbra (0-2); Braga-Var-



Beijinhos pró Nando.

des. Respira fundo o tesoureiro sadino que, ainda com a última vitória sobre o F. C. Porto, teve de desenbolsar quase sete notas das maiores para cada jogador. Resta agora ao Vitória, justíssimo «out-sider» do Benfica, igualar uma das proezas dos «encarnados»: terminar a competição sem perder em campo alheio. E com a vantagem de este ser o maior campeonato de sempre. Belo atractivo para o embate de domingo no Restelo onde, assinalo-se, o Belenenses impediu os pupillos do Pedroto de prosseguirem numa prova feita a seu gosto: a «Taça de Portugal».

Equipas:
VITÓRIA — Vaz; Barão, Cardoso, Mendes e Carriço; Octávio e Matine; José Maria, Torres, Arcanjo (Duda) e Jacinto João.

C. U. F. — Conhé; José António, Castro, Américo e Esteves; Arnaldo e Monteiro; Vítor Gomes, Manuel Fernandes, Fernando Eduardo e Juvenal.

Árbitragem do lisboeta Américo Barradas.

A REALIDADE DA DESCIDA NÃO ASSUSTOU O TIRSENSE

Irremediavelmente votado a descer de divisão, o Tirsense

Académica a salvar-se (derrotando o União de Tomar), foram os pupillos de Fernando Cabrita que meteram uma segunda velocidade no seu jogo e derrotaram inapelavelmente a tranquila rapaziada minhota.

Mas lá que foi precioso este triunfo ninguém tenha dúvidas. Aliás, como o compreenderam jogadores e adeptos que acabaram o jogo em festa, vendo afugentado o espectro da II Divisão, pelo menos até á Liguilha. O Tomar marcou dois tentos na primeira parte, descansou depois por pensar ter assegurado o triunfo, consentiu o empate e só obteve a vitória sobre a hora de terminar o encontro. Enfim, mais emoção que beleza técnica e continuação da luta até ao último domingo. Mas agora com as costas mais aliviadas.

Marcaram Bolota, e Camolas (dois golos), Silva e Tito. Árbitro António Espanhol, de Leiria. Equipas:

TOMAR — Nascimento; Kiki, Faustino, Cardoso e Barnabé; Manuel José e Calado; Pavão, Bolota, Camolas e Totói.

GUIMARÃES — Gomes; Costeado, Manuel Pinto, José Carlos e Osvaldingo; Helder Ernesto e Custódio Pinto; Silva, Jorge Gonçalves, Tato e Ibraim. (Cartuxo)

CLASSIFICAÇÃO

	V	E	D	G	P
BNFICA	29	25	3	1	76-14 53
V. Setúbal	29	17	10	2	62-16 44
Sporting	29	16	9	4	49-26 41
C. U. F.	29	11	13	5	38-27 35
F. C. Porto	29	12	7	10	45-32 31
V. Guimarães	29	10	8	11	47-46 28
«Os Belenenses»	29	11	6	12	35-33 28
Barreirense	28	10	5	13	33-44 25
Farense	29	9	7	13	32-43 25
Boavista	29	7	10	12	27-44 24
Beira Mar	29	7	9	13	28-46 23
Atlético	29	7	9	13	34-52 23
Un. de Tomar	29	9	5	15	25-40 23
Leixões	29	7	7	15	26-50 21
Tirsense	29	6	7	16	26-60 19
Académica	28	6	7	15	27-37 19

DL/DESPORTOS

NACIONAIS DE FUTEBOL

DA ÁGUIA VESTIDA À SPORTING AO FABULOSO GOLO DE EUSÉBIO QUE VALEU CENTO E DEZ CONTOS

Noite cerrada (dizem que às quatro da manhã) um grupo de comandos «leoninos» assaltou a Luz e vingou-se da subalternidade dos últimos tempos vestindo a águia que protege o estádio, (símbolo imperial do totalitarismo benfiquista) com uns belos calções pretos de tinta e riscando-a de verde e branco como se o animalzinho tivesse alguma culpa do Eusébio, o José Henrique e o Jaime Graça serem os melhores...

Doze horas depois, às 16, Mário Lino orientou também um grupo de comandos bem adestrados com uma tática inesperada no bolso, para assaltar a invencibilidade benfiquista naquele estádio. Mas um defesa-direito forjado à pressa (Manaca) matou logo ali as aspirações dos seus colegas, oferecendo de borla (com vinte e cinco segundos de jogo apenas decorridos), um golo ao seu patricio Eusébio. Será que o moçambicano do Sporting queria compensar o bónus dos seis internacionais que o Benfica reteve na prateleira e não lançou em campo?

(O golo inesperado), por vir demasiado cedo, não nos obrigou ainda assim a modificar os nossos planos — garantia-nos Mário Lino após o encontro. Eu tenho confiança absoluta nos ra-

pazes e sabia que mantendo o plano previamente traçado a recuperação seria um facto. Recuperámos, aliás, o atraso: e esteve ao nosso alcance o 1-2, quando Nando enviou uma bola de cabeça à trave, numa altura em que o Benfica sossobrava nitidamente).

Para além desta inovação de Manaca a defesa-direito (é possível que pegue, mas ontem nem disse que sim nem garantiu que não, já o golo foi acidental e fora da zona lateral direita), Lino foi audaz ao ponto de sentar José Carlos (quem diria!) no banco dos suplentes e lançar Nando para uma missão difícil: ser, ao mesmo tempo, extremo-esquerdo e apoiador de Yazalde.

Os resultados não podem considerar-se negativos. Perdeu o Sporting, é certo, mas o Benfica



Os comandos-pintores atacaram ao amanhecer

teve períodos de autêntico campeão, nomeadamente depois do 2-1 em que submeteu o seu adversário a uma terrível pressão,

com a criação de situações de golo sucessivas, na zona esquerda da grande-área. E, ainda por cima, o Sporting, apesar de batido, lutou com uma dignidade, com uma capacidade ofensiva e com um arreganho que só um grande conjunto consegue expor durante tanto tempo, naquele estádio. O Sporting jogou para ganhar. Perdeu, mas resta a desculpa das duas bolas na trave e do lance genial de Eusébio que valeu aos seus camaradas dez contos de prémio a cada um. Logo, um golo a altura da monumentalidade técnica que de facto foi. Uma obra de arte a valer cento e dez contos.

Aquela troca rapidíssima de passes com Jordão, e a consequente fuga à marcação cerrada de Caló e Laranjeira para se

isolar com a bola e deixar Damas a meio da viagem (vendo a bola a beijar a rede), só está ao alcance de um eleito. Ao alcance de Eusébio, ontem restituído à sua condição de homem-golo, bem na área, no eixo do trio atacante com uma inaudita fome de golos. Dois comeu-os ele. Outros falharam-nos os colegas.

A propósito de golos, Yazalde é mesmo goleador e bom de bola. Quem não acreditava, viu ontem: como se recebe um passe de Nando, se ladeia um defesa e se remata na passada. Foi à base do poste quando o caminho merecido era o golo, mas foi belo de ver, disse ninguém tenha dúvidas. E no lance do tento «leonino», só a gana e a fúria de marcar possibilitaria

Por DANIEL REIS

aqueles centímetros de avanço em relação à defesa, para estender e perna e enviar à rede o cruzamento milimétrico de Chico.

(Quando atirei à baliza, da primeira vez, era mesmo para o golo. Vi-o na minha frente e nem segui o esférico, voltei-me logo a festejá-lo. Qual não é o meu espanto quando a bola salta para o terreno e vai parar às mãos de José Henrique. Se eu não acreditasse na certeza do remate, talvez pudesse fazer a recarga — palavras do argentino Yazalde a explicar o fracasso no lance mais belo do ataque verde).

Aquela invasão final, aquele explodir do entusiasmo benfiquista quando o árbitro apitou, foi também, quanto a nós, uma homenagem à equipa «leonina». Com alguém a quem apertamos os «calos», que sente uma dor forte e de repente tira a bota e salta de alívio. Os jogadores, esses já se tinham refugiado nas cabanas esperando a final da Taça, daqui a quinze dias. Para novo embate à altura de dois grandes.

Equipas: BENFICA — José Henrique; Artur, Messias, Zeca e Adolfo; Jaime Graça e Vítor Martins; Nenê, Toni, Eusébio e Jordão.

SPORTING — Damas; Manaca, (Dinis) Laranjeira, Caló e Hilário; Tomé e Peres; Chico (Lourenço), Nelson, Yazalde e Nando.

Árbitro: (excelente) Maximino Afonso.



Eusébio o dono da bola, cava a bom cavar do arremedo de invasão no final do jogo. Nenhum jogador foi apanhado, e as camisolas continuam operacionais. Alívio para o tesoureiro, não para os homens da relva que esses terão trabalhado dobrado para reparar os efeitos da mini-invasão



Eusébio e Yazalde, os reis da festa

DL/DESPORTOS

NACIONAIS DE FUTEBOL

O JOGO QUE ESCOLHEMOS PARA VER ATLETICO 1-BELENENSES, 1

NADA DE NOVO NA FRENTE OCIDENTAL

Comentarios por NEVES DE SOUSA

Na Tapadinha, um Atlético muito nervoso teve pela frente um Belenenses com ataque inseguro e defesa vivendo exclusivamente da excelente presença de Freitas: que chegou até para tapar os sucessivos falhanços de Gomes, realmente um corredor aberto aos alcantaren-
ses.

Digamos quem jogou sob arbitragem (primorosa) do leiriense António Garrido:

ATLETICO — Gaspar; Esmoriz, Valdemar (Durand), Candeias e Baltazar; Bernardo, Semedo e Vieira (Vasques); Leitão, Pedras e Raimundo.

BELENENSES — Mourinho; Murça, Quaresma, Freitas e Gomes; Ernesto, Quinito e Estevão; Laurindo (Pedro), Luis Carlos e Godinho.

Na primeira parte, o Belenenses sofreu certa pressão: mas o Atlético (Leitão e Raimundo não ganhavam um simples passo para a grande área «azul») não teve rematadores. E Mourinho foi somente espectador: mais entusiasta

onde Gaspar foi atento, Valdemar infeliz, Baltazar lutador e Esmoriz aplicado. Bernardo, com uns quilos a menos, teria chegado a tempo de evitar o disparo fatal de Luis Carlos: mas, rendeu infinitamente mais que Semedo, Vieira ou Vasques, que roçaram a discreta mediania. Na frente, existiu Pedras: porque Leitão discute, Raimundo questiona e nenhum deles se entende. Com a bola ou com os colegas.

Do lado «azul» censura (grande) para o ar displicente de Pedro: que entrou em campo de meias caídas e andou a passo logo a partir da primeira jogada a que o solicitaram. Depois, há que referir o «grande falhanço habitual» de Ernesto: desta feita aos 35 minutos, após ótimo trabalho de Godinho e defesa atribulada de Gaspar exactamente para os pés do loiro belenense que pontapeou para uma dezena de metros do rectângulo madeira-relva. Mas, não foi só Ernesto que esteve desastrosos: também Quinito raramente levou a me-



Freitas, o melhor: músculo na bola que para isso lhe pagam

(claro) quando Luis Carlos (45 m.) fez o tento do seu grupo.

No período complementar, impulsionados pelo bom jogo de Esmoriz, Baltazar e Bernardo, os «atléticos» pressionaram o último reduto «azul»: onde Murça esteve muito melhor que Quaresma, Gomes pior que qualquer deles e Freitas acima de todos. Aliás, seria por apatia (ou falta de pernas) de Gomes e Murça que o Atlético faria o seu tento: toque de Esmoriz para Bernardo e deste para Pedras que, isolado, apareceu defronte de Mourinho e, tranquilamente, fez a bola passar por debaixo do corpo do guarda-redes muito tardio a entrar em acção. Com efeito, este é um ponto que Scopelli e Peres BAndeira terão de rever: o mau tempo de entrada da sua defesa e os ares arrogantes que os «backs» tomam entre si sempre que perdem uma jogada. Vai valendo, na emergência, o abnegado Freitas: mas ele não pode chegar para tudo...

O nulo é prémio para o esforço do Atlético:

lhor sobre os antagonistas, embora (evidentemente) se note que como jogador de bola está a léguas do seu parceiro recém-médio.

Estevão (gorduchito) e Godinho (apagado) pouco saltaram para os olhos do público que notou (isso, sim) o magnífico toque de bola do brasileiro Luis Carlos e o medo de Laurindo sempre que um adversário começa a correr para si. Um caso de pavor...

Mais meia dúzia de notas: as botas e as meias de Murça, que deveriam estar trocadas porque ele passou o tempo a mexer-lhes; a lesão de Valdemar (perna esquerda) que mostrou a fibra do jogador que suportou a dor até ao intervalo ser rendido; os cinco-seis passos (com bola nas mãos) que Gaspar dá com frequência; os dois pontapés que Leitão falhou em última instância; o entusiasmo com que se bateu a esmagadora maioria dos profissionais em acção na Tapadinha. E, nunca será demais repetir, a brilhante actuação do árbitro António Garrido: uma lição.



Bernardo vence Laurindo que é tão bom jogador como medroso

NÃO HÁ "RIBEIRO DOS REIS"

Dado o desinteresse da maioria dos grandes clubes, ficou sem efeito a «Taça Ribeiro dos Reis».

Em jogo de futebol efectuado em Arcos de Valdevez, a reserva do Sporting venceu o Atlético local por cinco bolas a uma. Os golos dos «leões» foram todos obtidos por Joaquim Rocha.

Nóbrega e Leopoldo (recentemente operados pelos médicos do F. C. do Porto) regressam esta semana a casa, para início da recuperação funcional.

Segundo informação proveniente do Norte, Bento e Nelinho mantêm conversações com o F. C. do Porto com vista a uma possível transferência. Nelinho está ligado ao Palmense e é crível que se mude de Aveiro para a capital nortenha.

No Brasil e no Vasco da Gama não se faz a coisa por menos. O treinador Zizinho empatou três vezes consecutivas (uma com sabor a vitória, com o Flamengo, e outras duas com o Bonsucesso e Olaria) e foi posto na rua. O Vasco da Gama, que não havia tido comportamento brilhante no primeiro turno, julgou que Tostão lhe resolveria todos os problemas. Como tudo continuou como dantes, o punido foi o treinador, seguindo-lhe na calha a Comissão Técnica constituída por Cláudio Coutinho, Admildo Chirol e Hélio Vício.

O futebol brasileiro vai ser homenageado na inauguração

O RECORTE DA SEMANA

De «Mundo Desportivo», de sexta-feira:

As ordens do engenheiro-agrônomo responsável pela relva do novo Estádio são peremptórias: durante um ano, nem treinos nem ginástica no relva. Bola e futebol, só de 15 em 15 dias... e isso porque a tal o calendário obriga.

Esta será a única maneira na autorizada palavra do responsável, do Estádio continuar a possuir arrelvamento no futuro. Submetê-la agora, e para a próxima época ao martírio dos treinos diários, com ou sem bola, é liquidá-la, positivamente.

A relva, tenra, verde, macia, que ainda o rectângulo, que é o gozo dos jogadores, e a delícia do futebol, vive em drama um drama terrível de subsistência.

Numa tarde dourada, cones cilindros de alumínio esborracham-na e rasgam-na, espezinhando-na brutalmente e brutalmente abrem um sulco de terra escura. Fim de um martírio de 45 minutos e quando começava, cada uma de por si, a tratar das suas feridas, a recorrer à mãe-raiz e soerguer-se para a luz, e-las outra vez sob o peso e os golpes desses «pitons» demoníacos apostados em destruí-la. E passa-se um dia. E vem a chuva. E sobre elas os mesmos «pitons»: Agora a pobre relva está mesmo segura.

As suas raízes estão mais soltas na terra pelo amolecimento da água. E tremem. Não pelo vento que zune mas pelo momento que temem e se aproximam...

E necessário deixar a relva prender-se à terra. Tornar-se adulta e suportar os «pitons» dos jogadores como os homens suportam os «pitons» da vida...

do estádio olímpico de Muni- que, nas pessoas do Presidente da CBD e do árbitro Armando Marques. Havelange é convidado de honra e o prestigioso árbitro dirigirá o Alemanha-Rússia inaugural, no dia 26.

Uma piada de mau gosto, durante um encontro de equipas

femininas, valeu a um espectador um K. O. impressionante e que lhe deve servir de emenda. Local: Turim. Nocauteador: o árbitro Franco Munaro que não teve pejo em vir à linha lateral a derrubar o mal comportado espectador com um murro nos queixos.



OFERECE UMA MOEDA OLÍMPICA DE PRATA



NA COMPRA DO NOVO TELEVISOR



SIEMENS

OLYMPIC

O MELHOR NA TÉCNICA E NO PREÇO

7

LOJAS DARDO

AVENIDA DA LIBERDADE, 131
AV. ALMIRANTE REIS, 124
PRAÇA DE LONDRES, 7
RUA DE S. BENTO, 53-57
RUA D. ESTEFÂNIA, 193, D-E
R. GONÇALVES CRÊSPO, 26-B
R. 1.º DE MAIO, 146 (S. Amaro)

Dada a dificuldade na obtenção de moedas olímpicas, o prazo desta campanha é limitado.

EXCURSÕES EM AUTOCARRO COM PARTIDAS DE SETÚBAL E LISBOA

Realizadas nos nossos autocarros de turismo
Acompanhadas por pessoal altamente qualificado

Lourdes-Andorra-Madrid	9 dias	3.950\$00
Lourdes-Andorra-Barcelona-Valência-Madrid	12 dias	4.950\$00
Lourdes-Paris-Andorra-Madrid	15 dias	5.950\$00
Paris-Londres-Madrid	16 dias	8.500\$00
Bélgica-Holanda-Luxemburgo		
Vale do Reno-Suíça-Andorra	20 dias	9.950\$00
Suíça-Austria-Itália	24 dias	12.500\$00
Galiza e Costa Cantábrica	9 dias	3.850\$00

Peça-nos o programa detalhado e reserve desde já o seu lugar pois a respectiva lotação é limitada

Informações e reservas em:

Belos Turismo Setúbal-Av. 5 de Outubro- Tel. 23291
Évora-Rua da República-Tel. 24254

bolsa de LISBOA

FUNDOS DE ESTADO

	Elec	Compra	Venda
Cons. 2 3/4	—	435\$	—
Cons. 3 1/2	452\$	452\$	—
Cons. 3 1/2	557\$	557\$	—
Centenários	1.290\$	1.285\$	1.297\$
Tos. 5 1/2	—	1.000\$	1.000\$
Tes. 5 1/2	—	1.000\$	700\$
Extern. 1ª s	—	610\$	—
Extern. 3ª s	—	800\$	840\$
Extern. 3ª s	—	830\$	—
Caul. 3ª s	—	170\$	—

FUNDOS PÚBLICOS

A Lx 6 1/2	950\$	950\$	—
C M. L. 5 3/4	990\$	990\$	—
C P. 5 1/2	—	900\$	920\$
C P. 5 1/2	—	900\$	920\$
Corr. 5 3/4	930\$	930\$	—
Met. 5 3/4	—	910\$	—
Tur. 5 3/4	1.010\$	1.008\$	1.013\$
C P. 6 3/4	1.010\$	1.008\$	1.013\$

ELÉCTRICAS

G. 5 1/2	—	—	850\$
G. 5 1/2	—	967\$	—
G. 5 1/2	—	967\$	—
G. 5 1/2	—	967\$	—
G. 5 1/2	—	965\$	—
G. 6 1/2	—	—	940\$
G. 6 1/2	—	—	940\$
G. 7 1/2	—	1.008\$	1.010\$
H. E. C. 6 1/2	—	800\$	—
H. E. D. 6 1/2	—	—	960\$
H. E. N. P. 5 1/2	—	810\$	—
H. E. S. E. 5 1/2	—	930\$	—
H. E. S. E. 6 1/2	—	950\$	—
H. E. Z. 5 1/2	—	—	850\$
N. Elec. 5 1/2	—	975\$	—
N. Elec. 6 1/2	—	—	975\$
Termoel. 5 1/2	—	740\$	—
U. E. P. 5 1/2	—	—	975\$
U. E. P. 6 1/2	—	—	975\$

DIVERSAS

A P T 5 1/2	—	870\$	—
A P T 5 1/2	—	870\$	—
Lisnave 6 1/2	—	950\$	—
Nitratos 60	—	880\$	880\$
Pet. 2ª e 3ª	—	860\$	880\$
Sacor 7 1/2	1.002\$	—	1.003\$
Sacor 5 1/2	—	930\$	—
Sacor 5 1/2	—	850\$	—
Sid 5 1/2	—	790\$	—
Sid 5 1/2	—	790\$	—
Sid 5 1/2	—	—	915\$
Socel 5 1/2	—	915\$	—
U. Fabril 67	935\$	930\$	935\$
U. Fabril 68	—	—	940\$

ULTRAMARINAS

Carbonit. 5 1/2	—	—	—
Rev. 5 1/2	—	—	—
Rev. 5 1/2	—	—	—
Moçamb. 5 1/2	—	420\$	500\$
Sonelf 5 1/2	—	810\$	—

ACÇÕES

De Bancos

Agricultura	3.195\$	3.190\$	3.195\$
Alentejo	1.380\$	1.370\$	1.380\$
Angola	—	3.545\$	3.550\$
Cred. Predial	6.200\$	6.190\$	6.200\$
Esp. Santo	9.300\$	9.290\$	9.300\$
Fomento	4.720\$	4.720\$	4.730\$
F. & Burnay	—	—	—
N. Ultr. m	—	5.700\$	5.750\$
N. Ultr. c	6.185\$	6.185\$	6.190\$
Portugal n.	—	4.600\$	4.700\$
Portugal p.	—	5.800\$	5.850\$
P. Atlântico	11.500\$	11.450\$	11.550\$
Totta & Açores	6.030\$	6.010\$	6.030\$
Algarve	2.160\$	2.150\$	2.170\$
Borges & Irmão	8.100\$	8.100\$	—

J. BURNAY, LD^ª

Notas estrangeiras
Papéis de crédito

RUA DO OURO, 72 TEL. 321273



Banco Borges & Irmão

Índice de cotação das acções (Base: Dez. 55=100)

	15-5-1972	19-5-1972	22-5-1972
GERAL	192,5	188,8	189,2
METROPOL	194,7	191,5	191,8
ULTRAM	176,3	169,3	169,9

De Seguros

Alentejo	150\$	150\$	151\$
Bonança	—	15.000\$	—
Império	—	—	21.000\$
Mundial	1.375\$	1.375\$	1.380\$
Soberana	—	—	1.850\$
Tranquilidade	—	—	—

Eléctricas

C. P. E. P.	1.105\$	1.104\$	1.105\$
C. P. E. n.	—	1.100\$	1.106\$
E. Berras	—	—	1.800\$
G. Elec. c	340\$	340\$	341\$
H. E. A. A.	166\$	165\$	166\$
H. E. N. P.	—	—	235\$
H. E. S. E.	—	1.850\$	1.930\$
U. E. P.	193\$	193\$	—

Ultramarinas

Ag. Casseque	1.035\$	1.035\$	1.040\$
Ag. Incomat	—	2.500\$	2.700\$
Ag. S. T. e P.	—	180\$	—
Ag. Angola	—	900\$	980\$
Alg. Angola	—	—	230\$
Ang. Agric.	—	—	140\$
Boror Com.	—	—	—
Buzi	87\$	86\$	87\$
Cabinda	150\$	150\$	155\$
Com. Lobito	—	820\$	830\$
D. A. T. 100	—	1.910\$	1.950\$
H. E. Revuê	—	—	590\$
I. do Princ.	—	450\$	500\$
Moçambique	—	162\$	165\$
Sonelf n.	—	—	375\$
Sonelf p.	380\$	370\$	375\$
Zambézia	—	63\$	66\$

Diversas

Ag. Lx. 34	—	430\$	—
Ag. Lx. 36	415\$	410\$	415\$
Cel. Guadiana	—	5.800\$	6.000\$
C. Leiria p.	14.000\$	14.000\$	14.200\$
C. Tejo p.	—	—	—
F. Ramada	—	—	—
Fornos Eléct.	3.900\$	3.900\$	3.920\$
P. Celulose	4.470\$	4.470\$	4.500\$
Siderurgia p.	2.955\$	2.950\$	2.960\$
Siderurgia n.	—	3.740\$	—
Socel	6.770\$	6.750\$	6.800\$
C. U. F.	3.120\$	3.100\$	3.110\$
C. U. F.	540\$	537\$	545\$
Inlar	—	—	—
Nitratos	—	1.080\$	1.085\$
Petroquímica	3.000\$	2.980\$	3.020\$
Sacor	—	1.850\$	1.950\$
Tab. Portugal	7.350\$	7.350\$	7.400\$
Tabaqueria	800\$	800\$	810\$
U. F. Azoto	—	—	290\$
Empor. Azoto	—	—	—
Ind. Aliança	—	—	—
I. P. Colón	—	—	—
Nac. Naveg.	7.250\$	—	7.250\$
Naveg. (Col.)	2.300\$	2.180\$	2.320\$
P. Pesca	—	1.000\$	—
Matur	—	—	1.030\$
R. Marconi	2.050\$	2.050\$	2.100\$
TAP	1.295\$	1.295\$	1.300\$
Compal	—	—	700\$
Salvor	—	—	1.500\$
Penina	—	—	1.250\$
Grão-Pará	900\$	900\$	—

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

Atlântico
F. I. D. E. S.

COTAÇÕES

PAISES	COMPRA	VENDA
Africa do Sul - Rands	31\$50	34\$00
Alemanha - Marco	8\$35	8\$65
América	—	—
Dollars de 1 a 2	26\$20	26\$90
Dollars de 5 a 20	26\$50	27\$30
Dollars de 50 a 100	26\$60	27\$40
Argentina - Peso Novo	1\$80	2\$80
Austria - Schilling	1\$17	\$22
Bélgica - Franco	\$60	\$63
Brasil - Cruzeiro	3\$70	4\$70
Canadá - Dólar	26\$70	27\$50
Dinamarca - Coroa	3\$75	4\$05
Espanha - Peseta	\$41	\$43
Frância - Franco	\$835	\$855
Holanda - Florim	\$825	\$855
Inglaterra - Libra	70\$00	72\$00
Itália - Lira	\$04.45	\$04.75
Marrocos - Dirhan	\$800	\$850
Noruega - Coroa	\$395	\$425
Suécia - Coroa	\$545	\$575
Suíça - Franco	6\$93	7\$18
Ouro	—	—
Inglaterra - Libra Isabel	395\$00	425\$00
Inglaterra - 1/2 Libra	330\$00	355\$00
Ouro fino - Barra	49\$00	51\$50

BANCO DO ALENTEJO



GESTÃO DE CARTEIRAS DE TÍTULOS
TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Prédio D. João da Câmara, 18, Tel. 326245
Rua do Ouro, 52, Tel. 321273

televisão

HOJE

1.º Programa (22.05)
Concurso «O Jogo do Galo»
12.ª Sessão apresentada por Artur Agostinho e realização de Pedro Martins
2.º Programa (22.00)
Noite de cinema
«Os Gigantes da Floresta»
Filme de grande metragem interpretado por Kirk Douglas, Eve Miller, Patrice Wymore, Edgar Buchanan e John Archer, numa realização de Felix Feist



SIEMENS ESTORIL
O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

HOJE

1.º Programa
12.45 Abertura e desenhos animados.
13.00 Feminino singular.
13.15 Filme de série: «Uma Mãe para Eddie».
13.45 Telejornal - 1.ª edição.
14.00 Um dia com...
14.15 Logo à noite.
2.º Período
14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa.
19.25 O Circo Kiri.
19.30 Telejornal - 2.ª edição.
19.45 Cartaz TV.
20.00 Mesa redonda
20.30 Ao serviço da nação.
21.00 Série de aventuras «Na Terra do Arco Iris».
21.30 Telejornal - 3.ª edição.
22.05 Concurso «O Jogo do Galo».
22.50 Civilização.
23.55 Telejornal - últimas notícias.
00.00 Meditação e fecho.
2.º Programa
20.30 Abertura e um dia com...
21.00 Filme de série: «Uma Mãe para Eddie».
21.30 Telejornal - 3.ª edição.
22.00 Noite de cinema «Os Gigantes da Floresta».
23.30 Fecho.

AMANHÃ

1.º Programa
12.45 Filme infantil.
13.00 ABC
13.15 Os meus sobrinhos.
13.45 Telejornal - 1.ª edição.
14.00 O Livro à procura do leitor.
14.15 Logo à noite.
2.º Período
14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa.
19.25 O Circo Kiri.
19.30 Telejornal - 2.ª edição.
19.45 TV infantil
20.00 Momento desportivo
20.30 Casei com uma feiticeira.
21.00 A Terra, o Mar e a Gente.
21.30 Telejornal - 3.ª edição.
22.00 Noite de cinema: «As Aventuras de Annie Oakley».
23.40 Telejornal - últimas notícias.
23.50 Meditação e fecho.
2.º Programa
20.30 Abertura e filme infantil.
20.45 O livro à procura do leitor.
21.00 Os meus sobrinhos.
21.30 Telejornal - 3.ª edição.
22.00 Carta de Espanha.
22.15 Paul Temple.
23.05 Vivendo o futuro.
23.20 Fecho.

Oiça no Rádio Clube Português
em frequência modulada
às 13.15 Horas
a nossa informação
sobre as cotações da bolsa de Lisboa



BANCO TOTTA & AÇORES

tempo

HOJE

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava geralmente muito nublado e o vento era fraco a moderado de Noroeste.

TEMPERATURAS DO AR

09 00 H

PORTO	12º
P. DOURADAS	2º
COIMBRA	12º
PORTALEGRA	9º
LISBOA	13º
FARO	17º
FUNCHAL	18º

TEMPERATURAS EXTREMAS

ELVAS

Máxima 24

PENHAS DA SÚDE

Mínima 2º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar.....14,2º
Atmosfera 15º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
12.1 3.2 m	5.53 1.4 m
Dia 23	
0.37 3.4 m	6.38 1.3 m
13.08 3.3 m	18.54 1.4 m
Dia 24	
1.26 3.4 m	7.17 1.3 m
13.52 3.4 m	19.35 1.3 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado; possibilidades de aguaceiros nas regiões do Norte; vento fraco a moderado de Noroeste; agravamento do estado do tempo a partir da tarde de amanhã.

AMANHÃ

Nascer às 6.18
Ocaso às 20.49

Dia 28 Dia 4 Dia 11 Dia 18



rádio

EMISSION 1.º Programa

16.00 Noticiário.
16.05 Falcão, Programa Juvenil
16.30 Convívio-programa da Juventude
18.05 Música sem Palavras.
18.30 Forças Armadas, programa produzido e realizado pelo Serviço de Informação Pública da Defesa Nacional.
19.10 Música Portuguesa.
20.00 Diário Sonoro.
20.30 1.º Episódio do Folhetim «História de Amor», de Eric Segal, numa adaptação de Alice Ogando.
20.45 O Pianista Claude Bolling.
21.00 Momento 72
21.20 Grande destil.
22.20 O Homem e a Sociedade, pelo Prof. Dr. Ferreira de Almeida.
22.40 Fados, por Manuel Fernandes.
23.05 De um dia para o outro, por Fernando Correia
00.30 Diário Sonoro.
00.45 Escala na Madrugada, por Pedro Moutinho.
02.00 Fecho.

2.º PROGRAMA

16.00 3.º Acto da Ópera «O Crespusculo dos Deuses», de Wagner.
17.20 Concerto em Dó maior, OP. 46 N.º 1 para duas Trompetas e orquestra, de Vivaldi
17.30 Música de tecla: Otto Peças para cravo, de Purcell.
18.00 Antologia sonora
19.05 Poesia, Música e Sonho por Miguel Trigueiros
19.30 Música Sacra de Monteverdi:
20.00 Diário Sonoro

20.20 Solos de Harpa
20.35 Ciclos de Melodias:
21.00 Concerto pela Orquestra Sinfónica do Porto.
23.00 Emissão em Línguas Estrangeiras.
01.15 Fecho.

Programa estereofónico

21.00 Música Ligeira Variada.
22.00 Noite de Ópera: A Ópera em três Actos «O Navio Fantasma», de Wagner.
00.10 Estudos OP. 10, de Chopin, pelo pianista Tamas Vasary.
00.40 Concerto em Sol Maior para flauta e orquestra, de Pergolesi
01.00 Fecho.

RÁDIO CLUBE

16.04 Programa CDC.
18.00 Programa «Movimento»
21.00 Programa «Movimento»
21.03 Aleg

LISBOA

AJUDA
Lidia, Calçada da Ajuda, 170 (Tel. 637318).

ALCANTARA
Infante Santo, R. do Olival, 290 (tel. 661003); **Probidade**, Rua de Alcântara, 15-A (Tel. 638589).

ALMIRANTE REIS
Alança, Av. Almirante Reis, 145-B (Tel. 50487).

ALTO DO PINA
Eusil, R. Barão de Sabrosa, 104 (Tel. 841912).

ALVALADE
Alentejo, Av. da Igreja, 28-B (Tel. 712682); **Belo**, Av. de Roma, 53-A (Tel. 776314); **Estados Unidos**, Av. Estados Unidos da América, 16-B (Tel. 725659); **Rainha Santa**, Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B (à Av. do Brasil) (Tel. 765262).

AMEIXOIRA
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (às Galinheiras) (Tel. 790969).

ANJOS
Guerra, R. Andrade, 32 (Tel. 845513).

AREIRO
Central, Avenida Paris, 2 (Tel. 720820).

AVENIDA DA LIBERDADE
Vieira Borges, Rua Alexand. Herculan. 28 (Tel. 40536); **Galénica**, Rua das Pretas, 12 (Tel. 322588).

AVENIDAS NOVAS
Cardote, Av. Visconde Valmor, 28-A (à Avenida da República) (Tel. 772291); **Saldanha**, Av. Praia da Vitória, 53 (Tel. 43938); **Santa Maria**, Av. S. de Outubro, 283-A (Tel. 763016).

BAIRRO ACTORES
Alança, Av. Almirante Reis, 145-B (Tel. 50487).

BAIRRO ALTO
Oliveira, R. D. Pedro V, 123 (Tel. 327880).

BAIRRO DA ENCARNACÃO
Ascenso, Praça do Norte, 11 (Tel. 311216).

BAIXA
Internacional, Rua Áurea, 228 (Tel. 322017).

BENFICA
S. João, Estrada da Luz, 124 (Tel. 783179); **Marques**, Estrada de Benfca, 648 (Tel. 700096); **Vitea**, Estrada de Benfca, 373-B (Tel. 780548).

CAMPOLIDE
Imparcial, Rua General Taborda, 28 (Tel. 680931); **Ruatto**, Rua Alto do Carvalhão, 5-A (Tel. 651721).

CAMPO DE OURIQUE
Condestável, Rua Coelho da Rocha, 119 (Tel. 666206); **Almeida**, Rua Silva Carvalho, 136 (Tel. 681726).

CHARNECA
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (Tel. 790969).

CONDE REDONDO
Contemporânea, R. Conde de Redondo, 26-30 (Tel. 45048).

ESTRELA
Aurélio Rego, Calçada da Estrela, 139 (Tel. 661758).

GRAÇA
Alves de Carvalho, R. Vale de Santo António, 7-9 (Tel. 840125); **Monte (do)**, P. Saldanha do Monte, 30-A/B (Tel. 867842); **Anunciada**, Rua do Vigário, 74 (Tel. 866360); **Progressiva**, Rua de Santa Maria, 18 (Tel. 863619).

GRILLO
Grilho, Rua do Grilo, 25 (Tel. 385264).

LUMIAR

Patuleia, R. do Lumiar, 120 (Tel. 790332).

OLIVAIS
Borges, Rua Cidade de Benguela, Lote 300 (Olivaiss-Sul) (Tel. 311091); **Central dos Olivaiss**, Rua Alferes Barrilero Ruas, 7-C (Olivaiss-Norte) (Tel. 315539).

PEDROÇOS
Restelo, Rua Duarte Pacheco Pereira, 11-C (Tel. 610741).

PENHA DE FRANÇA
Dimar, Rua Conde de Monaraz, 17-B (Tel. 842533).

PICHELEIRA
Markuz, Calçada da Picheleira, 140-B (Tel. 720703-728395).

RESTELO
Restelo, R. Duarte Pacheco Pereira, 11-C (Tel. 610741).

SANTO AMARO
Santo Amaro, Rua Filinto Elísio, 29-A (Tel. 637070).

S. BENTO
Valentim, Rua Poço dos Negros, 88-90 (Tel. 679453).

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Latina, Av. António Augusto de Aguiar, 17-A (Tel. 42312).

LINHA DE CASCAIS

ALGES
Almeida Nifo, R. Ernesto Silva, 81 (Tel. 212048).

CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839).

PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432039).

OEIRAS
Alcântara Guerreiro, R. Residencial dr. Augusto de Castro, Lote 10 (Tel. 243069).

PAREDE
Grincho, Av. da República, 87 (Tel. 242104).

S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro, (Tel. 263052).

ESTORIL
Ostende, R. de Espinho, 1 (Tel. 260391).

CASCAIS
Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40 (Tel. 281419); **Nova**, Est. de Alvide, Fontainhas (Tel. 281044).

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo, P. D. João I, Lote 146-B, 9º Janeiro (Tel. 932756); **Central**, Av. Cardoso Lopes, 25 (Tel. 932210); **Igreja**, P. da Igreja, 22-A (Tel. 937740); **Jardim**, Av. Conde de Oeiras, Loja X-1, Reboreira (Tel. 938424).

DAMAIA
D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (Tel. 970461).

VENDA NOVA
Nova, R. Elias Garcia, 10 (Tel. 972530).

QUELUZ
Zeller, R. da República, 83 (Tel. 950045); **Correia**, L. do Mercado, 3 (Tel. 950906).

CACÉM
Central, R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034).

MEM MARTINS
Quimica, Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 291002).

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Tel. 980146).

SINTRA
Marrazes, L. Afonso Albuquerque (Tel. 980058).

COLARES
Abreja, (Tel. 299088).

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100).

ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 224020).

ALMADA
Magalhães, R. Capitão Leirão, 8-A (Tel. 270242).

BAIXA DA BANHEIRA
Alança, Est. Nacional, 174 (Tel. 224302).

BARREIRO
Moderna, R. D. Henrique Gomes de Araújo, 12 (Tel. 2273443).

COVA DA PIEDADE
Rainha Santa, Est. das Barrocas, 50-A (Tel. 2760182).

MOITA
Silva Rocha, P. da República, 16 (Tel. 239029).

MONTIJO
Montepio, R. Almirante Reis, 93 (Tel. 230035).

SESIMBRA
Leão, Av. Salazar (Tel. 229471).

SETUBAL
Bocageana, R. do Romeu (Tel. 23429); **Bairros**, 8º Santos Nicolau (Tel. 23330).

SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560).

PORTO

SUB-TURNO A
Alves Moreira, Av. Rodrigues Freitas, 167; **Clerigos (dos)**, Rua dos Clerigos, 36; **Cruz (da)**, Rua Costa Cabral, 1082; **Maia**, Rua do Campo Alegre, 192; **Monte dos Burgos**, Rua do Monte Burgos, 802.

SUB-TURNO B
Alança, Rua da Conceição, 2; **Bolteio**, Rua da Alegria, 863; **Estácio**, Rua Sa da Bandeira, 120; **Menezes de Lima**, Pr. Dr. Ped. Teot. Pereira, 227; **Vilarinha (da)**, Rua da Vilarinha, 161.

COIMBRA

Montes Claros, R. Dr. António J. Almeida, 69 (tel. 25904); **Viegas e Coelho**, R. da Sofia, 19-21 (tel. 22089); **Higiene**, Rua Fernandes Tomaz, 4 (tel. 22634).

LUSTRES

de brilho inextinguível, modelos diferentes, ambiente acolhedor. **Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c., Esq. (ao Campo Pequeno).** Telefone 77 16 39.

VENDA AO PÚBLICO

COMPRA

A FIRMA ALBERTINO HENRIQUES DA SILVA, Lda., está sempre compradora de carros de boas marcas, até 100 contos ou mais a pronto pagamento. Transacções em 20 minutos. **RUA DO GARRIDO, 73-A**

BARS BOITES

ARREDA Fado amador, oca e cantado no Arreda. Elencos José Pracana, José Manuel Osório, D. Vicente da Câmara e eventuais clientes. Tocam Carlos Gonçalves, José Pracana e José Inácio Encerra. Is. 345 feiras. Consumo mínimo 62500 (taxa incl.). **Rua Alexandre Herculano, 3, Cascais**. Tel. 263864.

CASINO ESTORIL Jogo autorizado. Variedades internacionais. Telefones 26451, 26452, 264596, 264621 e 264946.

TERRAÇA DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR) Sujeito Oliver. Av. Duque de Loulé, 73. Telef. 530171.

ADEGA MESQUITA Cantam: Fernanda Faria, Natália Bizarro, Ana Hortense e Alcino de Carvalho. Tocam: António Luis Gomes e António Pregoça. Danças Regionais por conjunto privado. Consumo mínimo 60500. Encerra ao domingo. **Rua Diário de Notícias, 107, Telef. 328307**.

PORTAS DO SOL Restaurante-Bar. Almoços e Jantares e serviço de bar permanente. **Rua S. Tomé, 86, ABC, Alfama Lisboa**. Telef. 861633.

TAMILA Marão e siconjeto. Manhãs - todos os dias. Encerra aos domingos. **Avenida Duque de Loulé, 69, Telef. 534117**.

ADEGA MACHADO Cantam: Ivete Pessoa, Esmeralda Amado, Tina Ferreira, Fernando Maurício. Fados de Coimbra por Loubel Bravo. Os Azautes. Tocam: L. Berto Conde, Rafael Marques e José Vilela. Fan danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira.

CASEBRE Cantam: Carlos Barra, Julieta Braga, Zita Lopes e Maria João. Tocam: Jorge Fontes e João Gomes. Os Azautes. Os Cinco Típicos de Vila Franca de Xira. Encerra aos 24.30. **Rua da Barraca 133, Tel. 369760**.

HIPOPOTAMO Com Heider Reis. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A, Telef. 88384**.

cinemas

cinemas

S. JORGE (Tel. 54153)
15.15-18.15-21.30
(Grupo D-18 anos)
«VERDADE AMARGA» com Burt Lancaster, Shelley Winters e Telly Savalas

AVIZ (Tel. 47173)
15.30-21.45
(Grupo B-10 anos)
TRINITY-COW BOY INSOLENTE com Tarence Hill e Bud Spencer (O Western do ano) em 16ª Semana

POLITEAMA (Tel. 326305)
15.15-18.15-21.45
(Grupo D-18 anos)
(13ª Semana de êxito com Renato Rascel, G. Granata e G. Giffre) «A TRANSPLANTACÃO»

ALVALADE (Tel. 717480)
15.15 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
«VIDAS INQUIETAS» com Marina Vlady

EUROPA (Tel. 651016)
15.15 e 21.30
(Grupo D-18 anos)
QUEM É HARRY KELLERMAN 15.15-21.30

LIDO
21.30
(Grupo C-14 anos)
CATLOW com Yul Brynner e Richard Crana

APOLLO 70 (Tel. 763319)
14.30-16.45-19.00-21.45
(Grupo D-18 anos) 7ª Semana
O último filme de Mios Forman «TAKING OFF» (os amores de uma adolescente)

EDEN (Tel. 320769)
15.30-18.30-21.45
(Grupo D-18 anos)
AS CRUISES com Capucine e Judy Matheson

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)
15.15 e 21.30
(Grupo D-18 anos) 2ª Semana
«OLÍMPIA» com James Mason, Sherry Winters, Peter Sellers e Sir Lino

VOX (Tel. 720808)
15.15-18.30-21.45
(Grupo D-18 anos)
«O AMANTE» com Bibi Andersson e Max Von Sydow

BERNA (Tel. 776098)
15.15-18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
8ª semana triunfal com Gene Hackman e Roy Scheider em «THE FRENCH CONNECTION» (Os incorruptíveis contra a droga)

CONDES (Tel. 322523)
15.00-18.30-21.45
2ª Semana
(Grupo B-10 anos)
«LONGE DA MULTIDÃO» com Julie Christie e Alan Bates

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00-21.00
(Grupo C-14 anos) ODIO VELHO «O MESTRE IMPOSTOR»

LYS (Tel. 48560)
15.00-21.00
(Grupo D-18 anos)
O REGRESSO c/ Peter Fonda e Warren Oates e DUAS SEMANAS EM SE TEBRO

ODEON (Tel. 326283)
15.15-18.15-21.30
(Grupo C-14 anos)
14ª Semana
«NÃO DESEJARÁS O DELICADINHO DO 5º» com Alfredo Landa, Jean Sorel, Ira de Fustemberg e Isabel Garcés

TIVOLI (Tel. 50595)
15.15-18.30-21.45
3ª semana
(Grupo D-18 anos)
«OS IMPOSTORES» com Anna Moffo e Olivia de Havilland

LONDRES (Tel. 730579)
14.15-16.30-18.45-21.45
(Grupo D-18 anos)
6ª Semana
«TRISTANA» com Catherine Deneuve, Fernando Rey e Franco Nero na obra-prima de BUNUEL Cinema-Snack-bar Pub «The Flag» Faça três copos num só

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.15-18.30-21.45
(Grupo C-14 anos)
«SUITE EM HOTEL DE LUXO» com Walter Matthau e Barbara Harris

ROMA (Tel. 727778)
15.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
«LEITO CONJUGAL» com Ugo Tognazzi e Marina Vlady

SATÉLITE (Tel. 562632)
15.30-18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
4ª Semana
«A REGRA DO JOGO»

CASINO ESTORIL
17.00-21.30
(Grupo D-18 anos)
«A Raposa»

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15 e 21.30
(Grupo C-14 anos)
«DIREITO À POP» LINHAS TORTAS» um filme com Sidney Poitier e Harry Belafonte

ESTÚDIO 444 (Tel. 79095)
15.30-18.30-21.45
(Grupo D-18 anos)
«O JARDIM ONDE VIVEMOS» com Dominique Sanda e Helmut Berger em 5ª Semana
(O filme que ganhou o Oscar da Academia)

ROYAL
15.00-21.00
(Grupo D-18 anos)
«DECADA PRODIGAL» c/ Orson Welles e Anthony Perkins

ESTÚDIO (Tel. 555134)
15.30-18.30-21.45
(Grupo C-14 anos)
6ª Semana
«A ABELHA NA CHUVA» filme de Fernando Lopes baseado no Romance de Camilo de Oliveira, com Laura Sampaio e João Guedes

outros espetáculos

LISBOA Teatros

VARIEDADES
21.45 (M. 18 anos)
«Empresta-me o teu apartamento»

A. B. C.
20.45 e 23.00 (18 anos)
Viva a Pandinha

LISBOA/Cinemas

OLYMPIA
21.00 (14 anos)
«Sabata chega e mata»

CINEARTE
21.00 (14 anos)
O segredo do planeta dos macacos

JARDIM
21.00 (18 anos)
«Popsy Pop»

MAYER
21.00
«Tarat Tarat Tarat»

ARCO IRIS
21.00 (18 anos)
«Os amantes»

RESTELO
21.30 (10 anos)
O Mito do Atlântico

PARIS
21.00 (10 anos)
O Mito do Atlântico

PROMOTORA
21.00 (18 anos)
Os misticistas

LINHA DE CASCAIS

ESTORIL Casino
17.00-21.30 (18 anos)
«A Raposa»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA D. João V
21.30 (10 anos)
«Oito feiras à solta»

AMADORA Recreios Desportivos
21.15-14 anos
«A Ameaça de Andromeda»

AMADORA

Lido
21.30 (14 anos)
«Catlow»

OUTRA BANDA

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (14 anos)
«Cada casa com o seu»

PORTO Teatros

SA DA BANDEIRA
21.45 (10 anos)
«Cantos do Carmo e Chão»
Buarque de Holanda

PORTO Cinemas

OLÍMPIA
21.30 (18 anos)
«A máscara da morte vermelha»

BATALHA
21.30 (14 anos)
«Siga aquele camelo»

CARLOS ALBERTO
21.30 (10 anos)
«O Espadachim de capa negra» e «Os Pistoleiros do Arizóna»

COLISEU
21.30 (18 anos)
«Não despijas o delicadinho do 5º»

MAIÚSCULA

Fabricante de mobílias todos os estilos. Estofos, decorações, tapeçarias e electrodomésticos. **PRACA PAIVA COUCEIRO, 1** TELEFONE 84 63 39

ÁGUA D'OURO

21.30 (10 anos)
«Trinidade Cow-boy e o saliente»

S. JOÃO
21.30 (10 anos)
«Americanismo»

PASSOS MANUEL
21.00 (18 anos)
«Historia de uma rapariga loira»

RIVOLI
21.30 (18 anos)
«Quando nasceres, eu vou»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«Kluge»

ESTUDIO
21.30 (18 anos)
«Chile»

COIMBRA

GIL VICENTE
21.30 (14 anos)
«Casanova»

AVENIDA
21.30 (14 anos)
«Década prodigiosa»

TIVOLI
21.30 (10 anos)
«Os dez mandamentos»

LEIRIA/cinemas

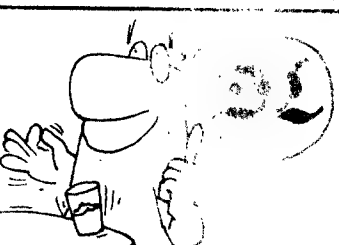
TEATRO JOSÉ DA SILVA
21.00 (14 anos)
«Os cavaleiros do zodiaco»

ESCOLA DE CONDIÇÃO CASA A. VIEIRA

Ensino perfeito de LI-GEIROS, PESADOS e MORTOS. Inscreva-se hoje mesmo na Rua de Campolide 135.

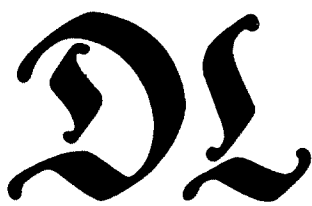
O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se a venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalho, Rotunda da Boavista, Carvalhido, Praça Marques de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas (a partir das 19 e 30)



DL / ÚLTIMAS

DO PAÍS E DO ESTRANGEIRO



RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETARIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1 2º, 4º
TELEF. 654531/2-3-4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA TELEX 1363
LISBOA PORTUGAL

O ACIDENTE AÉREO EM ANGOLA

Não houve explosão no ar

LOBITO, ANGOLA, 22 (ANI) — «Não houve explosão no avião. O aparelho afundou-se quase inteiro» — declarou aos órgãos de informação, num momento em que se sentiu melhor, o co-piloto Aleino Mesquita, sobrevivente do desastre com o avião da D.T.A., caído no mar, diante do Lobito, na manhã de ontem, em que morreram 20 pessoas.

Até ao momento de serem interrompidas as buscas, com o cair da noite, tinham sido recolhidos e identificados os corpos de Maria Fátima Pais, Manuel Joaquim Terra Alves, Maria Isabel Martins, Américo Humberto Florido Pereira (que na

lista de embarque figurava com o nome de Arménio Pereira), Elísio Marques Cabral, Zulmira Cabral, Maria Isabel Gonçalves de Brito, Maria Glória de Magalhães (que na lista aparecia como Maria de Brito), Eduardo Soares Ribeiro, Maria de Lurdes Fernandes da Cunha (que figurava na lista como Maria Amélia), João Alberto Calheiro de Carvalho e Ana Maria Reis. Há ainda o corpo de um indivíduo de cor, não identificado. Assim, contrariamente ao que fora anunciado antes, estão ainda por encontrar sete corpos.

"Herança Sobrinho" em Torres Vedras

14 MIL CONTOS EM LITÍGIO

Um velho proprietário do Casal da Lapa, freguesia de A dos Cunhados, concelho de Torres Vedras, teria doado em estado de demência bens no valor de nove mil contos a dois sobrinhos Adélia Miranda e Artur Miranda (45 e 43 anos, respectivamente), segundo acusa a herdeira

directa do anção, sua irmã Rosa Marques de Carvalho (80 anos). Aguarda-se a todo o momento a decisão do julgamento do pleito, no tribunal de Torres Vedras. Entretanto, sobre os irmãos Miranda impede ainda suspeita, num novo processo de terem apoderado mais cinco mil contos de tio.



Manuel Marques Sobrinho

Manuel Francisco Marques Sobrinho era um dos maiores proprietários do concelho de Torres Vedras. Ao falecer há dois anos, com 86 anos de idade, vítima de trombose cerebral, os seus rendimentos atingiam os 400 contos que recebeu pela venda do campo de futebol do Torreense cujo valor real alguns consideram equivalente a dois mil contos.

O proprietário vivia há muito na companhia de Maria do Carmo Miranda, com quem veio a casar em 1966, e que faleceu em 1968, sem deixar descen-

Consta no entanto que, dois anos antes de morrer, Marques Sobrinho várias vezes evidenciou a intenção de alterar o testamento, em virtude de se sentir abandonado (ao que se diz) pelos familiares directos da parte de sua irmã. Em 28 de Outubro de 1969 fez doação das duas propriedades aos sobrinhos de sua mulher Artur e Adélia.

ADÉLIA

Adélia Miranda desde sempre foi muito estimada por seu tio, em cuja casa vivera durante a juventude. Questiuínculas familiares, a que não eram alheias as valiosas prendas em ouro ofertadas pelo tio, obrigaram-na a ausentar-se para Lisboa, onde se empregou como criada de servir. Por morte da tia, em 1968, regressou ao Casal da Lapa, chamada pelo po viuvo. A partir dessa altura, Adélia Miranda e seu irmão Ar-

dência. A herdeira directa da fortuna seria a única irmã viva do falecido, Rosa Marques de Carvalho, em favor de quem tinha aliás feito testamento, por volta de 1965.

tur, que há oito anos era feitor do casal, passaram a administrar os bens de Marques Sobrinho, vivendo com ele em comunhão de tecto. Nesta data, começaram a efectuar-se vários depósitos bancários em nome de Adélia Miranda, ao mesmo tempo Artur Miranda, já anteriormente negociante de madeiras, aumentava o volume das suas vendas de eucaliptos e pinheiros.

Os dois esmeraram-se em cuidados, assistindo o tio Sobrinho na doença, até ao fim dos seus dias.

Embora conhecedor da doação das propriedades efectuada em 1969, aherdeira directa só depois da morte do irmão impugnou a sua validade jurídica. A respectiva decisão, como se disse, ainda não foi pronunciada.

O novo processo é mais grave: nos cofres do octogenário apenas foram encontrados noventa e cinco contos, ao passo que os herdeiros esperavam encontrar três mil. No novo processo crime os dois irmãos são suspeitos de se terem apropriado indevidamente de cinco mil contos do falecido tio, incluindo o desvio de cerca de três mil contos em dinheiro (que estaria guardado num cofre) e ainda o produto da venda abusiva de pinheiros e eucaliptos (mil e dezoito contos), bem como de nove mil litros de aguardente (quatrocentos e cinquenta contos) além de outras importâncias menores retiradas de gavetas.

1 SEMANA
em LONDRES

POR APENAS 3350\$

Partidas: 10, 17 e 31/7
5, 7, 14, 21 e 28/8

VIAGEM EM AVIÃO A JACTO
ESTADIA NO HOTEL
TRANSPORTES EM TERRA
VISITA DE LONDRES
TODAS AS TAXAS
ASSISTÊNCIA DE DELEGADO
ABREU

ORGANIZAÇÃO
abreu

FUNDADA EM 1940

LISBOA — Av. Liberdade, 160 — Telefone, 320021

PORTO — Av. Allendes, 207 — Telefone, 37921

COIMBRA — Rua de São, 2 — Telefone, 27011

Teka



LAVA LOUÇA
INOX 18/8

FABRICADO POR
Teka-Hergóm Española, s.a.

REPRESENTANTE
ANSELMO SANTOS

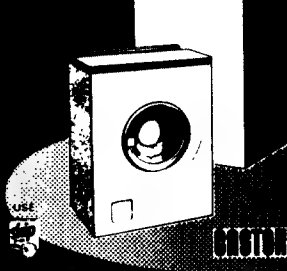
AVEIRO — AV. ARAUJO E SILVA, 109
LISBOA — R. COR. BENTO ROMA, 12-A

REVENDEDORES EM TODO O PAÍS

VEJA OS NOVOS MODELOS
DE MAQUINAS DE LAVAR
E FRIGORIFICOS

CASTOR

QUALIDADE
PRESTIGIO
GARANTIA



5 NOVOS MODELOS DE MAQUINAS DE LAVAR
9 NOVOS MODELOS DE FRIGORIFICOS
SÃO REALMENTE SENSACIONAIS!

A VENDA NOS AGENTES OFICIAIS

RAFAEL BURQUETE, LDA
Lisboa - Porto



CAMPO PEQUENO

Quinta-feira, 25 de Maio às 22 horas

CAVALEIROS

MANUEL CONDE
RIBEIRO TELLES
MESTRE BAPTISTA
FERMIN BOHORQUEZ
MALDONADO CORTES
ALFREDO CONDE

A FAVOR DA MISERICÓRDIA DE SINTRA

FORCADOS
AMADORES DE SANTARÉM
AMADORES DE MONTE-MOR-O-NOVO

CONSAGRAÇÃO DE
UM CAVALIRO



BODAS DE PRATA DE
MANUEL CONDE

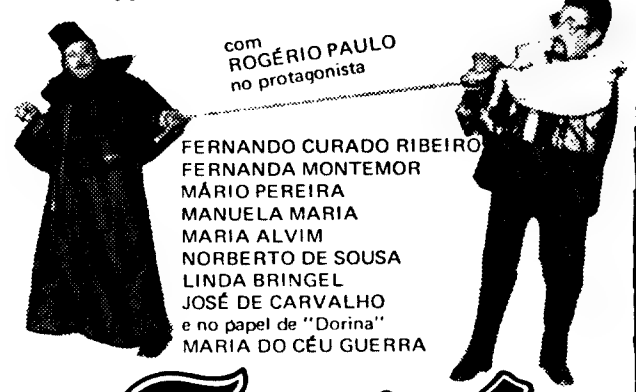
VAI VIAJAR?

Em Portugal e no estrangeiro? Em férias ou negócios?
passaportes + bilhetes + hotéis + itinerários

confie na experiência de
CLARAS TURISMO

Av. Fontes Pereira de Melo 3 / Tel. 56 34 51/4

A PARTIR DE AMANHÃ



FERNANDO CURADO RIBEIRO
FERNANDA MONTE-MOR
MÁRIO PEREIRA
MANUELA MARIA
MARIA ALVIM
NORBERTO DE SOUSA
LINDA BRINGEL
JOSÉ DE CARVALHO
e no papel de "Dorina"
MARIA DO CÉU GUERRA

O Castro

DE MOLIÈRE ENCENADO POR MARSILLACH
UM ESPECTÁCULO DE VASCO MORGADO

AR CONDICIONADO
TEATRO
VILLARET
a mais moderna e confortável de Lisboa

A MANHÃ
ÀS 21 H. e ÀS 23 H.
5.º MÊS
50 % de desconto
para estudantes

A NOVA GERAÇÃO

OPEL

Rekord II — COMMODORE

E A NOVA LINHA

AKAI

"ALTA FIDELIDADE"

EM EXPOSIÇÃO ATÉ ÀS 24 HORAS NA

SOREL

Rua Tomás Ribeiro 97-A

DL MAGAZINE

PARA CIMA É QUE OS SANTOS AJUDAM!...



«Não se está nada mal aqui em cima, e a vista é bonita, mas como é que eu vou descer? Se gritar bastante alto, talvez a minha mãe acabe por ouvir-me...»



«Em bom sariño me vim eu meter! Para quem só queria um passarito para comer, ou mesmo um ovo, a situação é difícil!»



«O pior é que os pássaros também têm mãe. E se ela volta aqui de repente? E se é maior do que eu?...
«Mamã! Socorro, socorro! Mamã! Miau! MIAU!»

A PROTECÇÃO DOS DIPLOMATAS ACREDITADOS NA ONU

David Pesek, o tenente da polícia do 17.º distrito da cidade de Nova York, tem uma dor de cabeça traduzível num milhão de dólares anuais gastos na vigilância de uma área de aproximadamente uma milha quadrada na ilha de Manhattan, que constitui um refúgio consideravelmente seguro para os estrangeiros que exercem cargos diplomáticos nas Nações Unidas.

Na área que se estende desde a Quinta Avenida ao East River e desde a parte leste da Rua 59, seguindo para sul, até leste da Rua 38, existem 91 embaixadas estrangeiras, cada uma delas com a feição característica de poder constituir todo o género de atractivos para grevistas pacíficos, bombistas ou assassinos potenciais.

Felizmente para Pesek, o jornal diário «Reports of International Affairs» constitui um guia indispensável para lugares onde se possam, em princípio, desencadear conflitos.

É a da União Soviética a embaixada que maior acção e maior vigilância exige por parte do destacamento de segurança. Mobiliza 47 guardas em serviço permanente a leste da Rua 57, local onde se situa.

Em Outubro do ano passado, verificou-se uma série de tiros disparados contra a embaixada, que por pouco atingiam crianças que se encontravam

na proximidade. O F.B.I. procedeu consequentemente a uma investigação no decurso da qual deteve dois suspeitos que mais tarde foram ilibados, o que originou um comentário sarcástico do embaixador soviético, Yakov Malik.

O embaixador perguntou porque é que a realidade de processos não correspondia aos filmes da TV em que os assassinos eram sempre apanhados.

A embaixada síria teve problemas de ordem diferente e uma outra queixa a apresentar. Durante os últimos dias de Novembro e dentro do horário de trabalho, a embaixada síria, instalada no 15.º andar, recebia um telefonema ameaçador de três em três minutos em diversas línguas desde o inglês ao árabe e ao hebraico.

Têm somente à disposição um polícia à entrada, que vai desempenhando a dupla missão de servir igualmente de guarda normal da rua.

O embaixador sírio, George Tomeh, considerou a vigilância insuficiente. Contratou guardas a um departamento de segurança privado para vigiarem à porta do 15.º andar, e, mesmo assim, os visitantes são primeiramente inspeccionados através de um ralo.

A embaixada de Pequim teve um procedimento que não constava nos anais precedentes.

Quando os chineses principiaram por se instalar no 14.º andar do Hôtel Roosevelt, no 19.º distrito, foram postos quatro guardas de sentinela, em serviço por turnos. Dois ficavam na entrada e outros dois no andar em que estavam os escritórios. Eram ocasionalmente auxiliados por agentes à paisana e brigadas durante demonstrações que se verificaram durante os cinco meses da sua permanência ali. Houve apenas um único «incidente» e de pouca importância.

Quando compraram um antigo motel e se mudaram para West Side, os diplomatas chineses agradeceram o trabalho prestado pelos guardas, organizando-lhes uma festa para eles e para as mulheres.

Para a maioria das embaixadas existentes na área, os verdadeiros problemas de segurança também são raros. Os acontecimentos ocorridos na Irlanda do Norte ocasionaram alguns incidentes de pouca importância na embaixada inglesa. Um grupo de republicanos

por
DON SHANNON
Exclusivo
«The Los Angeles
Times» / «DL»

irlandeses, simpatizantes do Exército, atacou o consulado geral no começo do ano.

As embaixadas de Portugal e da África do Sul, foram ameaçadas pelos manifestantes nacionalistas africanos. A embaixada Cuba também é alvo de manifestações periódicas.

As despesas normais não chegam a orçar o milhão de

dólares, mas a média sobe consideravelmente quando se verificam acontecimentos especiais, como foi o caso do 25.º aniversário das Nações Unidas, em 1970. Nesse mesmo ano, a média ascendeu a 2,6 milhões de dólares, devido à campanha de segurança organizada. Muito dessa quantia destinou-se a uma brigada especial destinada a proporcionar uma vigilância de 24 horas, enquanto os chefes de Governo de todo o mundo estiveram presentes.

Embora tal protecção não seja normalmente assegurada aos membros das embaixadas das Nações Unidas que aí se encontram em permanente residência, a cidade já dirigiu vários pedidos no sentido da concessão de auxílio federal financeiro.

O incidente mais violento que até hoje se verificou, foi o bombardeamento ocorrido em Fevereiro no gabinete do empresário Sol Hurok, em sinal de protesto contra o seu apoio aos agitadores soviéticos nos Estados Unidos. Uma mulher foi vítima desse acontecimento.

O embaixador da ilha Maurício, Radha K. Ramphul

declarou que a sua pequena embaixada, situada perto dos quartéis-generais das Nações Unidas, tinha sofrido cinco ataques. Rafic Jouejati, da embaixada síria, queixou-se de um assalto feito ao seu apartamento e de ameaças feitas a sua mulher. Ele e o seu embaixador, Tomeh, lembraram os bons velhos tempos dos anos 50 e princípios dos anos 60 em que não existiam problemas de serviço de protecção. «O meu único exercício consistia em passear a pé», declarou, «e agora parece-me que vou ter de abdicar desse prazer».

O embaixador Jamil M. Barroody da Arábia Saudita propôs a mudança das funções do «comité» para Génova e a redução da Assembleia Geral de doze semanas para duas ou três, mas não encontrou apoio.

Os ingleses mantiveram o seu costumeado sangue frio. A loura e frágil mulher de um secretário, foi a primeira do edifício de Park Avenue a inscrever-se numa escola de karate. Apoiada pela confiança nas suas possibilidades, teve calma suficiente para enfrentar uma mulher que lhe «exigiu» a bolsa ou a vida.

Em vez de lhe aplicar um golpe fulminante de karate, a mulher do diplomata convenceu-a a ir tomar uma chávena de chá com ela.

qual a idade
do seu coração?

A idade que consta no bilhete de identidade nada tem a ver com a do coração. Você pode ter passado os 40 anos, levar uma vida agitada e possuir um coração jovem. Com 20 anos! Para tal, é indispensável cuidar da alimentação. Ter uma dieta própria. Saudável. Rica em poli-insaturados.



Nessa dieta é importante incluir Becel — margarina especial. Agora com fórmula enriquecida. No pão, nos cozinhados — Becel. De fino sabor. Vitaminada. Isenta de sal. Rigorosamente pura. Contém 50-55% de poli-insaturados — a mais alta percentagem de poli-insaturados existente em qualquer margarina do mercado. Esta é a razão que torna Becel tão importante no seu regime diário. Porque? Ajuda a conservar a juventude do coração! Ajuda-o a ser jovem... mesmo depois dos 40!

becel

o bater saudável
do seu coração

VINHO VERDE
ADEGA COOP. DE BAIÃO

BAIÃO

branco
tinto
e
palhete

UM VINHO SUAVE, DELICADO E DISTINTO, MARCADO PELAS CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS DE UMA REGIÃO ÚNICA NO MUNDO!!!

UM VINHO PARA
OS APRECIADORES

PIANOS
VERTICAIS
E DE CAUDA

ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM
DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S.A.R.L.
95, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

O «DIÁRIO DE LISBOS» é vendido por Elói Correia Abreu «Café Portugal» Rua Lima Leitão LAGOS

HOJE

NOITE

até às 23 horas
e durante o dia

Venha à grande EXPOSIÇÃO

MOBILIÁRIO
Z-marKS

NOVOS MODELOS
24 STANDS

MOVILAR PORTUGUESA

Rua Marquês da Fronteira, 4 (loja)
S. Sebastião — LISBOA

o seguro de vida
vale a pena



sim, vale a pena porque...

■ Mesmo falando em pequenos pagamentos mensais — equivalentes por exemplo ao valor do Abono de Família — o Seguro de Vida é o único processo actualmente ao alcance da grande maioria dos agregados familiares para fazer face às suas preocupações imediatas de protecção.

■ Os pequenos pagamentos mensais, acumulados e capitalizados ao longo dos anos, constituirão um capital a entregar ao Segurado no fim do prazo do contrato. Mas se ocorrer a morte do Segurado, a Império entrega imediatamente o valor seguro aos familiares indicados na apólice.

■ O Seguro Popular de Vida Império, que alcançou a mais larga expansão alguma vez conseguida na actividade Seguradora portuguesa, é a confirmação do interesse que modalidades deste tipo têm merecido.

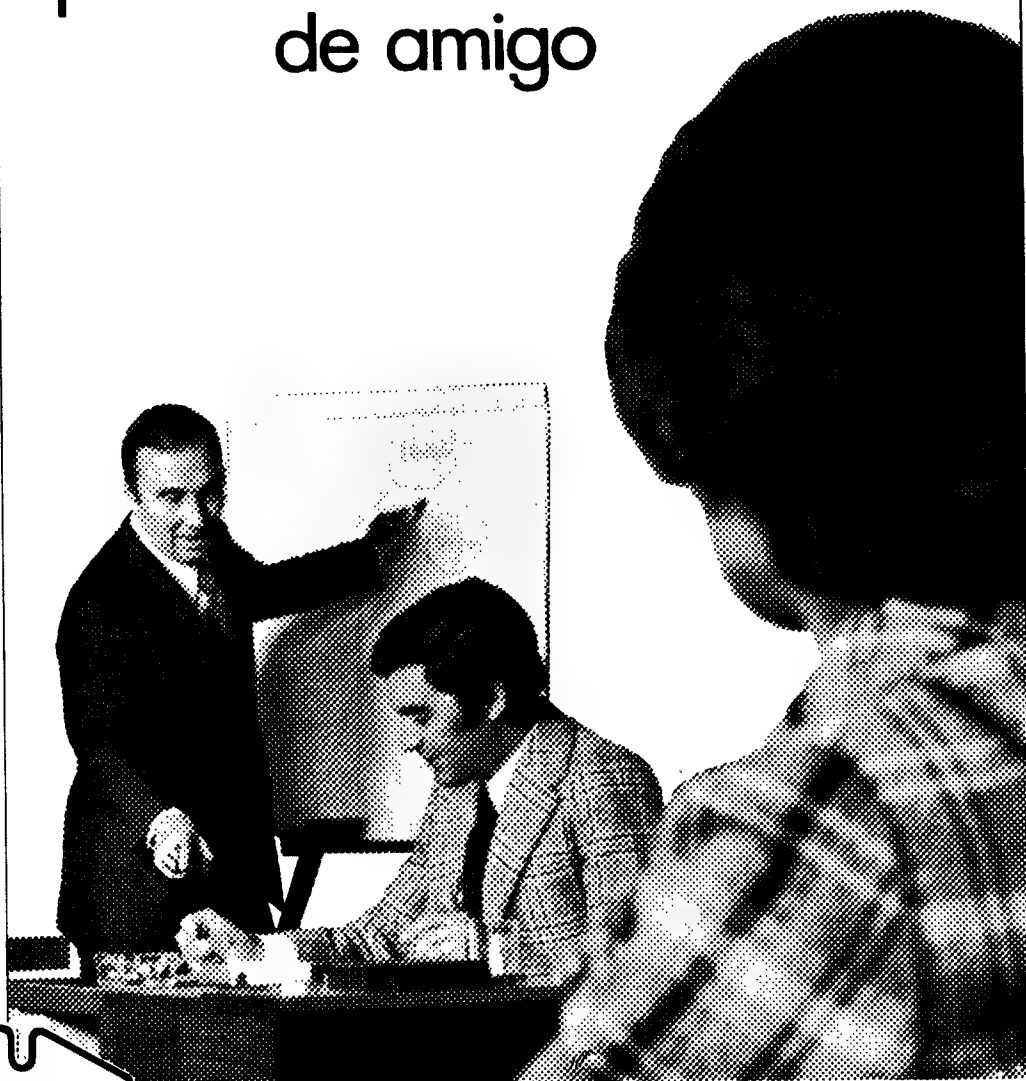
■ Mas o Seguro de Vida oferece-lhe mais alternativas. Da mesma forma, com pequenos pagamentos mensais, poderão ser garantidos capitais ou rendas de montantes muito elevados. E o caso do novo Seguro do Rendimento Familiar Império — agora ao dispor de todos os chefes de família — que garante o pagamento de um capital ou uma renda apenas em caso de morte dentro de um certo prazo.

■ Este novo Seguro permite, ainda, acompanhar a evolução das Necessidades do Grupo Familiar, dando a possibilidade de ajustar os valores seguros de harmonia com as variações do poder de compra de cada Segurado.

■ Por estas e outras razões, de que o Consultor de Segurança Império lhe falará, afirmamos que o Seguro de Vida Vale a Pena.



a Império formou
um consultor de segurança
para lhe dar um conselho
de amigo



SEGURO
DO RENDIMENTO
FAMILIAR

IMPÉRIO

O Consultor de Segurança Império é um homem escolhido para compreender o seu problema pessoal. Um homem preparado pela Império para lhe propor as soluções que melhor se adaptam às suas necessidades. Um homem que representa a dimensão e o potencial de segurança da Império colocados ao seu serviço.

O seu perfil: **competência, seriedade, simpatia.**

Analise com ele as vantagens do **seguro de rendimento familiar**: o seguro de vida feito à medida das necessidades de protecção dos que estão a seu cargo. E por um preço que nem sente.

Repare neste exemplo: cerca de 150\$00 mensais, para um homem de 30 anos, garantem uma renda anual de 35 contos durante vinte anos.

Para maior comodidade a Império estabeleceu prémios fixos de 50, 100, 150, 200, 250 ou 300 escudos por mês.

Contate com um técnico e analise seguros com um amigo: o seu Consultor de Segurança Império.

Rua Garrett, 62 - Lisboa



Estando interessado em conhecer (sem nenhum compromisso) o Seguro do Rendimento Familiar, agradecia que me enviassem elementos que completem a minha informação pessoal.

NOME _____

MORADA _____

IDADE DO FILHO MAIS NOVO _____

A febre do pão

Corria o Outono de 1928, e o grande «sonho americano» nunca parecera tão real. A civilização do **business** parecia triunfante. Os seus símbolos pareciam os de um novo baile Excelsior, revivido no tempo do **charleston**: novo «Ford» A, as saias curtas, o cabelo à **garçonne**, o frasco de **whisky**, o dolar fácil. Tudo isto sobre um fundo de fábricas que conseguiam desenformar 5 milhões de automóveis por ano e de uma Wall Street que continuava a distribuir fortunas — de papel — a quem quer que quisesse jogar o novo jogo da Bolsa. Talvez nunca na História o americano médio se tivesse sentido tão jovem e tão **smart**, tão potente e tão consciente de viver uma idade do ouro, uma **golden era** que, ao fazer-se, tinha já em Scott Fitzgerald um símbolo, um poeta e uma vítima.

A geração dos anos 20, escrevia ele, «... tinha crescido, apercebendo-se, a pouco e pouco, que todos os deuses estavam mortos, todas as batalhas haviam sido travadas e toda a possível fé no Homem já estava abalada». O idealismo que havia levado milhares de americanos a morrer pela liberdade nos longínquos campos da Europa, durante a Primeira Guerra Mundial, parecia superado como uma doença de adolescência, e igualmente longínqua, na realidade. A América dos «anos rugientes», na primeira grande vaga de isolacionismo do século, havia-se retirado para aquém do Paraíso, decidida finalmente a traduzir em realidade o seu sonho de bem-estar. E, precisamente, no Outono dourado de 1928, Herbert Hoover, candidato republicano à presidência que a viria a conquistar em 6 de Novembro, repetia, a fechar os seus discursos, este estribilho martelante: «**Hoje por hoje, resta nossa América, estamos próximos do triunfo final do Homem sobre a pobreza, como nenhuma outra nação o esteve na História do mundo.**»

A febre do ouro arrastava tudo e todos. Jogavam na Bolsa o engraxador e o limpador de janelas, a mulher a dias e o motorista de táxi: alimentado por um colossal jogo especulativo, o índice de Wall Street, que no fim de 1924 estava na quota 134 (índice do **New York Times**), no fim de Agosto de 1929 tinha atingido a quota 449. Um milhão e meio de americanos investem na Bolsa não só a poupança, mas também os próprios salários. Escrevia o **Ladies Home Journal**: «**Hoje, quem não se arrisca é um obstinado.**» E o **best-seller** da época era o livro **O Homem que Ninguém Conhece**. O seu autor era Bruce Barton, um dos magos publicitários de Madison Avenue. O «homem» era Jesus Cristo, e Barton celebrava-o como um homem de negócios de sucesso que «**tinha agarrado doze desconhecidos da escuridão do mundo dos negócios, e tinha sabido transformá-los numa organização destinada a conquistar o universo.**»

Sobre esta espécie de Novo Eldorado, a «grande depressão» abateu-se, portanto, tanto mais traumática e desesperante, quanto os anos que a haviam precedido e, ao mesmo tempo, construído, haviam sido assinalados pelo optimismo e pela despreocupação. A «quinta-feira negra», 24 de Outubro de 1929, quando as acções sofreram a primeira descida em Wall Street, é comumente considerada como o início da **Grande Depressão**. Na realidade, a explosão especulativa dos últimos cinco anos tinha apenas escondido os bastantes reais motivos da crise económica. A paz que se havia seguido à Primeira Grande Guerra tinha encontrado as nações, no seu conjunto, aflicidas com um excesso de capaci-

dução industrial e os empregos haviam iniciado, em Julho e em Agosto, uma curva descendente, enquanto se acumulavam as reservas invendáveis. Inútilmente a **Federal Reserve Board** advertia os bancos para não concederem empréstimos para fins especulativos, e fixava a taxa de desconto em 6 por cento: os bancos continuavam a emprestar dinheiro aos especuladores particulares a 12 por cento.

Mas não era só este dinheiro que afluía ao império de papel de Wall Street, já próxima da sua derrocada. Nos anos 20, o progresso tecnológico, que se tinha valido também de uma série de patentes que emergiam do esforço da guerra, tinha aumentado de 40 por cento a produtividade industrial média do simples trabalhador: mas o seu salário, no mesmo período, tinha aumentado apenas 7 por cento. O poder dos vários «cartéis» industriais tinha-se todavia, tornado tão grande, que permite às empresas industriais, em aberta violação da legislação anti-cartel, não transformar estas vantagens numa diminuição dos preços. Os lucros foram usados — em medida sempre crescente — numa especulação sobre o mercado das acções.

Por isso, o **crack** da «quinta-feira negra» e dos dias seguintes, não assinalou apenas a ruína dos patrimónios pessoais, da poupança, das ilusões daquele milhão e meio de americanos que haviam acreditado poder transformar-se, de um dia para o outro, em génios da alta finança: a catástrofe arrastou consigo bancos, sociedades de seguros, carteis de investimentos, empresas industriais. E esta derrocada repercutiu-se, em progressão geométrica, numa crise cujos motivos, como tínhamos visto, já eram pré-existentes e não apenas americanos. Da mesma maneira, portanto, que derivava da crise pós-bélica, a grande depressão americana de 1929 repercutiu-se progressivamente nas economias de vários países europeus, especialmente na Alemanha, e constituiu, por sua vez, uma das causas longínquas do segundo conflito mundial.

O alarme na Wall Street já andava no ar em 18 e 19 de Outubro de 1929. No Domingo, dia 20, o **New York Times** trazia na primeira página o título «**A Bolsa de valores sacudida por uma vaga de vendas**», na quarta-feira 23 o índice havia descido para a quota 384, perdendo todos os ganhos adquiridos a partir de Junho. O pânico chegou na quinta-feira de manhã, quando treze milhões de títulos, o recorde absoluto na história da Bolsa americana mudaram de mão a preços cada vez mais desastrosos.

Fora do **Stock Exchange**, na Broad Street, uma multidão de milhares de pessoas rumorejava, procurando entrar nos recintos. No interior, a fita de registo das cotações não funcionava sequer a tempo de seguir a realidade da derrocada, e aumentava, portanto, o número daqueles que queriam vender por qualquer preço. Enquanto a polícia cercava o edifício, e se espalhavam os primeiros boatos de suicídios em cadeia, tanto que até um operário, em cima de um telhado, foi tomado como aspirante a suicida, era definitivamente fechada a galeria reservada ao público, entre o qual se encontrava, também Winston Churchill. A uma hora da tarde, uma reunião de urgência dos banqueiros teve lugar na sede dos Morgan e levou a uma maciça operação de apoio (com aquisições que alcançaram os 40 milhões de dólares) que conduziu a uma momentânea estabilização dos títulos. Mas o grande sonho da riqueza fácil já estava perdido para sempre. Novas e catastróficas vagas de vendas se seguiram em 28 e 29 de Novembro. Numa semana, 30 milhões de dólares de presumível «valor» dos títulos tinham-se dissolvido, com uma perda média, por cada simples acção, de 40 por cento (mas, para certos títulos, atingiram-se valores absurdos: a General Motors, por exemplo, teve quedas verticais de 78 para 4 dólares por acção).

PARA OS CAMPENESES O MOMENTO É DRAMÁTICO

Mas se a derrocada de Wall Street resumia em si, como um símbolo, a própria derrocada do tempo da riqueza e a última



Desempregados nos bancos

linhagem da economia e da finança, um drama mais silencioso vinha a consumir-se há tempos na América dos anos 20. O drama dos camponeses, dos **farmers**, excluídos finalmente pelo grande sonho da riqueza, excluídos pelas maravilhas do progresso, pelas modas e pelos prazeres que teriam passado à história como outros tantos mitos dos **Roaring Twenties**. A vida que o camponês do Oeste médio e do Sul levava em 1925 — escreveu Robert Goldston no seu livro **The Great Depression** — não era muito diferente daquela que os seus avós levavam em 1825: «... além disso, viam os seus filhos e as suas filhas fugir para as grandes cidades... As colheitas destes agricultores americanos, que tinham salvo da fome uma boa parte da Europa em 1918 e 1919, tornaram-se um proble-

ma já em 1921, quando a agricultura europeia retomou o seu ritmo produtivo e a procura de produtos agrícolas americanos caiu em todos os mercados. O índice dos preços para o trigo, para o algodão e para outros produtos agrícolas caiu de 215 para 124 em três anos e o rendimento global agrícola americano passou de 17,7 bilhões de dólares em 1919 para 19,5 bilhões em 1921. Descia o rendimento e descia o valor dos terrenos: as únicas coisas que não desciam eram os juros e a hipoteca. Desta crise, o camponês americano já não podia vir a recompor-se ao longo de todos os anos vinte.»

Os «farmers» chegaram, portanto, em condições já precárias à «grande depressão» de 1929, ao mesmo tempo que a quantidade das colheitas era crescente e os preços desciam a níveis inferiores aos de 1915. Entretanto, o resto do país sofria as primeiras repercussões da derrocada de Wall Street. Os consumos, sobretudo os das mercadorias mais ricas, foram drasticamente reduzidos. As grandes cadeias de armazéns, que já abarrotavam de mercadorias, suspenderam as compras à indústria. As falências, à falta de capital, aos débitos vem-se juntar o bloco da produção. Seis meses depois da «quinta-feira negra» de Wall Street, já quatro milhões de americanos haviam perdido o seu emprego nas empresas industriais. Entretanto, um homem do campo que tivesse pedido emprestado 1000 dólares com uma hipoteca sobre a colheita antes da crise, agora, por efeito da queda dos preços do trigo e do algodão, encontrava-se, na prática, devedor do triplo. E muitos tiveram de deixar as terras aonde tinham trabalhado durante gerações.

Inicia-se, assim, nos princípios dos anos 30, aquela horda de desesperada migração que John Steinbeck em **Furor** tão poéticamente descreveu com personagens por detrás das quais revive toda uma epopeia de uma nação... As casas eram abandonadas, deixadas vazias sobre a terra, e, assim, também a terra ficava como que vazia. Só os ferreiros dos tractores, ferro prateado



A multidão aguardando uma refeição em frente da Bowery Mission, em Nova York

EXCLUSIVO

«STORIA ILLUSTRATA» / «DL»



de um parque público

do e esplendor, estavam vivos: e estavam vivos de metal, gasolina e óleo, com as esplendentes lâminas dos arados. Brilhavam as luzes dos tractores, porque um tractor não conhece dia e a noite, e as lâminas revolvem a terra na obscuridade e brilham na claridade...

«... A 66 é a grande estrada do emigrante. 66... a longa vereda de cimento que atravessa todo o país, ondulado gentilmente acima e abaixo sobre a carta geográfica, do Mississippi a Bakersfield, sobre as ter-

das cidades, eram suficientes para alimentar esta horda de deslocados, de esfomeados, de desesperados migrantes que reuniam já operários e camponeses e empregados, sem distinção de classes. A política do presidente Hoover de querer evitar uma «interferência dos fundos federais» devia revelar-se uma outra das suas trágicas falências. Nas grandes cidades, milhares e milhares de pessoas formavam bichas todos os dias, no gélido segundo Inverno da «depres-

do-lhes somente 75 céntimos por semana. As filas das bancadas ambulantes que vendiam maçãs ao longo da Fifth Avenue — mendigos mais confiados na caridade pública do que no mercado — contavam já com muitos ex-businessmen de Wall Street, ex-comerciantes e ex-lojistas obrigados a fechar, mulheres e crianças. Na Ford de Detroit e por todo o país, o desespero e a amargura desembocavam na rebelião: e o pulso de ferro da polícia, não menos do que os bandos de homens armados a soldo dos patrões, levaram frequentemente a episódios sangrentos que, como foi escrito muitas vezes, «num país diferente da América teriam constituído a centelha da revolução». O mais amargo destes episódios foi a carga ordenada pelo general Mc Arthur contra os veteranos da guerra aboletados em Washington, nos Anacostia Flats, com o pretexto de que se tratava de «um perigoso estado de insurreição».

As eleições presidenciais, no fim deste obscuro ano de 1932, foram vistas como a última possibilidade do liberalismo e de uma política de reformas, tendo como fundo um quadro cada vez mais inquietante. Neste quadro, acompanhavam a crise económica violentos embates sociais entre os patrões e a nascente força dos sindicatos: e na América rural e de província, o desespero alimentava movimentos de toda a ordem, e até fascistas, o mais célebre dos quais ficou a ser o de Huey Long.

Porém, a solidez do fundo do país e o autêntico valor das forças reformistas presentes nas universidades, nas administrações locais, entre os economistas e os social workers ainda estavam presentes: procuravam só, desesperadamente, encontrar no mecanismo da política uma possibilidade de imprimir um novo curso à América, antes que fosse demasiado tarde, antes que prevalecessem as forças obscuras. Talvez que, pelo contrário, algures no mundo, tivesse prevalecido, na esteira de uma crise económica, até ao abismo final do nazismo ou de uma nova guerra mundial. Com o Partido Republicano e o seu presidente Hoover desastrosamente apontados pela incapacidade de atacar vigorosamente a «grande depressão», o Partido Democrático e o seu candidato Franklin Delano Roosevelt, governador do Estado de Nova Iorque, pareceram a estas novas forças ser a esperança procurada, a promessa de uma nova corrida.

Em 4 de Março de 1933, quando Roosevelt entrou para a Casa Branca, o dia estava nebuloso e triste. Mas o entusiasmo popular, a injeção de confiança com que se iniciou esta presidência destinada a durar doze anos, eram o sinal da vontade de renascimento e de activismo que teriam caracterizado os famosos «Cem Dias». O New Deal, cuja característica mais simples foi o tratamento energético do sistema capitalista efectuado a partir do interior e uma gradual redistribuição da riqueza através de um mecanismo fiscal adequado (e, daqui, a irónica definição de «Welfare State» dada pelos republicanos), desde as suas primeiras leis mostrou-se ser o que era: «... uma mistura de nova de papéis velhos, não mais disfarçada do que um trapaceiro contra o homem da rua» — como escreveu o historiador Samuel Eliot Morison.

Os opositores desta política puderam desenvolvendo a definição da como quase fascismo ou quase comunismo, mas ela era tipicamente americana como um fardo de feno — um método pragmático, oportunista, artesanal de tratar dos males profundamente radicados. Provavelmente, todavia, esta política salvou o sistema capitalista nos Estados Unidos, e é de perguntar-se o que é que

poderia ter acontecido sob uma outra administração Hoover. A República Alemã cai aos pés de Hitler, também por ter seguido durante muito tempo a política de repetir à gente acomodaticia: o governo nada pode fazer por vós. A primeira disposição da administração Roosevelt, que levou à reorganização do sistema bancário sem, contudo, tomar em consideração a hipótese da nacionalização, foi um pouco a essência do New Deal...

LANÇAM-SE AS BASES DO NOVO SISTEMA

Seguiram-se, naqueles «Cem Dias», o Economy Act, destinado a reduzir em 15 por cento as despesas do governo; o anúncio do abandono, por parte dos Estados Unidos, do Gold Standard, isto é, a dissociação do dólar do preço do

presidente Roosevelt. Os «Cem Dias» do novo Congresso apresentaram um período excitante e criativo na história do país, e lançaram os fundamentos de um novo sistema democrático cujas modificações sociais ninguém então podia talvez prever. Cada dia parecia ser marcado por uma nova ideia, uma nova lei, uma nova realização: enquanto o «brain trust», o grupo de jovens «cérebros» do clã rooseveltiano, levava à administração e à economia uma aragem de renovação.

O New Deal não permanece, todavia, uma política pura e simplesmente de intelectuais e de poder. A sua verdadeira força foi, antes, um contínuo contacto com o homem da rua, uma consoladora sensação para o americano médio de não ser vencido e ignorado por aquelas forças obscuras

mais do que qualquer outro, numa fé intuitiva, porque as medidas tomadas não tinham ainda podido desenvolver o seu efeito. Mas a fé, às vezes, pode remover montanhas. E a fé em Roosevelt, que o povo americano vem desenvolvendo, sentimento que, na realidade, era uma reviviscência da confiança da nação nas suas próprias forças, devia manifestar-se como a mais duradoura vitória da guerra dos cem dias...

A Great Depression não tinha sido vencida, e, paradoxalmente, não o teria sido senão graças ao esboçar-se de uma outra grande tragédia, a Segunda Guerra Mundial, com o enorme impulso que ela imprimiu novamente à economia. Nem os anos que levaram à segunda vitória de Roosevelt nas eleições de 1936 foram serenos: foi a época das grandes lutas sindicais e, ao mesmo



Agentes à paisana enfrentando um grupo de grevistas perto da estação do metropolitano de Sewless, em Pittsburg

ouro: disposição que teve como imediata repercussão ajudar o comércio, bloquear a fuga do ouro para a Europa, dar novo vigor à economia e trazer, pela primeira vez desde a «quinta-feira negra», uma consistente retomada das acções em Wall Street; o Federal Emergency Relief Act, que decretava uma quantia de 500 milhões de dólares (depois aumentada até 5 biliões) destinada a auxílios directos a Estados, cidades e condados para assistência pública; o National Industry Recovery Act, que estabelecia salários mínimos, máximo de horas de trabalho, proibia o trabalho de menores, encorajava os contratos colectivos, introduzia a política dos preços e uma reorganização produtiva, tanto que já em 1933 quatro milhões de desempregados foram reabsorvidos pela indústria. Ainda outras leis levaram a uma global reestruturação da agricultura com um aumento dos preços dos principais géneros agrícolas, e a uma legislação que reformava e regulava todo o sistema da Bolsa.

Domingo, 12 de Março de 1933, uma América que pela primeira vez parecia novamente entrever uma luz, reuniu-se em torno dos aparelhos de rádio para escutar o primeiro dos Fireside Chats, «as cavaqueiras ao lado da lareira», que deviam tornar-se características do estilo familiar do

— a especulação, os grandes magnates — que em 1929 o haviam levado à ruína. Sob este aspecto, o símbolo mais tocante dos novos tempos teve-se em Maio, quando uma nova manifestação dos veteranos não encontrou pela frente as cargas armadas do general Mc Arthur ou a aviltante necessidade das barracas a duas milhas da Casa Branca. O presidente e sua mulher, Eleanor Roosevelt, uma first lady cuja influência sobre as relações de identificação e de afecto entre governantes e governados nunca foi, talvez, igualada, afrontaram a lama e a chuva para se deslocar no meio dos veteranos da Primeira-Guerra Mundial, cantaram sob as bandeiras, comeram em conjunto do mesmo rancho, nas cozinhas de campanha apetrechadas pelo exército. «Hoover — disse um velho soldado — tinha mandado as espingardas. Roosevelt mandou sua mulher».

E era este, em meados do ano de 1934, o sentimento dominante numa nação que saía lentamente e trabalhosamente da miséria, das humilhações, do medo da «grande depressão»: o país sentia — escreveu o já citado Robert Goldston — «... que as rodas do governo recomeçavam finalmente a girar, que o presidente se ocupava com o seu povo, que os esquecidos, ao fim e ao cabo, já o não eram. Era um sentimento baseado, se quisermos,

tempo, da grande tentação de ideologias irracionais, de reacções isolacionistas e fascistas ao New Deal, como as de Huey Long e do pregador Coughlin. E, de resto, o New Deal, como todas as grandes fases de transição da História, necessitaria de uma narração autónoma e bastante mais complexa do que aquela que, aqui, é apenas aflorada, como saída para a «grande depressão», da mesma maneira que esta última afundava as suas raízes numa crise produtiva, mas também moral, a seguir ao primeiro conflito mundial.

O que nos parece importante sublinhar é mais a enorme importância que a «grande depressão» teve no forjar da América e dos americanos para toda uma era subsequente, que chega até aos nossos dias. O presidente Nixon é o filho de um pequeno agricultor de Yorba Linda (Califórnia), arruinado pela crise e obrigado a deixar a sua terra ao banco que lhe havia feito um empréstimo hipotecário. Depois, quando a crise se torna mais aguda, Nixon trabalha oito horas por dia na bomba de gasolina que o pai conseguiu comprar, e, à noite, trabalha como carpinteiro e marceneiro. Certas feridas permanentes, num adolescente pobre como era então o futuro presidente dos Estados Unidos, não se esquecem: e acabam por condicionar um homem.

Continua na página seguinte

Hã quarenta anos : a "Grande Depressão" nos Estados Unidos

as vermelhas e as terras cinzentas, elevando-se sobre as montanhas, atravessando-as, pertente abaixo, até ao luminoso e terrível deserto, e, de novo através do deserto, em direcção às montanhas, e, finalmente, por entre os ricos vales da Califórnia... A 66 é a hereda de um povo em fuga, os fugitivos das tempestades de pó e terras que se tornaram demasiado pequenas e áridas, os estrépidos dos tractores e de uma propriedade já inexistente, fugitivos de lento avanço para o norte do deserto e do plural dos ventos do Texas, os aluviões que não levam à erra a semente da riqueza e ainda lhe roubam o pouco que ficou... De tudo isto fogem os migrantes, e afluem à 66, vindos de infinitas estradas transversais, por caminho de ferro pelos sulcos abertos nas estradas de campo... A 66 é a estrada mãe, a estrada da fuga...

Nem a caridade privada nem as iniciativas dos governos locais, quer dos Estados, quer

A FEBRE DO PÃO

Continuação da página anterior

mem àquela prudência, àquele low profile, àquele evitar das grandes aventuras, àquele procurar no provincialismo e nos valores pequenos mas seguros da conservação, a essência da vida e da política.

Por sua vez, Humphrey, que já foi rival de Nixon nas eleições presidenciais de 1968, e que, provavelmente, o será também em 1972, é filho de um droguista de Dakota do Sul. Também ele pobre, também ele obcecado pelas contínuas tempestades de areia — bem 72 numa só estação —, também ele, finalmente, obrigado a fugir para a grande cidade. A «grande depressão», recorda o célebre pregador Billy Graham, também ele um desses filhos como Nixon e Humphrey, condicionou, para os anos futuros, a gente de duas maneiras: «... uma materialista, levando a grande maioria a pensar que o dinheiro, os bens sólidos, eram a coisa mais importante da vida, e que o objectivo principal da existência era o de acumular o mais possível para si e para os próprios filhos, por forma a que, da fome passada naqueles anos a partir de

1929 se esquecesse até a recordação... Outros, uma minoria, começaram a perguntar-se se, por acaso, não estivesse errado o sistema...»

Que o «sistema» tivesse uma tendência histórica para repetir certos erros, muitos americanos o terão pensado em 1969 e 1970, quando de novo Wall Street foi preso no tornio das baixas, o desemprego atingiu 6 por cento, e, sobretudo, em certas indústrias (a aeronáutica e espacial, por exemplo), muitos técnicos e dirigentes se encontraram, se não a vender maçãs como nos anos 30, a fazer bicha para um lugar de desenhador ou de condutor.

O confronto com a «grande depressão», embora inadequado, tornou-se bastante comum nos jornais e na televisão. E um psicanalista-sociólogo podia divertir-se e estudar quais os segretos instintos masoquísticos que haviam impellido os americanos, sobretudo os jovens, para um reviver da nostalgia dos anos 20 e 30, em cada manifestação da moda e do espectáculo ligeiro. Um dos best-sellers do ano de 1971 foi *Hard Times* — tempos difíceis — uma crónica ao registador

da «grande depressão» na recordação daqueles que a haviam vivido.

Mas a América de 1971, e o mundo de 1971 como se viu pela conclusão de uma importante trégua, em Washington, em Dezembro, entre a Europa e os Estados Unidos, numa espécie de ameaçadora guerra monetária e comercial, não eram os de 1929. Como escrevia recentemente Raymond Cartier, no espaço de quarenta anos «... a América transformou-se, da nação de plutocratas e de proletários que era, num país de classes médias. Os impostos nivelam os rendimentos. As pensões, as indemnizações de desemprego, o sistema do bem-estar são, também, quando no meio de abusos colossais, como amortizadores que atenuam os sobressaltos da Conjuntura. Uma quebra do poder de compra como o que se verificou nos anos de 1929 e de 1932, é hoje quase inconcebível. A economia pode ter, e tem, quebras, mas parece impossível voltar a ver as Hoovervilles e os desempregados obrigados a vender maçãs pelas ruas.»

Republicano como Hoover, e como ele teoricamente fautor da livre iniciativa do mercado e contrário ao dirigismo económico, no próprio momento em que a crise estava a tornar-se perigosa, Nixon interveio decididamente nas alavancas da economia, bloqueando preços e salários, desvalorizou o dólar e encaminhou, como previsão para as eleições de Novembro de 1972, toda uma série de controlos que estão a dar confiança ao país e que, provavelmente, lhe garantirão um segundo mandato na Casa Branca, o que, ainda uma vez mais, indirectamente, confirma quanto a «grande depressão» influíu nos destinos da América e na reorganização do velho capitalismo.



A estrada nacional n.º 66, na qual se concentrava o fluxo dos emigrantes, era chamada a «estrada da fuga»

SUPERMANOS

A CASA SIMPÁTICA

Televisão	2.990\$00
Frigoríficos	1.900\$00
Trituradores	260\$00
Secadores de cabelo	140\$00
Cassetes	35\$00
Relógios de cozinha	300\$00

**VENDAS
 A
 PRAZO**

LARGO DO MASTRO, 5 — TEL.: 561555

Passé
um maxi fim-de-semana
com um mini frigorífico!



OFERTA
em cada frigorífico
BOSCH

**CONDIÇÕES
ESPECIAIS**

24 prestações

**sem entrada inicial
encargos**

Carlar
Sede Rua Luis de Camões, 5A-5B - Lisboa Filial: Av. 5 de Outubro, 182 - Setúbal
Rua de Sta Marta, 33A - Lisboa

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

**CONCURSOS DE GÉNEROS ALIMENTÍCIOS
PARA O 3.º TRIMESTRE E 2.º SEMESTRE
DO ANO DE 1972**

Fornecimento durante o 3.º Trimestre

Concurso Público n.º 42	— Hortaliças
» » » 43	— Batatas
» » » 44	— Frutas

Fornecimento durante o 2.º Semestre

Concurso Público n.º 45	— Carnes diversas, miudezas e seus derivados.
» » » 46	— Legumes secos
» » » 47	— Vinhos e Vinagres
» » » 48	— Peixe congelado
» » » 49	— Azeite e óleo comestível

Concurso limitado n.º 1807	— Alhos
» » » 1808	— Azeitonas
» » » 1809	— Concentrado de laranja e tomate
» » » 1810	— Dobrada desidratada
» » » 1811	— Ervilhas e favas (enlatadas ou congeladas).
» » » 1812	— Farinha Maizena
» » » 1813	— Tapioca
» » » 1814	— Queijo creme ou flamengo
» » » 1815	— Cebolas
» » » 1857	— Atum

Recebem-se propostas às 9,15 horas do dia 5 de Junho próximo para os mencionados concursos.

Os interessados poderão consultar e pedir no Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa (Hospital de S. José), em qualquer dia útil, das 9 às 11,30 e das 14 às 16 horas e aos sábados das 9 às 12 horas, os respectivos cadernos de encargos.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 18 de Maio de 1972.

O CHEFE DO SERVIÇO

(a) Alexandre Pinheiro



AS ESCAMAS DIZEM A IDADE DOS PEIXES

Grças a um exame às escamas, os especialistas e técnicos das pescas podem determinar a idade dos peixes.

A idade de um grande número de peixes está regulada nas escamas, por pequenos círculos concêntricos semelhantes aos que se podem ver, nos que se formam anualmente, no tronco das árvores. Examinando-se atentamente esses círculos e contando-os, é possível determinar a idade dos peixes.

Esta informação é importante para se poder saber a taxa de crescimento e de desenvolvimento dos peixes, num determinado meio. Por exemplo, os piscicultores podem querer saber quais são as espécies que se desenvolvem os peixes em função dum regime alimentar especial.

A determinação da idade dos peixes é a tal ponto importante para a ictiologia e para a produção de peixe que a Comissão Europeia para a pesca nas águas interiores, da FAO (Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura) se esforça por uniformizar as normas utilizadas para o exame das escamas. A Comissão, onde estão representados 22 países publicou já vários relatórios sobre este assunto, entre os quais um estudo efectuado por Roman Sych da Polónia, pertencente ao Instituto das pescas interiores de Varsóvia. Essa Comissão colabora também com a Sociedade das pescas das Ilhas Britânicas e com a Associação biológica das águas doces, com o fim de organizarem uma reunião internacional sobre este assunto.

Os círculos são provocados por alterações no metabolismo dos peixes, que podem ser consequência de numerosos factores, entre os quais a modificação do meio ambiente, por exemplo uma mudança da temperatura da água. Os círculos distinguem-se quando examinados ao microscópio, ou, para os peixes maiores, olhando-os, à transparência. Apresentam, na sua maior parte, uma grande analogia com os círculos que se podem observar num corte dum tronco de árvore, enquanto que outros são mais semelhantes a impressões digitais.

O método pode ser aplicado ao estudo de um grande número de peixes de escamas, assim como para outras espécies de água doce e também para espécies marinhas. É contudo difícil utilizá-lo, porque os círculos às vezes estão confusos ou deformados. Existem também outras maneiras para determinar a idade dos peixes, por exemplo pelo tamanho ou por um estudo da espinha.

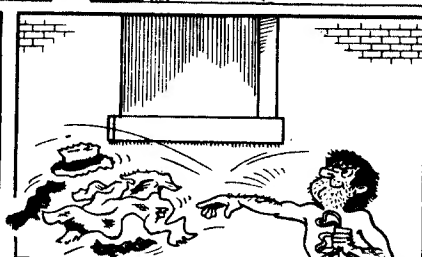
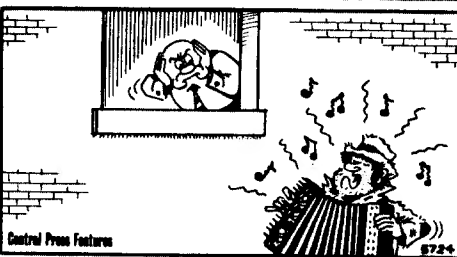


CÃES CIVILIZADOS

As cerimónias inaugurais são normalmente ocasiões solenes. A dona do cão Ptolemeu não conseguiu, no entanto, reprimir o riso, quando ele se dispôs a fazer as honras ao novo «toilette» para cães «snobs» no mais «snob» bairro de Londres. Parece que, ultimamente, os cães vinham deixando vestígios pouco «snobs» nas elegantes ruas de Kensington e Chelsea, em Londres. Daí a implantação destas «toilettes» destinadas a tornar os cães «mais civilizados» e nas quais está afixado um cartaz com os dizeres: «Por favor, ensine o seu cão a ser limpo». (Sun/DL)



CAROL DAY - Emergency!



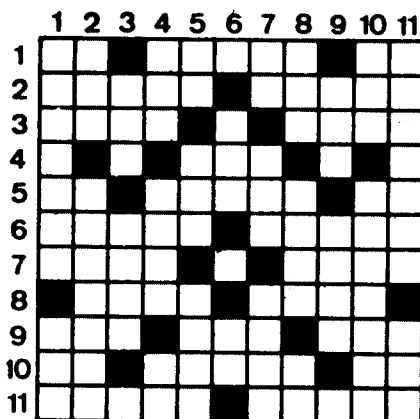
palavras cruzadas

COM PROVÉRBO

PROBLEMA N.º 10096

HORIZONTAIS:

- 1 Autores (abrev.). Percorrer. Campeão.
- 2 O mesmo que romano. Principio.
- 3 Uma das partes do mundo. Rio da Turquia.
- 4 Rio da U. R. S. S.
- 5 Tempo do verbo haver. Predestinar. Apelido.
- 6 Estíma. Enxugar.
- 7 Pouco dinheiro (pop). Cidade de Itália.
- 8 Montão de coisas. Germe (fig.).
- 9 Ligue. Guarneço de asas. Chiste.
- 10 Tempo do verbo ir. Garras. Niquel (s. q.).
- 11 Em Damão, horta. Grande sabão.



VERTICAIS:

- 1 Redes de metal para colocar postais. Nome de fruto.
- 2 Preposição e artigo definido (pl). Tornar ténido.
- 3 Pronome pessoal. Esmorece (fig.).
- 4 Três iniciais que se encontram juntas em muitas passagens bíblicas com o significado de ah! Tramam (fig). Amónio (s. q.).
- 5 Laço. Cabelos brancos. Ilha do Pequeno Belt.
- 6 Nome que se dá ao comboio expresso de Paris. Sua Majestade. (abrev.).
- 7 Atmosfera. Chefe etíope. Rates.
- 8 Monarca. Enche com reboos ou pedras pequenas (vão de parede). Sadia.
- 9 Grande. Tombas.
- 10 Apelido. Cidade de Itália, na margem do Magra.
- 11 Cidade de Itália. Feixe.

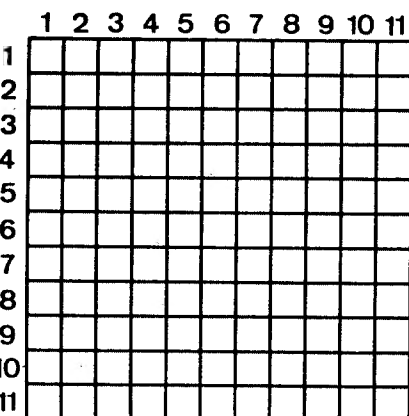
Resolveu completamente este problema?
Procure agora um segundo passatempo o PROVÉRBO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6254

HORIZONTAIS:

- 1 Querela (ant.).
- 2 Arsénio (s. q.). Ilha da Jugoslávia, no mar adriático. Bata.
- 3 Nome de peixe. Porto do Japão.
- 4 O mesmo que ilense. Rezar.
- 5 Em as. Reverendo (abrev.). Ave pernalta.
- 6 Canapés.
- 7 Comum (fig). Correia.
- 8 Partida.
- 9 Seiva de pinheiro. O mesmo que airo.
- 10 Doutora. Citação (abrev.). Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho.
- 11 O primeiro sumo sacerdote dos Hebreus. Capital do Tibete, a beira do Quixu.



VERTICAIS:

- 1 Jesuíta francês que foi o mais notável comentador estrangeiro de «Os Lusíadas». Fimbria.
- 2 Confusão (fig). Malha de cor diferente, redonda, no pelo da rés (Amazônia).
- 3 Zombas. Dormir (Infant).
- 4 Alguma coisa. Rainha da Arábia, também conhecida por Belkiss.
- 5 Ninho. O mesmo que caldo (gir). Cobalto (s. q.).
- 6 Césio (s. q). Por especial favor (abrev.). Moral.
- 7 Sufixo que designa abundância. Fêmea do boi. Tálho (s. q.).
- 8 Largo de Lisboa. Carbonato de sódio.
- 9 Medida de superfície. Que não são frequentes.
- 10 Maquinar (fig). Duna na Suécia.
- 11 Ave da família dos cotingidas. Inutiliza.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10095

HORIZONTAIS:

- 1 UM. DOIDO. Ar.
- 2 Ramas. Ataca.
- 3 Bion. Avis.
- 4 Enal. Rua. Ato.
- 5 Adro. FARA.
- 6 Iodaria.
- 7 Ar. Lária. Ag.
- 8 CEM. DCC. Abu.
- 9 Emala. Opera.
- 10 Taia. Arad.
- 11 Erros. Grosa.

VERTICAIS:

- 1 Urbe. Cacete.
- 2 Maina. Remar.
- 3 Moadi. Mair.
- 4 Dan. Rol. Lao.
- 5 Os. Rodada.
- 6 Du. Arc.
- 7 Da. Africo.
- 8 Ota. Aia. Par.
- 9 Avara. Aero.
- 10 Acida. Abras.
- 11 Raso. Aguac.

PROVÉRBO: Um doido, fará cem.

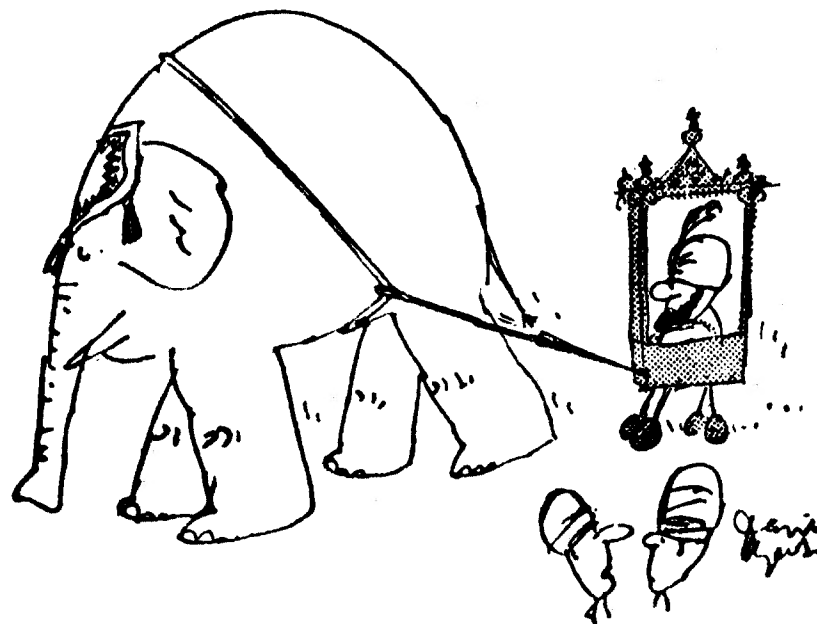
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6253

HORIZONTAIS:

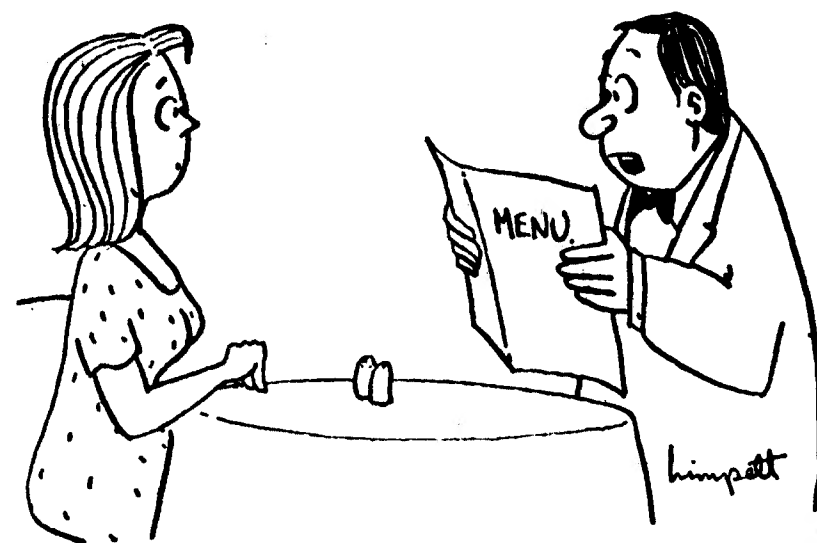
- 1 Pe. Iburá. Es.
- 2 Ala. Ora. Cre.
- 3 Ralar. Polar.
- 4 Sina. Aras.
- 5 Ao. Cs.
- 6 As. Sonda. Ca.
- 7 Mul. Lai. Ion.
- 8 Barre. Aferi.
- 9 Arei. Asas.
- 10 Rande. Rodim.
- 11 Ameou. Une.

VERTICAIS:

- 1 Par. Suabara.
- 2 Elas. Suaram.
- 3 Alia. Irene.
- 4 Anos. Rido.
- 5 Bora. Olé. Eu.
- 6 Ur. Ina.
- 7 Rapça. Dia. Ru.
- 8 Orça. Fão.
- 9 Clás. Iesde.
- 10 Eras. Corai.
- 11 Ser. Ranismo.



— Ele tem medo das alturas



— Eu bem te dizia que os preços neste restaurante são muito puxados. Aliás, só me apetece um café. E a ti, o que é que SÓ te apetece?

BARZEL, O ANTI-BRANDT



Depois de ter sido o mais jovem director-geral do Ministério, o mais jovem ministro e o mais jovem chefe de grupo parlamentar da Alemanha Federal, o **leader** da União Cristã-Democrática (CDU), Rainer Barzel, procurou na passada quinta-feira tornar-se também o seu mais jovem chanceler. Faltavam quarenta e cinco dias para o seu quadragésimo aniversário, e faltaram-lhe exactamente dois votos para conseguir a maioria absoluta de 249 necessários, segundo a Constituição alemã, para derrubar o governo: neste caso, a coligação liberal-socialista de Willy

Brandt. O facto é que, talvez pela primeira vez na sua vida, Rainer Barzel errara as contas: antes de apresentar a «moção de confiança construtiva» assegurara-se que dois deputados liberais — Kienbaum e von Kuhlmann-Stumm — há tempos em desacordo com a Ostpolitik de Brandt, votariam por ele, permitindo-lhe, assim, inverter a relação de forças no Parlamento e chegar ao poder. Não tinha, pelo contrário, previsto que dois dos seus companheiros de partido, aproveitando o voto secreto, se viriam a abster, deitando por terra o seu desígnio. Quando soube

ter sido vítima de franco-atiradores, Barzel empalideceu sob o seu eterno bronzado: «Traidores», ouviram-no murmurar. «Se alguma vez conseguir identificá-los, porei fim à sua carreira política».

Porém, não obstante este passo em falso, Barzel continua persuadido que, no máximo durante o ano de 1973, se tornará o quinto Chanceler da República Federal, depois de Adenauer, Erhard, Kiesinger e Brandt. O acontecimento significaria uma reviravolta importante na história do país com Barzel, de facto, entrando pela primeira vez no Palácio

Schaumburg um homem originário dos territórios orientais, agora ocupados pela Polónia e pela URSS; um homem que ainda usava cueiros quando Hitler subiu ao poder em 1933; um homem, finalmente, que tem feito toda a sua carreira no aparelho do partido, subindo, degrau a degrau, a escala hierárquica.

Rainer Candidus Barzel nasceu em Braunsberg, na Prússia Oriental, no seio de uma família da pequena burguesia; mas os seus laços com a terra dos Junker parecem ser apenas anacrónicos. Com efeito, é católico, foi educado num colégio de jesuítas e, com os seus cabelos negros e anelados a sua tez cor de azeitona e o queixo um pouco pronunciado, assemelha-se mais a um mercador grego do que a um cavaleiro da Ordem Teutónica. Depois de ter participado, sem se distinguir, nos últimos três anos de guerra como oficial da aviação, Barzel chegou em 1945 à Renânia, onde se formou em jurisprudência e começou a ocupar-se de política a nível local. Em 1948, inscreveu-se na recém-nascida «União Cristã-Democrática», e depressa se tornou o homem de confiança de Karl Arnold, que era então o expoente máximo da ala esquerda do partido. A associação, todavia, não durou muito tempo. Uma vez entrado na simpatia de Adenauer, que o definiu «hábil e astuto», Barzel fez uma gradual conversão para o centro: entrou no **Bundestag** com as eleições de 1957, obteve, já em 1962, o cargo de ministro dos Negócios Pan-Alemães e, dois anos depois, o de chefe do grupo parlamentar democrático-cristão que tinha, naquela altura, a maioria absoluta no Parlamento. Nestas qualidades, Barzel foi **magna pars** de conjura «palaciana» dos dirigentes democratas-cristãos que derrubaram Ludwig Erhard, acusado de ter administrado mal a herança de Adenauer. Porém, a sua tentativa para suceder ao chanceler não teve êxito e o cargo coube ao mais esperto e popular Kurt Georg Kiesinger.

A lição convenceu Barzel de que, em política, a pressa é uma má conselheira. Em vez de insistir abertamente no seu objectivo, preferiu construir, com paciência e método, uma «base» no partido. Salvo poucas excepções, não conseguiu ser simpático aos seus colegas; julgavam-no um pouco excessivamente intrigante, arrivista e ambíguo, tanto que alguém lhe pôs a alcunha de «enguia». Mas ninguém lhe negava as qualidades de homem político: hábil tático, mantinha magistralmente sob vigilância a oposição social-democrática no **Bundestag**; profundo conhecedor dos homens, sabia sempre obter dos deputados aquilo que queria. A medida exacta do seu talento teve-se quando Kiesinger foi obrigado a fazer uma aliança provisória com Brandt, dando vida à que foi chamada a «grande coligação»: ninguém podia competir com Barzel nas manobras de corredor, nas complexas negociações, nas operações um tanto bizantinas que caracterizaram aquela época da vida política alemã.

Estes trabalhos começaram a dar os seus frutos quando, em 1969, os democratas-cristãos foram inesperadamente batidos e se acharam relegados para a oposição após vinte anos de permanência no poder. Enquanto os outros maiores — de Kiesinger a Schroeder — se deixaram colher pela confusão, Barzel empunhou sólidamente as rédeas do partido e guiou-o nos primeiros as-

salto contra o governo de Brandt. Convencido de que, com a **Ostpolitik** e com os sintomas de crise económica, a luta teria acabado por se radicalizar, deu um novo passo à direita e aliou-se com Franz-Josef Strauss, o fogoso e intransigente chefe dos democratas-cristãos bávaros. E com o apoio de Strauss pôde, finalmente, tornar-se o **leader** do partido.

É necessário dizer-se que a escolha suscitou muita perplexidade nas fileiras democrático-cristãs. As sondagens de opinião indicavam não só que Barzel era pouco popular e não possuía os dotes de «locomotiva eleitoral» de um Adenauer ou de um Erhard, mas encontrava, pelo contrário, uma absoluta e aberta desconfiança em vastos estratos do eleitorado. Depois da sua afirmação no Congresso de Saarbrücken, o semanário **Stern** (que, não obstante, lhe é hostil) interrogou três grandes agências de publicidade sobre o modo pelo qual teriam iniciado a seu favor uma hipotética campanha eleitoral: todas as três agências interrogadas acordaram que a «imagem» de Barzel fora revista de alto a baixo e se ele não se tivesse sujeito a esta espécie de «conversação de personalidade» teria sido invendível como candidato à Chancelaria.

Este juízo é, em parte, discutível. Barzel é, mesmo na sua vida privada, um homem moderno e dinâmico, perfeitamente sintonizado com os gostos e as orientações dos seus concidadãos. Faz os 500 metros numa piscina de Bad Godesberg, patina com notável

quizar largamente o apoio da indústria que, a partir de 1969, tinha voltado, em parte, as costas ao CDU; em segundo lugar, corroe gradualmente a posição de Brandt no Parlamento, induzindo quatro deputados liberais a sair da coligação; finalmente, suscitou no país um alarme pela inflação, pelo aumento do desemprego e pelo incerto andamento da conjuntura, por forma a minar a confiança no governo e a preparar o terreno para novas eleições.

O campo de batalha previamente escolhido por Barzel para dar xeque mate a Brandt, foi a rectificação dos tratados com a URSS e com a Polónia, porque, aqui, a coligação liberal-socialista era mais frágil. O **leader** democrata-cristão conduziu a luta sem exclusão de golpes, chegando a desfrutar, quase na véspera da votação, protocolos secretos das negociações de Brandt com o Kremlin, dos quais se podia concluir que o Chanceler tivesse «vendido» o seu país aos soviéticos. Mas, pessoalmente, Barzel nunca foi hostil a uma reconciliação com o Leste, e tem reconhecido muitas vezes que a herança da guerra estava, de qualquer modo, liquidada. Os receios, muito difundidos no Ocidente, de que, se a CDU pudesse ascender ao poder, os tratados eram pura e simplesmente rasgados e se voltaria a uma atmosfera de guerra fria, não parecem, por isso, fundados. Na aparência, a situação é muito delicada. Barzel, de facto, afirma que não está disposto a ratificar tratados sem os ter, primeiramente, negociado, e os russos e os polacos respondem ameaçadoramente que não estão dispostos a modificar nem uma vírgula. Porém, ambas as posições táticas, com todas as probabilidades, o primeiro acabaria por

EXCLUSIVO
«EPOCA» / «DL»

desenvoltura sobre o gelo, guia com aspecto desportivo o seu BMW 2500 cor de prata. Não desdenha um bom copo de **whisky**, dança discretamente, e passa de boa vontade — quando lhe é possível — um fim-de-semana numa localidade elegante. Os seus fatos são sempre à moda (para alguns, «demasiado» à moda). A sua única filha, Cláudia, de 22 anos, definiu-o como um homem fantástico. Mas o público que o conhece, mais do que a qualquer outro, através da televisão, considera-o frequentemente «afectado», antipático, «demasiado agressivo». Segundo alguns peritos, o que lhe falta é a **Vaterfigur** (o aspecto do pai de família). «O insucesso popular de Barzel», disse um destes estudiosos de demoscopia, «demonstra que nós, alemães, não estamos ainda amadurecidos para sermos governados por um **manager**».

Se durante os sete meses decorridos desde que recebeu a investidura oficial do seu partido, Barzel não conseguiu aumentar muito a sua popularidade, obteve, todavia, numerosos e importantes êxitos políticos. Antes do mais, soube recon-

se contentar com modificações mais formais do que substanciais, e os segundos aceitaram-na para não voltar a pôr em discussão aquilo que mais lhes agrada (isto é, o carácter definitivo das fronteiras de 1945) e para não comprometer a convocação da conferência sobre a segurança europeia.

Tão-pouco na frente da CEE, um eventual render da guarda em Bona suscitaria apreensões. Barzel é um europeísta não menos convicto do que o actual chanceler e, talvez, mais do que este último, pudesse entender-se com os **leaders** conservadores, como Pompidou e Heath. «Brandt», disse-nos há alguns meses Barzel, «olha com um olho para Oeste e com outro para Leste. Nós olhamos com os dois olhos para Oeste, e voltaremos o olhar para Leste só quando o pudermos fazer conjuntamente com os nossos «parceiros», de pleno acordo». Porém, adentro da Alemanha — que há vinte e cinco anos é o país mais estável da Europa, politicamente falando — os acontecimentos destes últimos dias provocaram um grande trauma. A melhor prova é que, pela primeira vez no pós-guerra, houve greves de carácter político com apoio ao governo. Mesmo que consiga tornar-se chanceler, Rainer Barzel deverá ter que se afadigar bastante, procurando trazer ao país a calma, o equilíbrio e o espírito de recíproca colaboração que, até agora, lhe tem dado força.

CONHEÇA O ULTRAMAR CRUZEIRO AÉREO A ANGOLA

Promovido e subsidiado pela
AGÊNCIA-GERAL DO ULTRAMAR
e pela PROVÍNCIA DE ANGOLA.

14 a 29 de Agosto — 11 500\$00 ou 8 500\$00

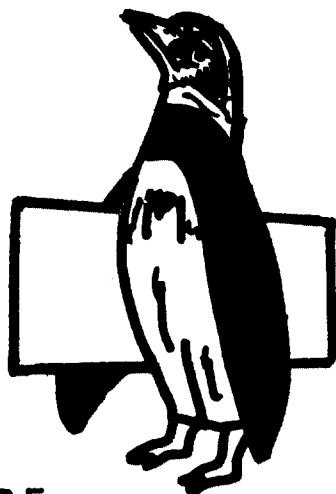
Inscreva-se IMEDIATAMENTE

INFORMAÇÕES: AGÊNCIA-GERAL DO ULTRAMAR

Av. Ilha da Madeira — Lisboa

CHAPAS ACRÍLICAS VIDRO PLÁSTICO

PRODUTO DA INDÚSTRIA
PORTUGUESA



Sadoplas

FABRICO DE
plásticos do SADO, LDA.

LISBOA
AVENIDA 28 DE MAIO, 51/A
TELEF. 76 17 83

PORTO
RUA FÁRIA GUIMARÃES, 260
TELEF. 49 04 78

AUTO-MONUMENTAL DO AREIRO, SARL

AGENTE OFICIAL DO DISTRITO DE LISBOA

VOLKSWAGEN

AV. PADRE MANUEL DA NOBREGA, 8, 8C e 8D
(AO AREIRO) TELEF. 727654-727665-713057



SERVIÇO

estação de serviço
peças legítimas
e oficinas
carros novos e usados
com garantia
facilidades
de pagamento,